

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JOSÉ ROBERTO MONTEIRO DA FONSECA

MUIRAQUITÃ:
O FESTIVAL INTERNACIONAL
DE MÚSICA DE CÂMERA DO PARÁ - OS 10 PRIMEIROS ANOS (1988-1997)

CURITIBA

2009

JOSÉ ROBERTO MONTEIRO DA FONSECA

MUIRAQUITÃ:
O FESTIVAL INTERNACIONAL
DE MÚSICA DE CÂMERA DO PARÁ - OS 10 PRIMEIROS ANOS (1988-1997)

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Música, Área de Concentração em Musicologia Histórica, Departamento de Música e Artes Visuais, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Música.

Orientador: Prof. Dr. Maurício Dottori

CURITIBA

2009

Catálogo na publicação
Sirlei do Rocio Gdulla – CRB 9ª/985
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Fonseca, José Roberto Monteiro da
Muiraitã: o Festival Internacional de Música de Câmara do
Pará –os 10 primeiros anos (1988-1997) / José Roberto Monte-
iro da Fonseca. – Curitiba, 2009.
118 f.

Orientador: Profº Dr. Maurício Dottori
Dissertação (Mestrado em Música) – Setor de Ciências
Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

1. Música – Pará. 2. Festival Internacional de Música de
Câmara do Pará. 3. Instituto Estadual Carlos Gomes – Pará.
4. Música – concertos – Pará. 5. Orquestra de câmara – Pará.
I. Título.

CDD 785.079
CDU 785.7

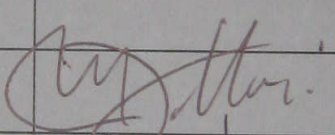
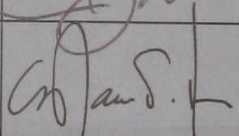
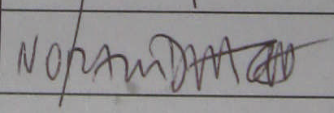
PARECER

Defesa de dissertação de mestrado de JOSÉ ROBERTO MONTEIRO DA FONSECA para obtenção do título de **Mestre em Música**.

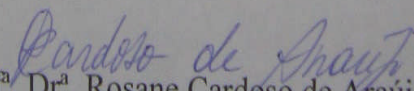
Os abaixo assinados MAURÍCIO DOTTORI, MARCOS TADEU HOLLER E NORTON DUDEQUE argüiram, nesta data, o candidato, o qual apresentou a dissertação:

“Gloriana: O festival internacional de música de câmara do Pará – os 10 primeiros anos (1988 – 1997)”

Procedida a argüição, segundo o protocolo que foi provado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que o candidato está apto ao título de **Mestre em Música**, tendo merecido os conceitos abaixo:

Banca	Assinatura	APROVADO Não APROVADO
MAURÍCIO DOTTORI - UFPR		APROVADO
MARCOS TADEU HOLLER - UDESC		APROVADO c/ CORREÇÕES
NORTON DUDEQUE - UFPR		APROVADO COM CORREÇÕES

Curitiba, 22 de maio de 2009.


Prof.ª Dr.ª Rosane Cardoso de Araújo
Coordenadora do PPGMúsica

Prof.ª Dr.ª Rosane Cardoso de Araújo
PPGMÚSICA - Programa de Pós-Graduação em Música
COORDENADORA
Matrícula SIAPE 1513124

AGRADECIMENTOS

À Profª Drª Rosane Cardoso, pela ajuda dada para meu ingresso neste curso.

Ao Prof. Dr. Maurício Dottori, pela orientação e demais ajudas dadas para a finalização deste trabalho em tempo exíguo.

RESUMO

A partir da década de 1970, o estudo da música em Belém do Pará, teve um crescimento significativo com ampliação dos cursos de instrumentos. Consecutivamente, a criação da Fundação Carlos Gomes, na década de 1980, veio impulsionar ainda mais a formação de novos músicos profissionais paraenses e o avanço nas práticas musicais eruditas nessa cidade. A criação do Festival Internacional de Música de Câmera do Pará em maio de 1988, além de proporcionar a audiência de música de concerto sem pagamento de ingressos, levou à formação de um público para a música de concerto em constante renovação e o intercâmbio entre os músicos eruditos paraenses e de outras localidades do Brasil, e do exterior, revivendo práticas da época colonial paraense, quando a capital mantinha contato direto com a metrópole portuguesa e a música consumida em Belém vinha diretamente da Europa. Este trabalho apresenta a narrativa histórica da primeira década de realização do referido festival, de seus agentes realizadores, do seu repertório, da sua aceitação pelo público paraense e da renovação dada por ele no âmbito da música de concerto na capital paraense.

PALAVRAS-CHAVE: Festival, música de concerto, Belém do Pará.

ABSTRACT

Starting in the 1970's, the study of the music in Belém do Pará had a significant growth with the enlargement of the courses of musical instruments. The creation of the Fundação Carlos Gomes in the decade of 1980 gave a further impulse to the formation of new professional musicians in Pará and consequently to progress in the Art music practices. Then, the creation of the International Festival of Chamber Music of Pará in May of 1988, besides giving the public free concert music, it provided for the formation of a concert-music audience, which is in constant renewal, and for the exchange between paraenses concert musicians and from other places of Brazil, and abroad, thus re-enlivening practices dating from the colonial paraense times when the capital had direct contact with the Portuguese metropolis and music consumed in Belém came directly from Europe. This work presents the historical narrative of the first decade of Festival's accomplishments, of its entrepreneurs, its repertoire, its acceptance by the paraense public and of the renovation given by it to the concert music life in Pará's capital city.

WORD-KEY: Festival, concert music, Belém of Pará.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

IMAGEM 1 –FRONTÃO DO INSTITUTO ESTADUAL CARLOS GOMES EM BELÉM DO PARÁ.....	26
IMAGEM 2 – FRONTISPÍCIO DE UM PROGRAMA DE CONCERTO PROMOVIDO PELA SECDET (ACERVO VICENTE SALLES, MUSEU DA UFPA).....	33
IMAGEM 3 – FRONTISPÍCIO DE UM PROGRAMA DA TEMPORADA 1979 DE CONCERTOS PROMOVIDOS PELA EXTINTA SECDET (ACERVO VICENTE SALLES, MUSEU DA UFPA).....	37
IMAGEM 4 – SALA ETTORE BOSIO NO INSTITUTO ESTADUAL CARLOS GOMES (FOTO DO AUTOR).....	43
IMAGEM 5 – TEATRO DA PAZ EM BELÉM DO PARÁ (FOTO DO AUTOR).....	45
IMAGEM 6 – CATEDRAL DE BELÉM DO PARÁ (FOTO DE AUTOR DESCONHECIDO).....	49
IMAGEM 7 – FRONSTISPÍCIO DOS PROGRAMAS DO III FESTIVAL (ACERVO DO AUTOR).....	53

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - LEVANTAMENTO DE INSTRUMENTOS E INTÉRPRETES POR PROGRAMA.....	30
TABELA 2 - LEVANTAMENTO DE INSTRUMENTOS.....	32

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
REVISÃO DE LITERATURA.....	15
I PARTE: ANTECEDENTES.....	24
1.1 – A SITUAÇÃO DA FORMAÇÃO MUSICAL NO INSTITUTO CARLOS GOMES.....	24
1.2 PANORAMA DA MÚSICA ERUDITA EM BELÉM NOS 25 ANOS QUE ANTECEDERAM A CRIAÇÃO DO FESTIVAL.....	28
1.3 MANTENEDORES.....	33
PARTE II: OS CINCO PRIMEIROS FESTIVAIS.....	38
2.1 A COINCIDÊNCIA: I FESTIVAL.....	38
2.1.2 Mantenedores.....	42
2.1.3 O Repertório do 1º Festival.....	42
2.2 II FESTIVAL.....	44
2.2.1 Uma questão de postura.....	46
2.2.2 Gente de destaque.....	46
2.2.3 Música na hora do almoço.....	47
2.2.4 O Repertório do 2º Festival.....	48
2.3 III FESTIVAL.....	50
2.3.1 O Repertório do 3º Festival.....	52
2.4 IV FESTIVAL.....	54
2.4.1 Homenagem.....	55
2.4.2 Patrocínio.....	56
2.4.3 Destaque.....	56
2.4.4 O Repertório do 4º Festival.....	57
2.5 V Festival.....	58
2.5.1 O Público.....	59
2.5.2 Orquestra de Câmara do Pará.....	63
2.5.3 O Repertório do V Festival.....	64
2.6 VI FESTIVAL.....	66

2.6.1 CD da Orquestra.....	67
2.6.2 Convênio.....	68
2.6.3 Vai e volta.....	68
2.6.4 Gratuidade.....	69
2.6.5 Percussão.....	70
2.6.6 Orquestra Sinfônica.....	71
2.6.7 O repertório do VI Festival.....	71
2. 7 VII FESTIVAL: UMA CELEBRAÇÃO DA MÚSICA.....	74
2.7.1 Coro.....	74
2.7.2 Público e Finanças.....	75
2.7.3 O Repertório do VII Festival.....	76
2.8 VIII FESTIVAL.....	77
2.8.1 Big Band.....	79
2.8.2 O Repertório do VIII Festival.....	80
2.9 IX Festival.....	81
2.9.1 Onze dias.....	82
2.9.2 Waldemar Henrique.....	83
2.9.3 Divulgação.....	83
2.9.4 Carlos Gomes: compositor e Fundação.....	83
2.9.5 Aplausos.....	84
2.9.6 O Repertório do IX Festival.....	85
2.10 X Festival.....	87
2.10.1 Meia-noite de música.....	88
2.10.2 O Repertório do X Festival.....	89
CONCLUSÃO.....	91
REFERÊNCIAS.....	96
DOCUMENTOS CONSULTADOS.....	102
OBRAS CONSULTADAS.....	113
ANEXOS.....	115

INTRODUÇÃO

Ao concluir a monografia de especialização, em 2005, pelo curso de Ensino das Artes na Educação Básica da Universidade do Estado do Pará – UEPA continuei com o desejo de prosseguir na pesquisa musicológica, porém estendendo-a para a segunda metade do século XX. Da música feita nos teatros de Belém desde a época colonial até a primeira metade do século XX, pretendia abranger todos os eventos relacionados à música erudita realizados na capital paraense. Porém, durante a elaboração de meu projeto de pesquisa para o mestrado, convenci-me de que a temática seria extensa demais para uma dissertação e, portanto, deveria encontrar um tema que proporcionasse uma pesquisa aprofundada e pudesse ser realizada dentro do limite de duração do mestrado. Ao mesmo tempo em que apresentasse certo ineditismo dentro da pesquisa musicológica. A escolha, por fim, recaiu sobre o Festival Internacional de Música de Câmera do Pará, que em 2008 alcançou a maioria absoluta com a realização da sua 21ª edição. O fator para escolha desse festival foi principalmente o desconhecimento de qualquer trabalho literário ou acadêmico sobre o assunto. Acreditava assim estar realizando um trabalho absolutamente inédito. Mas eis que durante a coleta de material para a pesquisa descobri que um livro já havia sido escrito em comemoração aos 15 anos de realização do festival, ocorrido em 2002, por Carlos Augusto Vasconcelos Pires e patrocinado pelo Governo paraense, através da Fundação Carlos Gomes, órgão responsável pela política musical nesse Estado brasileiro.

Aquele trabalho não me impediu de continuar a pesquisa, pois é um livro no qual a história do festival se conta de forma resumida e muitas informações concernentes a ele não foram incluídas, deixando-a muito insuficiente, acrescentando-se o evidente trabalho apologético dado ao livro. Nesta dissertação incluí várias informações e referências que considero importantes para uma visão mais abrangente da história do Festival.

Outro fator que contribuiu para a escolha do Festival Internacional de Música de Câmera do Pará em detrimento das outras realizações em Belém foi o fato de ele ter-se tornado o maior acontecimento musical no Estado no decorrer de duas décadas. Portanto, averiguar a sua divulgação e sua aceitação pelo público paraense, estão entres os objetivos principais dessa pesquisa, sendo que o eixo principal da narrativa é o desenvolvimento histórico do Festival registrado nos jornais paraenses para assim se alcançar um parecer sobre o porquê dele ter-se tornado um evento regular e de suma importância no calendário cultural paraense. Os repertórios trabalhados, os órgãos envolvidos em sua administração, os grupos e músicos que lhe deram vida e ajudaram a fazer a sua história, a avaliação dos diversos repertórios executados ao longo dos anos são fatores também analisados. Como se deu o intercâmbio cultural e didático entre a

Fundação Carlos Gomes e os músicos estrangeiros que trabalharam no Pará e ajudaram a reorganizar a formação técnico-musical paraense? São questões que esta pesquisa buscou responder. Para tanto, foram utilizados os acervos da Biblioteca Pública do Pará, do Acervo Vicente Salles da Biblioteca do Museu da UFPA, dos arquivos da Fundação Carlos Gomes, o meu acervo pessoal de programas de concertos e o acervo de programas do Teatro da Paz.

As recentes pesquisas musicais no Pará demonstram o interesse dos pesquisadores paraenses em abarcar um grande período histórico musical, de uma terra onde a pesquisa musicológica, até anos bem recentes, fora realizada de forma pioneira apenas por um pesquisador — Vicente Salles — que durante mais de trinta anos trabalhou sozinho na coleta e análise do material musical do Pará.

Essa musicologia paraense ainda nascente, pouco divulgada e de pouco interesse para novos pesquisadores paraenses, mais voltados para a execução instrumental e a educação musical, deixa o campo musicológico no Pará repleto de temas e documentos por serem trabalhados. Lia Braga Vieira, reconhece o pioneirismo de Vicente Salles e que o “caminho a percorrer” nas pesquisas musicais no Pará é longo¹. Um exemplo disso é o livro *Trilhas da Música* — uma coletânea de oito textos, escritos como dissertação de mestrado dos professores paraenses da Universidade Federal do Pará e da Escola de Música dessa instituição — são apresentados capítulos como “A música do pássaro junino” (Rosa Maria Mota da Silva), “Análise do carimbó de Algodão” (Sônia Maria Reis Blanco), “O Choro em Belém do Pará — Sonoridade regional de um gênero musical brasileiro (décadas de 1970 a 90)” (Maria José Pinto da Costa Moraes), “Uma visão sobre a interpretação das canções amazônicas de Waldemar Henrique” (Márcia Jorge Aliverti), além de trabalhos voltados para a biografia de músicos, como o maestro italiano Ettore Bosio, de Lenora Brito, e o compositor santareno Wilson Fonseca, de Mavilda Jorge Aliverti. A educação musical teve sua parcela com a pesquisa da vida musical do mestre Osmar Santos, envolvendo as bandas de música nos estados do Pará e Amapá, por Maria Lúcia Uchôa,² e a formação dos trompetistas nas escolas profissionalizantes de música. Finaliza o livro o capítulo “O emprego dos termos relacionados em música e a linguagem musical miniatura”, escrito por Ana Margarida de Camargo.

¹ BRAGA VIEIRA, Lia; IAZZETTA, Fernando (ed.). *Trilhas da Música*. Belém: EDUFPA, 2004.

² Salles trabalhou extensamente e com pioneirismo o mesmo tema em *Sociedades de Enterpe*, voltado para a história das bandas musicais no Pará. Edição do autor, 1985, Brasília (DF).

De tal relação nota-se que nenhuma escolha recaiu sobre a realização da música erudita em Belém no final do século XX, seu alcance junto ao público e aqueles interessados em realizá-la na forma de um festival. Portanto, faltava um trabalho que pesquisasse o fim do referido século e que vislumbresse a maior realização do gênero na sua última década.

Registrar a história deste festival de maneira mais extensa é registrar a oferta musical erudita à população da capital paraense no final do século XX, através de um evento musical importante no calendário cultural de Belém e de grande aceitação pelo público de concerto belenense. Ao estudar o seu alcance junto à comunidade será possível averiguar o que ele trouxe de novo, principalmente, para a prática da música de concerto em Belém, considerando-se que o repertório de concerto é seu principal mote. Dada a grande proporção do Festival, a sua importância no cenário cultural e no mundo musical paraense, e os vinte e um anos em que vem sendo realizado, questiona-se por que da sua realização durante todo esse tempo e se os sucessivos governos paraenses, mesmo de diferentes partidos, tiveram alguma participação no Festival. Esse Festival alcançou, na sua história, algum significado para a política cultural paraense?

Parte-se da pesquisa bibliográfica, com coleta de fontes primárias e secundárias, consultas e tomadas de depoimentos de alguns dos participantes do Festival, a fim de se obter informações mais claras sobre o tema estudado. Como auxiliares nesta tarefa, usam-se conceitos e métodos historiográficos provenientes da escola dos *Annales* cujos autores insistiram na diversidade de documentos, que podem e devem, auxiliar o historiador e em se tratando de um tema ainda pouquíssimo explorado e com documentação ainda pouco analisada, a insistência dos *Annales* na “personalidade do historiador”, nas palavras de Bachelar: “Nada é óbvio. Nada está dado. Tudo é construído” (*apud* Caire-Jabinet, 2003). Pois, pela novidade do tema e sua, ainda, pouca abordagem acadêmica, consideram-se os documentos coletados a partir de uma variedade de fontes que determinaram a estrutura da dissertação. Não se pretendeu aqui escrever uma história romanceada ou alcançar a *história total* de Michelet, mas deixar que os documentos falem por si, acrescidos de minha experiência como ouvinte do Festival. Uma história que retome o princípio do grego Tucídides, de que o historiador deve narrar com objetividade os acontecimentos por ele vividos (*apud* Caire-Jabinet, 2003).

Entretanto, além de descrever objetivamente os acontecimentos ocorridos no Festival, sua evolução de um evento musical pequeno para um de grande proporção e as pretensões do público quanto à realidade musical na cidade de Belém do Pará e as intenções da Fundação Carlos Gomes de transformar a cidade em um centro nacional de referência musical, creio ser

recorrente o uso de aportes da história das mentalidades quando esta procura registrar a “história das sensibilidades de uma época” (Caire-Jabinet 2003, p. 138).

REVISÃO DE LITERATURA

“Qualquer Festival freqüentemente é um acontecimento, de linguagem e de expressão criativa; e quando falamos em linguagem na música, não estamos importando modelos verbais para serem aplicados ao que chamamos de linguagem musical”.

Antonio Eduardo/Maria de Lourdes Sekeff³

Há vários festivais de música pelo Brasil. Cada um com uma personalidade própria. Alguns se assemelham, outros são completamente opostos nos objetivos e diretrizes, mas todos eles se tocam no fazer música.

Como são os registros históricos desses festivais em nosso planeta e mais especificamente no Brasil? Há livros que os descrevam? Que registrem suas histórias, suas estruturas e intenções? Por que e para quê eles foram criados? Surgiram como idéias de se fazer um festival musical ou foram consequência de algo? Alguma feliz coincidência os criou? E os músicos? Quem são eles? De onde partiram para deles participar? Que repertórios executaram? Que tipos de música fizeram?

Quais são os trabalhos temáticos escritos para registrar o passar dos tempos nesses festivais musicais, mais especificamente no Brasil? Isto é o que esta revisão de literatura procura responder.

O Brasil é um país onde há vários festivais musicais. A maioria deles nos meses de julho e janeiro: os meses de férias escolares. Mas há um festival que foge a essa regra e se realiza na primeira semana do mês de junho em Belém do Pará: é o Festival Internacional de Música do Pará⁴. O que explica ser ele um festival realizado ainda dentro do calendário escolar é o fato de não ser voltado para o ensino na forma de cursos de férias como a maioria de seus pares brasileiros; mas é um festival todo voltado para o espetáculo musical, para a troca de experiências musicais entre músicos de várias partes do planeta. É um festival para os músicos se apresentarem, bem mais do que para lecionarem para os jovens estudantes.

³ In: Festival Música Nova e Madrigal Ars Viva: Os sons de um laboratório musical. Anais do VI Encontro de Musicologia Histórica. Centro Cultural Pró-Música. Juiz de Fora: 2006.

⁴ Originalmente chamado Festival Internacional de Música de Câmera do Pará.

Nos festivais de Campos do Jordão, Juiz de Fora, Brasília, Curitiba, Londrina, os espetáculos são o fechamento de dias inteiros dedicado aos estudos musicais. No festival paraense, as apresentações são o principal motivo dele existir. As oficinas são realizadas para que os alunos de música da cidade adquiram conhecimentos com os músicos participantes do festival.

No livro *Festival Internacional de Música do Pará 15 anos* de Carlos Augusto Vasconcelos Pires, o autor descreve o festival de seus primórdios ao ano de 2002 de forma sucinta, estruturando sua história em fases, na sua maioria formadas por biênio. Cada capítulo é intitulado em conformidade com o período descrito: “Como tudo começou 1987-1988”; Os primeiros anos 1989-1990; A Consolidação 1991-1992; O Amadurecimento 1993; Dificuldades 1994-1995; Transição 1996-1997; Novos tempos, ma non troppo 1998-1999 e Um Ciclo se completa 2002. Vasconcelos Pires escreveu um livro de exaltação ao Festival Internacional de Música do Pará pouco abordando os seus erros ou os pontos que necessitam de uma melhor estrutura, como o alcance à população belenense da periferia da cidade. Falta em seu livro à identificação da maioria dos músicos e grupos musicais que neles se apresentaram, bem como um maior número das opiniões acerca do Festival, dadas por várias personalidades do mundo cultural e artístico de Belém que nele trabalharam e/ou simplesmente dele participaram como ouvintes. Mesmo assim, é um livro de suma importância por ser o primeiro a registrar a história desse festival musical paraense.

Diferente na estrutura, e bem mais amplo no volume, é *Centro Cultural Pró-Música – Uma contribuição de 25 anos à história da música antiga no Brasil*, escrito por Gilze Bara e Lílían Bicalho sobre pesquisa feita por Adair de Miranda Motta e Nilda Bicalho. As autoras não se detêm somente no Festival de Música Colonial Brasileira e Música Antiga de Juiz de Fora, mas conta toda a trajetória desse centro cultural criador do referido festival e do Encontro de Musicologia História, bem como dos músicos egressos do Pró-Música que fizeram carreira internacional, destacando todos aqueles que fizeram do Pró-Música, do Festival e do Encontro de Musicologia (administradores e artistas) referência internacional. O livro é resultado de uma pesquisa bibliográfica com coleta de amplo material de jornais, revistas, cartazes dos festivais, programas de concertos, fotografias e com muito poucos comentários de participantes do festival. O livro, portanto, é resultado da análise da documentação que registrou o festival ao longo dos anos, com evidente coleta de relatos dos próprios participantes. As autoras preocuparam-se em descrever a história do festival, destacando (e não exaltando) aqueles momentos que a opinião geral daqueles envolvidos com o festival, e logicamente, o julgamento delas próprias consideram de suma importância em sua história.

É estruturado da seguinte maneira: “Introdução” (o porquê da criação do livro), Capítulo I – “Criando um ambiente” (o trabalho do Pró-Música de Juiz de Fora para a criação do festival); Capítulo II – “O primeiro fruto Conjunto Pro Musica Antiqua” (descreve a trajetória desse grupo criado em 1978); Capítulo III – “A Caminho de uma especialização de Excelência – Solistas de Câmara Pró-Música” (a formação e trajetória desse grupo); Capítulo IV – Referência para todo o país Festival Internacional de Música Colonial Brasileira e Música Antiga (o surgimento e desenvolvimento do famoso festival e registro dos nomes importantes em sua história), Capítulo V – “De Minas para o mundo A Carreira internacional de músicos que tiveram sua formação ligada ao pró-música” (trata da trajetória internacional de alguns ex-membros do Pró-Música de Juiz de Fora), Conclusão; Anexos.

Na comunicação *Os dês-caminhos do Festival Música Nova* escrito por Antonio Eduardo e Maria de Lourdes Sekeff e apresentado no V Encontro de Musicologia Histórica (Juiz de Fora, 2002), é feita uma descrição sucinta da origem do Festival Música Nova, de seus objetivos “como um fomentador dos caminhos da música brasileira e sua influência no movimento da nossa vanguarda” (2002, p. 267), a sua ligação com as idéias e práticas do Grupo Música Nova e suas transformações no tempo como conseqüências diretas das mudanças sociais e políticas brasileiras no período das décadas de 1960 e 2000. Registra nomes de alguns de seus fomentadores e busca levantar os parâmetros ideológicos e sociais da nova concepção musical em termos do próprio Festival Música Nova, justificado a partir de sua própria filosofia. No artigo há anexos relacionando estréias de importantes obras musicais apresentadas no Festival entre os anos de 1962 e 1982 e uma tabela de obras estreadas no Festival no mesmo período, escritas por um de seus mentores e na linha de visão dos pesquisadores, um de seus mais importantes membros: o compositor Gilberto Mendes. Por se tratar de uma comunicação as informações são sucintas, porém muito precisas acerca do Festival, suas origens, ideologias e objetivos a ser alcançados. O levantamento do material histórico, teórico e musical buscou a confirmação de que o Festival Música Nova é um movimento que busca a inserção da música erudita brasileira na modernidade, embora tenha encontrado opositores de poder como Camargo Guarnieri, que juntamente com outros compositores nacionalistas, se opuseram ferrenhamente a ele, deixando claro ser o Festival Música Nova, mais que um simples festival musical, sendo um reformador na música erudita brasileira.

Já na comunicação *Festival Música Nova e Madrigal Ars Viva: Os sons de um laboratório musical*, os mesmo autores utilizam uma metodologia descritiva, analítica e interpretativa com a fundamentação teórica ainda sustentada particularmente em Gilberto Mendes como feito no seu

trabalho anterior (“Os Des-caminhos do Festival Música Nova”, 2002). Nesta nova comunicação, o autor Antonio Eduardo, sustenta sua pesquisa nos arquivos da Rádio Cultura de São Paulo, em registros fonográficos levantados por ele e na participação do Madrigal Ars Viva dentro do Festival Música Nova como laboratório musical de compositores ligados ao movimento da Neue Musik. O texto é dividido em três tópicos distintos: 1. Introdução: Movimento Música Nova – origens de um novo gesto sonoro, 2. Festival Música Nova: um signo da pós-modernidade musical e 3. Madrigal Ars Viva: laboratório musical em Santos. No tópico 1 o autor descreve a vinda de Koellreutter para o Brasil e a criação de uma escola de composição brasileira baseada no dodecafonismo germânico, põe Koellreuter no centro do movimento e os compositores brasileiros como seus fiéis discípulos. O autor não tem medo de afirmar que foi Koellreuter que trouxe o dodecafonismo ao Brasil e cita Diogo Pacheco, Klaus Dieter-Wolff⁵ e Olivier Toni como alguns de seus alunos paulistas mais brilhantes e que o ambiente musical nacionalista daqueles anos era retrógrado, segundo afirmativa de Gilberto Mendes. No tópico 2, há a inserção do Festival Música Nova no ciclo histórico da cultura brasileira e no ciclo da modernidade (mais especificamente, o ciclo pós-modernista), sem esquecer que as bases do festival são internacionalistas e não nacionalistas. O FMN alcança a ligação com outros ramos do saber humano (como filosofia, estética, semiótica), possibilitando que o músico pense a si mesmo como compositor. No tópico 3, o Madrigal Ars Viva surge como um laboratório de experimentação e aplicação das idéias e métodos composicionais dos compositores envolvidos com o *Movimento Música Nova* e com o *Festival Música Nova*, bem como se envolvia com o resgate da música renascentista, típica no sul e sudeste do Brasil nos anos 1960. Segundo Gilberto Mendes o coral foi o veículo mais barato para difundir a música (2004, p. 311). De forma direta e sem exaltação, o autor localiza o Madrigal Ars Viva como o porta-voz do Movimento Música Nova dentro do gênero coral.

Na pesquisa musicológica específica do estado do Pará, destaca-se o livro da Prof^a. Dr^a. Lia Braga Vieira *A Construção do Professor de Música* (Belém: 2001), no qual a autora trabalhou uma linha de pesquisa que lhe proporcionou demonstrar os processos de legitimação das idéias e práticas da difusão musical européia e da formação do músico erudito paraense dentro dos parâmetros musicais europeus, dados como os legítimos na formação do músico na capital paraense. A autora tomou o processo de constituição do modelo conservatorial em Belém do Pará como ponto central na averiguação de como se dá o processo da formação de docentes em música. Para isso, retomou outros trabalhos teóricos como os de Vicente Salles para reconstruir,

⁵ Regente alemão que trabalhava em São Paulo (2004, p. 311).

sucintamente, a introdução da música européia em Belém, porém traçando a linha narrativa em torno dos processos de ensino e práticas musicais desde a fundação de Belém em 1616 ao final do século XX. Por meio de entrevistas, consultas a relatórios, ofícios, planos, cartas-consultas, manuais de vestibulares e outros documentos a pesquisadora traçou um perfil histórico, estatístico, qualitativo e social de formação e das influências do modelo conservatorial em Belém do Pará. Seu trabalho está estruturado em quatro capítulos com temáticas distintas, porém que se auxiliam na construção do todo da obra: Capítulo I: Introdução da Música Erudita em Belém do Pará; Capítulo II: A Escola e a difusão do sistema musical erudito em Belém; Capítulo III: A Formação dos Professores de Música e Capítulo IV: Práticas de Ensino da Música.

Como dito, a autora utilizou os trabalhos de Vicente Salles para traçar o seu perfil histórico acerca da introdução da música européia em Belém do Pará. Salles é um autor fundamental para o conhecimento das origens das práticas musicais no estado do Pará. Entre seus trabalhos de destaque encontra-se o primeiro volume de *A Música e o Tempo no Grão-Pará* (Belém: 1980), *Sociedades de Euterpe* (Brasília: 1985) e *Épocas do Teatro no Grão-Pará* (Belém: 1994). Em *A Música e o Tempo no Grão-Pará*⁶, Salles traça uma narrativa histórico-musical, com forte enfoque social da música feita no Pará desde o século XVII (época da fundação de Belém do Pará) até o final do século XIX, período onde se destacou a construção e inauguração do Teatro da Paz e suas primeiras temporadas.

O perfil histórico da pedagogia musical paraense e sua influência na formação da sociedade paraense foi esplanada por Salles na Introdução do livro dividindo-a em três partes: 1. Papel pedagógico e político da música na formação da sociedade paraense, 2. A música no processo colonizador. No seguimento do livro, Salles, debruçou-se no Tempo Colonial 1ª parte, no Desenvolvimento de Relações Musicais no século XIX na 2ª, o Tempo do Teatro da Paz na 3ª e em algumas Figuras Dominantes na Cultura paraense na 4ª parte. Esse livro de Vicente Salles está mais voltado para a história social da música do que especificamente à musicologia histórica, tendo-se em vista a evidente preocupação do autor com a descrição das mudanças sociais e das práticas culturais paraenses no percurso da história. *A Música e o Tempo no Grão-Pará* é uma obra colossal pelo período histórico abarcado e pela quantidade de luz lançada na história da música no Pará e no Brasil. Embora não se debruce sobre os aspectos estritamente musicais, como análise de partituras, a obra é de fundamental importância historiográfica e musical pelas informações passadas.

⁶ Os 2º e 3º volumes continuam inéditos, segundo informação do próprio Vicente Salles.

Outro livro de Vicente Salles que enfoca a história da música no Pará é *Sociedades de Euterpe* (Brasília: 1985), um dos poucos livros brasileiros a abordar o histórico das bandas musicais. Resultado de mais de vinte anos de pesquisas, o livro aborda desde as corporações militares até bandas de música nas comunidades, passando pelas bandas escolares e civis. Várias localidades paraenses, como as regiões Guajarina, Marajoara, do Baixo Tocantins (Cametá), Baixo Amazonas e as cidades de Vigia e Santarém foram pesquisadas com inúmeras visitas a elas feitas pelo pesquisador, deste modo, tendo os documentos e informações coletados in loco.

Se em *A Música e o Tempo no Grão-Pará* Vicente Salles trabalhou o enfoque sócio-musical das grandes corporações oficiais e eruditas, em *Sociedades de Euterpe* o enfoque é para a música considerada não oficial, isto é, das bandas musicais, descobrindo nomes até então desconhecidos para as gerações de músicos dos finais do Novecentos, como Cincinato Ferreira de Sousa.

Uma abordagem semelhante dei à minha monografia *O Vôo da Fênix: Música nos Teatros de Belém (Colônia, Império, República)*, trabalho onde busquei traçar um perfil histórico dos teatros que existiram na capital paraense, da música feita neles, do público freqüentador e de como as atividades musicais neles atingiram a sociedade belenense e provocaram a formação de opiniões diversas, muitas delas discriminatórias, de qual o repertório musical e público deveria freqüentar este ou aquele teatro. Portanto, traçando um perfil estético (repertório) e social (costumes, opinião) essa monografia também se insere na história social da música, porém é um trabalho onde se tem mais informações históricas acerca de como era feita, por quem era feita a música em Belém do Pará e por quais públicos ela era consumida. Acrescenta-se a isto um perfil das finalidades dadas aos teatros belenenses e à música neles, assim como proporciona a descoberta de vários teatros belenenses já extintos e demolidos. A monografia é dividida levando-se em consideração a estrutura de uma ópera: Abertura, Ato I: Os Teatros de Belém (a história de cinco importantes teatros da capital paraense); Ato II: Os repertórios (traça um perfil histórico do que era apresentado nos teatros belenenses). Ato III: O Público (faz uma análise do público freqüentador dos teatros belenenses, seus costumes e opiniões; chegando mesmo a compará-lo com o público europeu); Ato IV: Os Músicos (pequenos verbetes sobre grandes músicos que se apresentaram em Belém); Cena Final. Anexado à monografia mais de 80 tabelas demonstrativas de concertos e recitais apresentados em Belém entre 1908 e 1940.

Mais sobre a história da música no Pará pode ser encontrado no livro *Trilhas da Música*, organizado por Lia Braga Vieira e Fernando Iazzetta. É uma coletânea de vários textos, originalmente escritos como dissertação de mestrado em musicologia, através de um convênio entre as Universidades do Estado do Pará, Universidade Federal do Pará e Universidade de São

Paulo. O livro tem três grandes partes: Músicas, Músicos e Musicalidades. Na primeira parte, “Músicas” estão reunidos os textos *A Música do Pássaro Junino Tucano e Cordão de Pássaro Tangará em Belém do Pará* de Rosa Maria Mota da Silva; *Análise do Carimbó em Algodoal* de Sônia Maria Reis Blanco; *O Choro em Belém do Pará – Sonoridade Regional de um gênero brasileiro (décadas de 1970 a 90)* de Maria José Pinto da Costa de Moraes e *Uma visão sobre a interpretação das canções amazônicas de Waldemar Henrique* de Márcia Jorge Aliverti.

Nesta parte, destaca-se a música folclórica paraense, através do carimbó e dos cordões de pássaros juninos, a música popular através do choro e a música paraense de concerto nas canções de Waldemar Henrique. Estes textos focam a música feita no Pará e não especificamente os compositores, que são estudadas para se alcançar uma panorâmica da música paraense. Por exemplo, Márcia Aliverti foca seu estudo nas características amazônicas das canções de Waldemar Henrique e não especificamente sobre o compositor e suas técnicas de composição. Foram extraídas das canções, as origens das lendas amazônicas, os significados das palavras típicas do linguajar amazônida geral e paraense em particular e a análise de aspectos musicais, como a estrutura da partitura e sua integração com o texto.

Sônia Blanco foi à Ilha de Algodoal para pesquisar as diferentes formas de se fazer carimbó, expressão máxima do folclore paraense, através do trabalho dos mestres Chico Braga e Zé Mingau. Sônia demonstra em seu texto que há o carimbó feito de maneira formal – através do estudo de forma e estrutura musical e histórico no trabalho de Chico Braga – e o feito sem formalidades – aquele feito na prática, pelo mestre Zé Mingau.

A segunda parte “Músicos” destaca como o título afirma os músicos em si. O maestro italiano Ettore Bosio foi focado por Maria Lenora Menezes de Brito em *Primeiras Manifestações africanistas na música do Pará. Um maestro compositor na Sucuri-Urbe. Wilson Fonseca e a Música Santarena* foi tema de Mavilda Jorge Aliverti. Maria Lúcia da Silva Uchôa debruçou-se sobre o tema *As Bandas de Música nos Estados do Pará e Amapá – A vida de Mestre Oscar Santos* e Biraelson Magalhães Corrêa voltou-se para o seu instrumento em sua pesquisa com o tema *O processo e formação do instrumentista em trompete nas escolas profissionalizantes de música: o estudo em Belém do Pará*. Nesta parte o enfoque recai sobre a formação do músico, a importância da sua formação para a música no Pará e a história das bandas musicais paraenses, os municípios onde elas são mais utilizadas e a sua importância social no Pará.

Na terceira e última parte “Musicalidades” encontra-se o texto de Ana Margarida Lins Leal de Camargo intitulado *O Emprego dos Termos Relacionados à forma em música e a imagem musical miniatura*, que não obstante muito interessante, foge ao escopo desta dissertação.

No livro *Teatro e Música na América Portuguesa*, Rogério Budasz traça um brilhante perfil histórico sobre a feitura da ópera e de demais gêneros do teatro musical entre os anos de 1700 e 1822 no Brasil colonial, sempre comparado com as mesmas atividades na metrópole portuguesa. A sua discussão recai sobre as convenções, os repertórios, raça, gênero e poder, antes, durante e depois da família real portuguesa se transferir ao Brasil alcançando até o ano da independência brasileira. São passadas informações detalhadas sobre preços, acomodações, documentação epistolar, contratual e cifras praticadas na época. No segundo capítulo, intitulado *Espaços*, Budasz debruça-se sobre as casas de ópera construídas em cidades brasileiras no século XVIII, localizando sua pesquisa sobre Salvador, Rio de Janeiro, Vila Rica, São Paulo e Belém; esta última já anexada com o Grão-Pará ao Estado do Brasil⁷. Os escritos deixam claro que a sociedade brasileira da época, que valorizava bastante a música sacra, não via com muito bons olhos os espetáculos teatrais e que Metastasio era o dramaturgo mais admirado no período, embora suas obras fossem apresentadas com adulterações e excertos de outros artistas.

O mais interessante neste capítulo e mais diretamente ligado a esta pesquisa é o perfil histórico traçado por Budasz das atividades teatrais em Belém no final do século XVIII. Importantes são as imagens do *Plano geral da cidade do Pará em 1791* de Teodósio Constatino de Chermont e o *Plano do Pará* de Hugo Fournier de cerca de 1822, localizando a Casa da Ópera, projetada por Antônio Landi, do lado esquerdo do Palácio dos Governadores, décadas depois rebatizado de Palácio Lauro Sodré⁸ e uma gravura de Paul Marcoy mostrando as ruínas do que seria a nova Casa da Ópera em substituição a primeira, esta também sob projeto de Landi, porém o edifício jamais foi concluído. As paredes já erguidas foram usadas para a construção da Intendência Municipal, hoje Palácio Antônio Lemos (da Fonseca, 2005).

O musicólogo amazonense Márcio Páscoa deu mais informações valiosas sobre o passado musical em Belém e na Amazônia no artigo *Ópera na Amazônia durante o século XVIII*. O que primeiramente nos salta aos olhos é a utilização de obras de Vicente Salles na bibliografia

⁷ Em 1775, todos os Estados portugueses na América (Brasil, Maranhão e Grão-Pará) foram unificados e transformados em Vice-reinado do Brasil, com capital no Rio de Janeiro. In: <http://www.excitingbrazil.com/colonialbrazil.html>, capturado em 22 de janeiro de 2009.

⁸ No final do século XX, o palácio foi transformado em Museu do Estado do Pará, mantendo o nome em homenagem ao ex-governador do Pará Lauro Sodré.

consultada e citada, deixando-nos claro que esse autor é praticamente obrigatório nas pesquisas sobre música na Amazônia e em Belém, posto que esta cidade fosse a maior da região, segundo Páscoa, e considerada o Portal da Amazônia tem uma importância histórica grandiosa em se tratando de pesquisa musicológica na Amazônia.

Mas, além de Vicente Salles, Páscoa utilizou em seu artigo trabalhos que localizam Belém e o Pará na história, como o compêndio das eras de Antônio Baena e obras específicas sobre ópera em Portugal, Nápoles e no Pará durante o século XVIII. Mas tem a vantagem de se debruçar mais amiúde em Jommelli e Davide Perez para explicar o porquê das óperas *Ézio em Roma* (Jommelli) e *Zenóbia* (Perez) terem sido montadas em Portugal e no Grão-Pará. Essa análise leva às evidências de que a *Ezio em Roma* de 1772 levada à cena em Lisboa é a mesma retomada no Brasil, anos mais tarde, inclusive em Belém; mostrando claramente a ligação da capital do Grão-Pará com a metrópole portuguesa não somente nos assuntos de Estado, mas na tentativa de reproduzir na colônia a vida cultural da metrópole lusa.

Em *O Teatro no Mato Grosso no século XVIII* de Carlos Francisco de Moura (UFMT, 1976), a tradição do teatro popular português é pesquisada no contexto do isolamento mato-grossense em relação ao restante do Brasil, mesmo após a independência e a constatação de que Mato Grosso foi, entre as capitanias brasileiras, a dar maior importância social e cultural ao teatro. Juntou-se a isso um grande gosto musical dos cuiabanos e a ópera, logicamente, se fez presente, porém em menor escala que o teatro de prosa. Isto feito porque os hábitos dos rústicos sertanistas ofereceram resistência, a princípio, aos hábitos dos reinóis. Mas o espírito “intelectualista, brilhante e festeiro” do Setecentos impôs-se sobre o espírito “algo medievalesco” do Quinhentos e do Seiscentos e chegando Joaquim Ferreira Moutinho a afirmar em 1884 que em nenhuma outra cidade do mundo fazia-se mais música, dançava-se mais e jogava-se mais carta que em Cuiabá (pg. 34 e 35).

I PARTE: ANTECEDENTES

A situação da educação musical técnica no Pará nos anos anteriores à criação do Festival era muito típica. No interior do estado a formação ainda se dava da maneira tradicional, ou seja, a formação musical era adquirida nas bandas musicais; que no interior do Pará mantêm uma tradição centenária. Várias são as bandas interioranas paraenses onde os novos músicos são treinados efetivamente pelos mais experientes. Na maioria, organizadas como associações, elas têm a função de prover com música vários eventos de suas cidades de origem. Na capital, Belém do Pará, o Instituto Carlos Gomes, durante anos, estava praticamente reduzido ao status de escola de piano, considerando-se que esse instrumento foi o único ofertado por várias décadas, ficando os instrumentos de sopro na função das bandas musicais do interior do Pará. Com o surgimento do Serviço de Atividades Musicais da UFPA na década de 1970 a formação técnica dos músicos eruditos na capital paraense passou a ter mais uma escola, que até o início do século XXI, mantinha em seus quadros de professores os mesmos profissionais do Instituto Carlos Gomes. Esta parte traça um perfil da formação do músico erudito paraense nos anos anteriores à criação do FIMCAMP em 1988, especificamente no Instituto Estadual Carlos Gomes, onde o festival foi criado e o panorama da oferta musical erudita em Belém nesses anos. Toda esta pesquisa tomou como base artigos, notas e ensaios de jornais belenenses, referentes ao Festival.

1.1 – A SITUAÇÃO DA FORMAÇÃO MUSICAL NO INSTITUTO CARLOS GOMES

Em 13 de julho de 1974, o jornal *O Liberal* anunciou que o Conservatório Carlos Gomes, em Belém, tornar-se-ia Escola Superior de Música da recém-criada Universidade do Estado do Pará – UEP, pela lei nº 4.525 de 9 de julho daquele ano, no governo do engenheiro Fernando Guilhon. O anúncio havia sido feito pelo então Secretário de Estado de Educação e Cultura, professor Jonathas Athias.

O desejo de se ter um curso de nível superior para a música no Pará já vinha de décadas, mas sempre esbarrou, sobretudo, na formação dos professores de música do estado, que não possuíam curso universitário, tendo somente a formação técnica do Conservatório. Este, até o governo Alacid Nunes na década de 1970, não possuía reconhecimento e registro e era por isso ignorado legalmente. A legalidade chegou, mas não a ascensão para o nível de Escola Superior,

que até hoje se mantém distante do Conservatório, embora o bacharelado em música da Universidade do Estado do Pará funcione em suas dependências. A própria UEP não saiu do papel, tendo sido criada no governo Hélio Gueiros com a junção da Escola Superior de Educação Física, a Faculdade Estadual de Medicina, a Escola Superior de Enfermagem e a Faculdade de Educação do Pará. Porém, como criador oficial da UEPA, (nova sigla para a Universidade do Estado do Pará) consta o nome de Jader Barbalho que ao suceder Gueiros no governo estadual paraense oficializou a criação da UEPA no seu mandato.

Para a transformação em Universidade foi necessária a criação de um curso na área de Letras e Artes e esse curso foi o de Educação Artística – habilitação em música criado em 1988 com a primeira turma para 1989, ainda com a exigência de ser instrumentista para ingressá-lo; o que posteriormente foi abandonado no vestibular de 1991.

Com a criação dessa licenciatura resolveu-se a lacuna da formação a nível superior de educadores musicais, porém os músicos ainda eram preparados somente em nível médio. As cobranças de um nível superior para os músicos, como vimos, já vinham desde 1974, porém somente em 1996 o Bacharelado em Música da Universidade do Estado do Pará – UEPA iniciou suas atividades com o apoio do então governador Jader Barbalho, depois do longo trabalho da recém-criada Fundação Carlos Gomes⁹ e de sua superintendente, Glória Caputo, para a criação do curso.

O Curso de Bacharelado em Música da UEPA foi instituído pela Resolução nº 106 de 29.03.1994 do Conselho Estadual de Educação do Pará, após a aprovação da Carta Consulta enviada pela Fundação Carlos Gomes – FCG. O Decreto Presidencial 151/95, de 07 de agosto de 1995, publicando no Diário Oficial da União em 08 de agosto de 1995 deu a autorização para o seu funcionamento. O Bacharelado teve autorização para sua criação no governo de Jader Barbalho, quando esse assinou o decreto de criação da comissão responsável pelos estudos para a sua criação em 13 de abril de 1994 em uma solenidade na Sala Ettore Bosio do Instituto Estadual Carlos Gomes. A comissão foi formada pela então superintendente da Fundação Carlos Gomes,

⁹ A Fundação Carlos Gomes foi criada em 16/09/1986 como entidade privada com manutenção do governo paraense e se tornou pública em 1991 durante o governo presidencial de Collor de Melo. Ela está apoiada no tripé ensino, pesquisa e extensão. Sua função é de organizar toda a programação musical do Estado do Pará, tendo como pauta principal o Festival Internacional de Música do Pará que ocupa suas atividades durante quase todo o primeiro semestre de cada ano. Na área de ensino passou a administrar as atividades do Instituto Estadual Carlos Gomes, i.e., o Conservatório e o Bacharelado. Na área de extensão administra os grupos formados no Instituto como o Coro Carlos Gomes, o Grupo de Percussão, o Festival e o Projeto de Interiorização. Na área de pesquisa realizou trabalhos como a preparação dos dois volumes de canções de Waldemar Henrique, cujo somente o primeiro foi publicado. Também está inédito o livro sobre instrumentos indígenas amazônicos cuja elaboração foi coordenada por Glória Caputo. (N. do A.)

Glória Caputo, e os professores Guilhermina Nasser (então diretora do Instituto), Anamaria Peixoto (então Coordenadora dos projetos da FCG), e os professores Silvério Maia, Maria Sílvia Nunes, Selma Chaves (ex-diretora do Instituto) e Ana Célia Bahia. (*A Província do Pará*, 1993, p. 11).¹⁰



Imagem 1: Frontão do Instituto Estadual Carlos Gomes em Belém do Pará (Foto do autor)

Atualmente, Belém conta com o Instituto Estadual Carlos Gomes, ainda chamando de Conservatório Carlos Gomes, a Escola de Música da Universidade Federal do Pará – EMUFPA, a Licenciatura em Educação Artística – habilitação em música da UFPA, a Licenciatura em Música e o Bacharelado em Música da UEPA.

A quase totalidade dessas entidades manteve ou ainda mantém relação direta com o Festival. Os professores e alunos do Instituto Carlos Gomes apresentam-se nos Festivais através dos vários grupos formados na instituição, que teve suas atividades ampliadas a partir da administração de Glória Caputo que criou quase todos os cursos de instrumentos de sopro, o

¹⁰ O Bacharelado foi avaliado pelo Conselho Estadual de Educação do Pará e obteve seu reconhecimento em 8 de setembro de 2003 pela resolução nº 387 do referido Conselho, mas não é o primeiro no Pará. Um artigo de 15 de abril de 1969 no jornal *O Liberal* anunciava que o Instituto Carlos Gomes já contara com um curso de Música a nível de 3º grau para a formação de professores, mas foi extinto com a promulgação da LDB 5692/70.

curso de percussão, retomou o curso de canto lírico, o curso de regência coral, trazendo professores europeus através de convênios firmados entre o Estado do Pará e os governos búlgaro, húngaro e russo¹¹ para a vinda desses professores ao estado em períodos mínimos de dois anos para ministrarem os referidos cursos para os alunos do Instituto, além de fazer uso da estrutura do Pará-Missouri, que já existia há anos, para trazer grupos norte-americanos para se apresentarem em Belém.

A Universidade Federal do Pará também passou a contribuir com os Festivais através de sua Escola de Música e seus grupos em especial o Duo Pianístico da UFPA e a Orquestra Jovem da EMUFPA. Os estudantes do Projeto de interiorização, que no início abarcava 13 municípios paraenses eram trazidos à Belém para se apresentarem no Festival e em concertos outros organizados pela FCG. Após a sua criação o Bacharelado está ligado ao Festival porque vários de seus professores e alunos ou fazem parte dos grupos musicais do I.E.C.G. ou são convidados a formar grupos de câmara para se apresentarem nele.

A contribuição das Licenciaturas não somente para o Festival, mas para a educação musical paraense foi à formação a nível superior de educadores musicais. Até então os músicos na sua maioria ou saíam de Belém para estudar música em outros estados brasileiros – o sonho era estudar na Escola Nacional de Música no Rio de Janeiro – ou ficavam em Belém para fazer a faculdade de Letras, único curso na área de Letras e Artes até a criação da Licenciatura em Educação Artística, habilitação em Música da Fundação Educacional do Pará, posteriormente transformada no Centro de Ciências Sociais e Educação da Universidade do Estado do Pará.

¹¹ Os músicos europeus levados a trabalhar em Belém, à exceção dos tchecos, em sua maioria acabaram se estabelecendo no Brasil. A maioria abandonou Belém para trabalhar em outras cidades brasileiras, como o violinista Eugene Ratchev que se dirigiu para Londrina no Paraná, juntamente com outros integrantes da extinta Orquestra de Câmara do Pará onde formaram a orquestra de câmara Solistas de Londrina. (N. do A.)

1.2 PANORAMA DA MÚSICA ERUDITA EM BELÉM NOS 25 ANOS QUE ANTECEDERAM A CRIAÇÃO DO FESTIVAL

“As práticas musicais promovidas nas igrejas e nos teatros de Belém seguiram a trajetória definida no centro gerador – a Europa.” (Lia Braga Vieira, *A Construção do Professor de Música*, 2001, p. 57).

Santa Maria de Belém do Grão-Pará é uma cidade reprodutora do repertório musical erudito europeu e em quase toda a sua história buscou manter-se, através da Igreja, da classe burguesa dominante e dos interesses políticos governamentais, fiel às práticas musicais daquele centro de referência. Algo natural para uma cidade fundada e colonizada por portugueses provenientes da metrópole portuguesa ou de algumas de suas colônias africanas, como a Guiné-Bissau. Essa classe portuguesa procurou reproduzir na “Cidade do Pará”¹² as condições musicais que vivenciavam na Europa¹³. Para Márcio Páscoa: “... é perfeitamente compreensível que, para a maior cidade da Amazônia, se vislumbrasse um modelo social oriundo da Metrópole e que se tentasse também a sua ocupação cultural”(p. 49)¹⁴. No decorrer da história, a cidade trocou a metrópole portuguesa por outros centros de referência mais avançados musicalmente, como a Alemanha, França e Itália, tendo em vista que o próprio reino português buscava nas suas vizinhas européias a atualização necessária para a música feita em Portugal (Vieira, 2001, p. 57, 58). Desta forma e diferentemente de outras cidades pertencentes ao reino português, Belém na maior parte de sua história mais reproduziu a música européia que abriu espaço para os compositores locais produzirem um repertório próprio. Quando o fazia, encomendava diretamente as novas obras musicais a compositores europeus.

Para isso a cidade criou, ao longo de sua história e até o final do ciclo áureo da extração da borracha, isto é, o final do Novecentos, teatros, praças, coretos, orquestras, bandas; importou companhias líricas itinerantes (chamadas Companhias Viageiras) e construiu (com anos de demora) o mais suntuoso teatro do Estado e símbolo maior da cultura paraense, o Teatro da Paz¹⁵.

Entre 1963 e 1987, o Teatro da Paz foi o palco central das atividades musicais em Belém, porque nesse período já não mais existiam os vários teatros erigidos na cidade, como o Teatro

¹² Como Belém era chamada na época colonial.

¹³ Conferir: Vieira, Lia Braga. *A construção do professor de música*. Ed. Cejup. Belém: 2001 e Salles, Vicente. *A música e o tempo no Grão-Pará*, vol. I. Conselho Estadual de Cultura: Belém, 1980.

¹⁴ In: Páscoa, Márcio. *Ópera na Amazônia durante o século XVIII*. *Música em Perspectiva*, Revista do programa de pós-graduação em música da Universidade Federal do Paraná. v. 1, n. 1, p. 43-57, mar. 2008.

¹⁵ Salles, Vicente. *A Música e o Tempo no Grão-Pará*. Conselho Estadual de Cultural. Belém: 1980.

Providência, Theatro Eden, Palace Theatre e o Teatro Experimental Waldemar Henrique é mais usado para peças teatrais que apresentações musicais.

O historiador paraense Vicente Salles, por mais de trinta anos, empenhou-se em organizar uma coleção de programas de concertos realizados em Belém desde o início do Novecentos até a década de 1980. Junto a ela uma imensa hemeroteca cujos recortes remontam aos primeiros anos do século XX e a guarda da preciosa hemeroteca de Alcebiades Nobre¹⁶ criada quando ele era funcionário do Teatro da Paz nas primeiras décadas do Novecentos belenense.

Ao observar diversos desses programas de concertos realizados em Belém nas décadas de 1970 e 1980 e coletados por Vicente Salles, há uma evidente predominância da música de câmara e a quase inexistência da música sinfônica, ouvida somente quando uma ou outra orquestra incluía Belém em seu roteiro: o que era muito raro.

Mas não raro era a participação do piano nesses concertos, tanto de pianistas locais quanto de outras localidades. Uma comparação entre esses programas com a maioria dos programas realizados na primeira metade do século XX constata-se que a realidade musical belenense em nada mudou. A música de câmara era a mais executada em Belém.

De um montante de 62 programas de concertos realizados entre 1975 e 1985, arquivados por Vicente Salles, somente um foi executado por orquestra (OSESP)¹⁷, sendo os restantes somente conjuntos camerísticos e recitais solos de piano. Como pode ser averiguado na Tabela Demonstrativa nº 2, o piano foi a estrela maior sendo executado como solista ou acompanhante em 42 programas, seguido do violino em 12 e do violão em 11, as vozes (líricas e brancas) contabilizaram 8 programas, empatando com o violoncelo no mesmo número.

¹⁶ Irmão da dupla de cantores líricos paraenses Helena e Ulisses Nobre (soprano e barítono) que se apresentavam sobre a alcunha Irmãos Nobre. Irmãos da pianista diletante Maria do Céu Nobre e tios da pianista Lenita Nobre. (N. do A.)

¹⁷ A Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo apresentou-se no Teatro da Paz em 05 de abril de 1978 (Ano do Centenário do Teatro da Paz). No programa obras de Marlos Nobre, Max Bruch e Beethoven, sob regência de Eleazar de Carvalho.

TABELA 1: LEVANTAMENTO DE INSTRUMENTOS E INTÉRPRETES POR PROGRAMA

ANO	INSTRUMENTO E/OU FORMAÇÃO	INTÉRPRETE
1975	Piano	Paulo José Campos de Melo
1977	Piano Violão Piano Piano Coral Violão Piano Violão Sexteto de Sopros Violão Violino/Piano Guitarra Flamenca Piano Voz/Piano/Oboé	Paulo José Campos de Melo Sebastião Tapajós M ^a . Lúcia Azevedo/Margarida M ^a . Duarte Daniela Valle/Dóris Azevedo/M ^a . Helena Azevedo Coral Ettore Bosio Joel Pereira P. C. de Melo Sérgio Abreu Sexteto do Rio Jean Pierre Jumez Duo Teatro da Paz Pedro Soler Duo Pianístico da UFPA (1 ^a formação) Marina Monarcha/Helena Maia/Leon Biriotti
1978	Orquestra Piano Piano Piano Voz/Piano Flauta Transversal Pianista Cello/Piano Piano Voz/Piano Voz/Piano Piano Clarinete/Piano Piano	OSESP. Eleazar de Carvalho Paulo José Campos de Melo Eduardo Hazan Paulo José Campos de Melo Amin Feres/Sérgio Magnani Dayse Szajnbrum/M ^a Elizabeth D. Magalhães/Flávia Franceschini Gilberto Tinetti Gilberto Tinetti/Watson Clis João Carlos Assis Brasil Marina Monarcha/M ^a Helena Chaves Dea Escobar/Lucy Costa Duo Pianístico da UFPA José de Ribamar Souza/M ^a Helena Andrade Nelson Neves
1979	Voz Violino/Piano Voz Violão Piano	Maura Moreira/ Sérgio Magnani Jerzy Milewski/Aleida Schweitzer Bruno Wyznj Marco Pereira Luiz Medalha Filho
1980	Piano Música Popular Música Popular Música Popular Violino/Piano Música Popular	Paulo José Campos de Melo Grupo Ver-o-peso Grupo Potfliz-80 Grupo Metal Leve Koíti Watanabe/Lenita Maia Grupo Gente de Choro
1981	Pianista Pianista Violão Guitarra Violão Alaúde/Violão Piano Violão	Maria Josephina Mignone Paulo José Campos de Melo Marcos Llerena Massimo Gasbaroni Carlos Augusto Freitas de Oliveira Góes Nicolas de Souza Barros M ^a José Dias Carrasqueira de Moraes Marcelo Kayath
1982	Violino/Piano	Betina Maag/Helena Maia

	Canto/Piano	Alexandre Trik/Helena Maia
	Violino/Piano	Yuriko Fukuda/Helena Maia
	Violão	Ana Maria Bedaque
	Piano/Cello/Violino	Vários
	Piano/Cello/Violino/Flauta	Vários
	Cello/Piano/Violino	Vários
	Violão	Massimo Gasbaroni
	Violino/Piano	Vários
	Cello/Piano/Clarinete	Vários
	Piano/Violino/Cello	Vários
	Violino/Viola/Cello/Piano	Vários
	Piano/Flauta Doce/Percussão/Coral	Vários
	Violino/Piano/Clarinete	Vários
	Piano	Duo Carlos Gomes
	Harpa/Flauta	Wanda Eichbauer/Marcelo Bonfim
1983	Violino/Piano/Clarinete/Flauta/Cello	Vários
1985	Piano	Vários

**TABELA 2: LEVANTAMENTO DE CONJUNTOS INSTRUMENTAIS E INSTRUMENTOS
SOLISTAS**

INSTRUMENTO E CONJUNTOS INSTRUMENTAIS	NÚMEROS DE PROGRAMAS EM QUE APARECERAM
PIANO	42
ORQUESTRA	01
VIOLÃO	11
CORAL	02
CONJUNTO DE SOPROS	01
OBOÉ	01
VOZ	08
FLAUTA	05
CELLO	08
CLARINETE	04
GUIARRA	02
VIOLINO	12
ALAÚDE	01
PERCUSSÃO	01
HARPA	01

Em outro levantamento dos repertórios camerísticos apresentados em Belém, a relação abaixo mostra os compositores mais executados em concertos entre 1971 e 1987, de acordo com os programas de concertos arquivados no Acervo Vicente Salles do Museu da UFPA. Os números entre parênteses são do total de programas em que os compositores apareceram e não do número de peças deles executadas:

J. S. Bach (18), Haendel (05), Telemann (03), D. Scarlatti (01), Boccherini (01), Durante (03), Beethoven (22), Mozart (13), Haydn (03), J. Christian Bach (01), Chopin (22), Schumann (20), Brahms (18), Liszt (15), Scriabin (06), Rachmaninoff (01), Saint-Saëns (05), Villa-Lobos (32), Ravel (01), Marlos Nobre (01), Camargo Guarnieri (11), Debussy (10), Fauré (01), Mignone (01), Prokofiev (08).

Desta pequena demonstração de programas de concertos, alguns datando do início da década de 1970 e formando um montante de 89, pode-se averiguar que em todos eles os compositores românticos estão presentes. Os clássicos foram menos executados, mas com ampla abertura para as obras de Beethoven (22) e Mozart (13). Os compositores barrocos, na maioria, se fizeram presentes em um único programa e com apenas uma única obra. Mas J. S. Bach esteve presente em um montante de 18 programas.

Entre os românticos, compositores cuja obra pianística é muito destacada foram ouvidos mais vezes: Chopin (22), Schumann (20), Brahms (18) e Liszt (15). Porém, o número de compositores românticos executados é maior que os de outras épocas, alcançando seu levantamento 68 compositores contra somente seis do período clássico.

1.3 MANTENEDORES

Os recitais e concertos de música erudita em Belém nos dez anos anteriores à criação do Festival Internacional de Música de Câmera do Pará geralmente eram promovidos pela SECDET (Secretaria de Estado de Cultura, Desporto e Turismo do Pará), que entre outros, teve Olavo Lyra Maia, esposo de Lenita Maia como titular. Por ser casado com uma destacada pianista e professora belenense, pertencente a uma tradicional família de músicos paraenses, Olavo Maia deu especial atenção à música de concerto em sua gestão chegando a criar o Duo Teatro da Paz formado por sua esposa e a violinista Birgitta Fassi, natural da Suécia.

No programa do recital apresentado pelo Duo em 17 de setembro de 1977 na Sala de Concertos “Gentil Bittencourt”¹⁸, a contracapa deu relação dos espetáculos realizados pela Rede Paraense de Música, criada em julho do mesmo ano, cujo objetivo era realizar apresentações nos diversos municípios do Estado. Dizia a nota:

¹⁸ Segundo informação da professora Glória Caputo, via e-mail, essa sala de concertos funcionou no Colégio Gentil Bittencourt durante a reforma do Teatro da Paz anterior ao seu centenário ocorrido em 1978.

A exemplo da Rede Nacional de Música, lançado em abril e que até o final do ano terá levado concertistas a mais de 100 cidades brasileiras, a REDE PARAENSE DA MÚSICA, visa interiorização e o intercâmbio das expressões artísticas musicais paraenses, com apresentações de concertos nos diversos municípios do Estado. Jovens valores da música erudita se apresentarão em diversos municípios, levando uma mensagem de cultura, graças à preocupação do governo em colocar a população interiorana em contato com a realidade artística nacional. O concerto de hoje é realizado sob os auspícios do MEC/FUNARTE/INM- Ministério da Educação e Cultura – Fundação Nacional de Música – REDE PARAENSE DE MÚSICA.



Imagem 2: Frontispício de um programa de concerto promovido pela SECDET

(Acervo Vicente Salles, Museu da UFPA)

Pela relação apresentada também na contracapa do programa, as cidades beneficiadas pelo projeto foram: Santarém, Castanhal, Belém, Bragança e a Vila de Icoaraci pertencente à Belém, em um total de 30 espetáculos realizados entre julho e outubro de 1977.

Pode-se averiguar que os mantenedores dos projetos foram os órgãos governamentais como o MEC, FUNARTE, SECDET em projetos que visavam a divulgação da música erudita e a formação de platéia com entrada franca aos freqüentadores.

Fora a Rede Paraense de Música, criada pela SECDET, outros projetos musicais foram realizados na capital paraense antes da criação do Festival Internacional de Música de Câmera do Pará, como as Terças Musicais, as Quintas Musicais: essas realizadas na Sala Ettore Bosio, gravadas e posteriormente transmitidas pela Rádio Cultura para todo o Pará. A própria Rede Nacional de Música trouxe à Belém artistas de renome, brasileiros e estrangeiros. Alguns nomes que vieram à Belém através dela foram Maura Moreira (mezzo-soprano), Marco Pereira (violão), Jerzy Milewski (violino), Aleida Schweitzer, Arthur Moreira Lima, Antônio Guedes Barbosa, Heitor Alimonda e Arnaldo Cohen (piano). Além da Rede Nacional de Música, da Rede Paraense de Música, das Terças e Quintas Musicais, outros projetos como o Pixinguinha alcançaram Belém em uma época que a música popular paraense tinha as guitarradas como grande destaque musical.¹⁹

Durante o governo Alacid Nunes (1979-1983)²⁰, a SECDET organizou anualmente temporadas artístico-culturais que visavam à música erudita, a popular, a folclórica, a dança, as artes plásticas, o cinema, as letras, além de cursos, concursos, lançamentos de discos e a Feira de Filatelia e Numismática: essa realizada aos domingos. No programa de concerto do soprano Déa Escobar realizado no Teatro da Paz em 11 de dezembro de 1978 (ano do centenário do Teatro), foi editada a relação de todos os espetáculos daquela temporada, a primeira após a reforma do teatro, realizada em 1977, que segundo anotado no próprio programa foi da seguinte ordem:

- Restauração arquitetônica, recuperação da acústica, restauração do pano de boca e do Piano de Concerto 'Steinway & Sons', refrigeração (concluída).
- Implantação dos sistemas cenotecnico e luminotécnico (em instalação).
- Sistema de Som (concluído).
- Aquisição de um Piano de Concerto 'Yamaha'.

¹⁹Segundo o blog Música Paraense: “a guitarrada é um gênero musical de origem paraense. Uma mistura de choro, carimbó, merengue e maxixe, onde a guitarra faz o papel principal. Alardeados pela imprensa musical e por músicos do Brasil e do Exterior como ‘mestres da música amazônica’, os Mestres da Guitarrada, que são Mestre Vieira, Mestre Curica e Mestre Aldo Sena, recriam para o grande público o som dançante e hipnótico criado na cidade de Barcarena há mais de 30 anos”. In: [HTTP://musicaparaense.blogspot.com/2006/08/mestres-da-guitarrada-guitarrada-um.html](http://musicaparaense.blogspot.com/2006/08/mestres-da-guitarrada-guitarrada-um.html). Capturado em 28/07/2008.

²⁰O Major Alacid da Silva Nunes foi governador do Pará por dois mandatos: 31/01/1966-15/03/1971; 15/03/1979-15/03/1983. In: http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Lista_de_governadores_do_Pará.

- Galeria de Artes Plásticas ‘Theodoro Braga’ (concluída)
- Galeria ‘Angelus’ – (recuperada).

Com o Teatro da Paz renovado para o seu centenário, os espetáculos realizados foram os seguintes na música erudita no ano de 1978:

- Orquestra de Câmara do Brasil – Regente: José Siqueira (2 apres.).
- Coral Ettore Bosio – Regente: João Bosco da Silva Castro (3 apres.).
- Leon Biriotti e Helena Maia – oboé e piano – FUNARTE.
- Marina Monarcha e Leon Biriotti – canto e oboé – FUNARTE
- Semana Pró-Arte – U.F.P.A e Cultude
- Wanda Eichbauer – harpista
- Odette Ernest Dias – flautista
- Orquestra Sinfônica de São Paulo – Regente: Eleazar de Carvalho (3 apres.)
- Orquestra de Camera “Collegium Aureum” – Alemanha
- Klaus Schüde – pianista – alemão
- IV Encontro de Corais das Escolas Técnicas Federais (5 apres.)
- Turíbio Santos – violonista
- II Concurso Nacional de Corais – (fase eliminatória) – FUNARTE/INM
- Paulo José Campos de Melo – pianista paraense (2 apres.)
- Sérgio Abreu – violonista – FUNARTE (2 apres.)
- Eduardo Hazan – pianista – INM/FUNARTE (Belém e Santarém)
- Heitor Alimonda – pianista – FUNARTE
- Lícia Lucas – pianista – FUNARTE
- Rafael Orozco – pianista espanhol
- Maria Luiza Cocker – pianista – FUNARTE
- Orquestra Juvenil da UFPA
- Orquestra Sinfônica da UFPA
- Madrigal da UFPA
- Quarteto de Cordas da UFRJ – INM/FUNARTE
- Amin Feres – Barítono – FUNARTE
- Laura Ronai e Verônica Lapa – Duo de flauta e piano – INM/FUNARTE

- Aurélio Mendes Barroso Rebello – pianista paraense
- Cristina Ortiz – pianista – FUNARTE
- Daniella Valle e Doris Azevedo – Duo pianístico
- Dayse Szajnbrum, Maria Elizabeth Magalhães e Flávia Franceschine – Trio de Flautas – INM/FUNARTE
- Paulo Bosísio e Lílían Barreto – Duo de violino e piano
- Izabel Mallaguerra e Fernando Jorge Azevedo
- Duo de canto e piano – artistas portugueses
- Marília Siegl e Selma Asprimo (sic) – Duo de canto e piano – INM/FUNARTE
- Quinteto de Sopros da Universidade Federal da Paraíba – INM/FUNARTE (Belém e Castanhal)
- Conjunto de Sinos – Starkville. Mississipi – EUA
- Orquestra Armorial de Câmara de Pernambuco – Regente: Henrique Gregori
- Milzecléia Borges de Sousa – pianista paraense
- Hans Christian Siegert e Klaus Bôrner – Duo de violino e piano – artistas alemães.
- Ayrton Pinto e Sônia Muniz – Duo de violino e piano – INM/FUNARTE.
- Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas – Regente: Benito Juarez (2 apres.)
- Gilberto Tinetti – INM/FUNARTE
- Watson Clis e Gilberto Tinetti – Duo de violoncelo e piano – INM/FUNARTE
- Noite de Músicas Paraenses – Conselho Estadual de Cultura
- Banda de Música da Polícia Militar do Estado (sic)
- Sebastião Tapajós – violonista
- Sexteto de Sopros de Brasília – V Encontro de Arte – UFPA
- Duo Pianístico da UFPA – V Encontro de Arte
- Orquestra da UFPA – Regente: Eleazar de Carvalho – V Encontro de Arte
- Banda das Forças Armadas do Suriname
- João Carlos Assis Brasil – INM/FUNARTE
- Duo Danelsberg (sic) – violoncelo e piano²¹
- Arthur Moreira Lima – pianista – FUNARTE
- Antônio Guedes Barbosa – pianista – FUNARTE

²¹ O nome do duo foi datilografado errado. Trata-se do Duo Daulsberg, formado por Peter e Myriam Daulsberg. (N. do A.)

No ano de 1979 foram 34 concertos ao longo do ano promovidos pelo Instituto Nacional de Música, SECDET, FUNARTE. Destacou-se nesse ano uma apresentação do Grupo Vocal Marajoara com um Concerto de Música Sacra Contemporânea, promoção conjunta da SECDET, Fundação Roberto Marinho e SEMEC, a Secretaria Municipal de Educação e Cultura do Município de Belém. O destaque foi por conta da SEMEC, órgão que apesar de também ser responsável pela cultura na capital paraense, somente realiza trabalhos voltados para a educação municipal, nunca realizando qualquer atividade cultural.

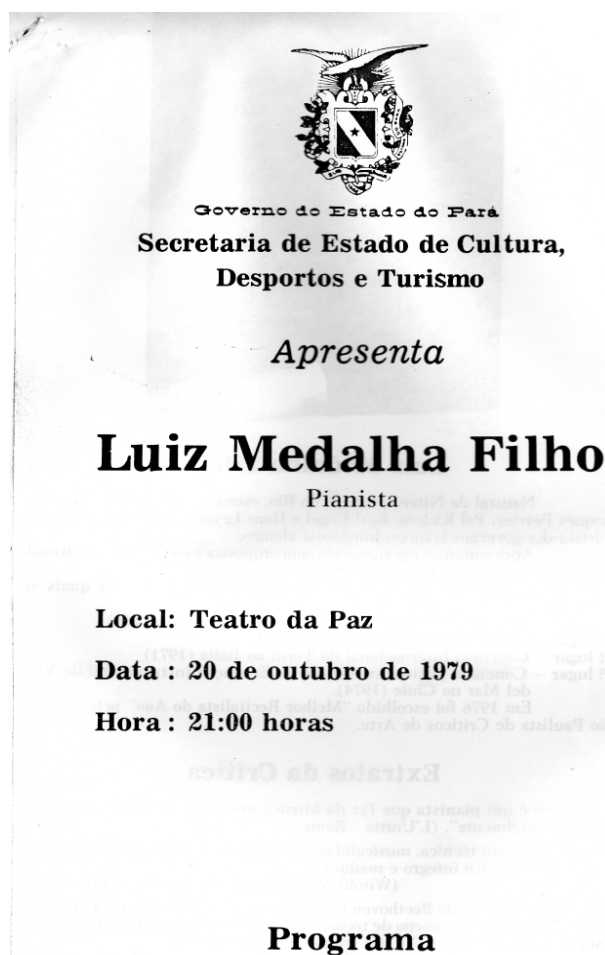


Imagem 3: Frontispício de um programa da temporada 1979 de concertos promovidos pela extinta SECDET

(Acervo Vicente Salles, Museu da UFPA)

PARTE II: OS DEZ PRIMEIROS FESTIVAIS

“...Na opinião do maestro João Bosco da Silva Castro, o I Festival Internacional de Música de Câmera de Belém representa uma célula embrionária de movimentos coletivos, a nível regional, nacional e internacional”. (*O Liberal*, 24 de maio de 1988).²²

De um pequeno festival camerístico organizado por ocasião de vários grupos de câmara em visita à Belém, ao maior festival musical do norte do Brasil, esta parte lida com sua origem e os primeiros dez anos de sua organização.

2.1 A COINCIDÊNCIA: I FESTIVAL

A conjunção de todas as forças descritas antes deu condições para a Fundação Carlos Gomes sustentar a criação do Festival Internacional de Música de Câmera do Pará em 1988, resultado de uma feliz coincidência.

O Quarteto Estherazy, pertencente à Universidade do Missouri nos EUA, enviara proposta de apresentação em Belém através do Partners of America, convênio entre os Estados do Pará e Missouri, para intercâmbio cultural, científico e tecnológico. Na mesma época a Fundação Carlos Gomes fizera um convite para o Quarteto da Cidade de São Paulo vir realizar um recital na cidade.

Como o Quarteto Estherazy pretendia vir durante as férias escolares nos EUA, entre maio e junho, a então superintendente da Fundação, Glória Caputo, teve a idéia de trazê-los para tocar em Belém na mesma semana: a última de maio. Também visualizou a possibilidade de transformar essas apresentações em um festival, que pela sua própria configuração já nasceria com caráter internacional. Juntamente com Anamaria Catarina Nobre Peixoto, então coordenadora dos projetos da FCG, deu início àquilo que chamou de 1º Festival Internacional de Música de Câmera do Pará, pois como os grupos que se apresentariam nela eram de câmara, seria dada orientação para esse gênero musical. Também porque o Pará nunca tivera um festival direcionado exclusivamente ao gênero camerístico. O Teatro da Paz fora construído como teatro de ópera, pois esse gênero era o dominante no gosto musical dos belenenses freqüentadores de teatro.

Além da maratona de apresentações musicais, o Festival teria seu lado didático realizado por oficinas e cursos no Instituto Carlos Gomes durante a semana de sua realização. Aulas foram

²² Raízes bem brasileiras na primeira música do festival. *O Liberal*, Belém, 24 maio 1988. Arte/Espetáculos, p. 23.

suspensas no Instituto para que os alunos pudessem freqüentar os cursos e oficinas e os professores se dedicarem às suas apresentações.

Para facilitar a vinda dos músicos norte-americanos e europeus, a última semana de maio foi instituída como a de realização do Festival, pois ela coincidia com as férias escolares do hemisfério norte. Em anos posteriores, as datas alcançaram o mês de junho.

Para sua primeira edição foram convidados os seguintes grupos: Quarteto Estherazy (EUA), Orquestra de Câmara do Pará, Quarteto Belém, Projeto Cordas da FCG, Quarteto Bessler-Reis (todos brasileiros) e o maestro norte-americano Edward Dolbashian, responsável pelo concerto de encerramento, quando os músicos se reuniram e formaram uma orquestra para a ocasião²³. Por ser um festival cuja procedência dos músicos era do Brasil e do exterior o Festival foi determinado “internacional”. Por ter nascido com esse caráter e a denominação de “1º Festival” já entregava a pretensão de se dar continuidade a ele (Pires, 2003). Apesar de ele levar a chancela do governo do Estado do Pará ele não recebeu subvenções estatais até a 9ª edição em 1996, ano que por falta de patrocínio a sua realização esteve ameaçada de não acontecer. A partir desse ano ele conta com verba oficial do Estado que a posteriori foi incluída no orçamento anual do estado do Pará²⁴.

Mas no 1º Festival as coisas foram diferentes. Todos os grupos estrangeiros vieram com tudo custeado por embaixadas e pelo Pará-Missouri. Os grupos locais não se furtaram ao convite e participaram sem cachê pelo prazer da apresentação. A orquestra de câmara do Pará, criada no mesmo ano de 1988, pouquíssimo tempo depois de sua estréia oficial, também ajudou a criar o Festival.

Os objetivos do Festival foram muito bem traçados²⁵: em primeiro lugar, ele queria trazer o público de qualquer classe social para os concertos de música erudita sem pagamento de

²³ Naquele ano houve o desabamento do palco do Teatro Municipal de Americana na noite de sua inauguração. Cerca de cem músicos da Orquestra Sinfônica Municipal e Coral de São Paulo sofreram danos com o desabamento, o que levou o então prefeito Quadros a proibir a apresentação dos grupos vinculados à orquestra fora da cidade de São Paulo. Porém, a ausência do Quarteto São Paulo não acarretou o cancelamento do Festival e ele acabou ocorrendo, contornada essa ausência. Conferir: Monteiro, Rubens. Radical. *Jornal do Brasil*, São Paulo, 23 abril 1988.

²⁴ Glória Caputo em entrevista. (N. do A.)

²⁵ In: Vasconcelos Pires, Carlos Augusto. Festival Internacional de Música do Pará 15 anos (pg. 9-13).

ingresso, para estimulá-lo e criar-lhe o hábito de freqüentar concertos; hábito perdido na cidade, sobretudo, na segunda metade do século XX²⁶.

Como segundo objetivo, porém bastante importante, estava a prática do intercâmbio cultural e, sobretudo, educacional entre os músicos de Belém (professores e estudantes) e os músicos de fora da cidade; principalmente aqueles que já tinham uma larga e destacada experiência como professores de técnica instrumental (Pires, p. 11).

A vinda desses profissionais à Belém, nos dizeres da criadora do Festival Glória Caputo, servia também como base de nivelamento ao músico paraense. Trazer o músico de fora não significava somente trazer a pessoa do músico, mas também a sua formação, o seu conhecimento técnico-musical para ser comparado à realidade do músico paraense. Se a geração de Glória pensava em fazer intercâmbio com a cidade do Rio de Janeiro, a partir do Festival os músicos iniciaram um intercâmbio planetário, concretizado nas oficinas e cursos durante o Festival. Para o 1º Festival se realizar a Fundação Carlos Gomes usou a estrutura somente do Instituto Carlos Gomes (as salas de aula e a Sala Ettore Bosio).

Fato curioso é que nas notas dos jornais da época, o Festival foi erroneamente denominado como Festival Internacional de Música de Câmera de Belém. Essa denominação foi usada pelos dos jornais *O Diário do Pará*, *O Liberal* e *A Província do Pará*. Tanto *O Diário do Pará* quanto *O Liberal* deram larga divulgação ao nascente Festival publicando notas e extensos artigos durante todos os dias de sua realização, destacando os repertórios executados e os músicos participantes – estes tendo revelado ao público suas formações musicais e procedências.

Nº *O Liberal* de 22 de maio de 1988, dia anterior ao início do Festival, foi publicado um artigo que o anunciava intitulado “Na rota da erudição”. Nele encontra-se a programação completa do Festival com a descrição sucinta dos dias e grupos que se apresentaram. Ao final, a grade de programação. No dia seguinte, a grade foi repetida ao lado de um artigo que anunciava o início do Festival para aquele dia, lembrando que os concertos ocorreriam sempre na Sala Ettore Bosio do Conservatório Carlos Gomes, com exceção do último, realizado na Catedral Metropolitana de Belém às 21:30. Todos os outros concertos aconteceram às 21:00 horas.²⁷

²⁶ Na primeira metade do século XX, houve associações de senhoras que costumavam organizar concertos em homenagem a alguma figura ilustre da cidade ou um eminente político. José Malcher, quando interventor do Para, foi homenageado com concerto na passagem de seu aniversário. Com ele, dividia as homenagens Alcindo Cacella, então prefeito de Belém nos idos de 1937 (N. do A.).

²⁷ A distribuição dos ingressos aconteceu na Secretaria da FCG.

Um minúsculo artigo intitulado “25 anos de intimidade com a boa música” dava informações sobre o Madrigal da Universidade Federal do Pará. A grade da programação do Festival foi a seguinte:

Data	Hora	Local	Evento
23	21	Sala Ettore Bosio	- MADRIGAL DA UFPA Regente: João Bosco da Silva Castro
24	21	Sala Ettore Bosio	- ORQUESTRA DE CÂMERA DO PARÁ Regente: Eugene Ratchev (Bulgária)
25	21	Sala Ettore Bosio	- QUARTETO ESTERHRAZY, da Universiade de Missouri (USA) Eva Szekely – 1º violino (Romênia) John McLeod – 2º violino (USA) Carolyn Kenneson – viola (USA) Carleton Spotts – cello (USA)
1	21	Sala Ettore Bosio	-QUARTETO BELÉM, da Fundação Carlos Gomes (Brasil) Eugene Ratchev – 1º violino (Bulgária) Afonso Barros – 2º violino (Brasil) Haralampí Mitkov – viola (Bulgária) Petar Saraliev – cello (Bulgária)
1	21	Sala Ettore Bosio	- QUINTETO DO FESTIVAL Maria Vischinia – 1º violino (Uruguai) John Splinder – 2º violino (USA) Marcelo Jaffé – viola (Brasil) Zigmund Kubala – cello (Polônia) Marília Caputo – piano (Brasil)
1	18	Sala Ettore Bosio	- RECITAL DO PROJETO CORDAS Direção: Profª Linda Louise Kruger, da Universidade de Missouri (USA) Coordenação e Supervisão: Anamaria Peixoto, da Fundação Carlos Gomes (Brasil)
	21	Sala Ettore Bosio	- QUARTETO BESSLER-REIS Bernardo Bessler – 1º violino (Brasil) Michel Bessler – 2º violino (Brasil) Marie-Christine Springel – viola (Bélgica) Alceu Reis – cello (Brasil) Participação especial: pianista Maria Helena Andrade (Brasil)
1	21:30	Catedral Metropolitana de Belém	- CONCERTO DE ENCERRAMENTO ORQUESTRA DE CÂMERA DO PARÁ Regente: Edward Dolbashian, da Universidade do Missouri (USA)

Um detalhe a se notar nesta grade refere-se ao concerto do dia 27. Foi anunciado o Quinteto do Festival, porém no mesmo dia o jornal *O Liberal* publicou o artigo *Entrosamento se destaca no recital de hoje*, onde anunciava que o concerto seria realizado à noite pelo Trio da Fundação Carlos Gomes, formado por Marília Caputo (piano), Jairo Chaves (viola) e Jacob Cantão (clarinete). Também anunciou o programa a ser executado. Acredito que esse fato se deu porque o Quinteto seria formado por Marília Caputo mais o Quarteto São Paulo, mas como esse último não compareceu ao Festival a programação foi trocada, porém a grade de programação não foi refeita para publicação. O que confirma a mudança da programação foi a apresentação do Quarteto Estherazy logo após o Trio da FCG, executando o *Quarteto op. 33 n° 3* de Joseph Haydn. Pela grade o Quarteto estava programado originalmente somente para o dia 25.

2.1.2 Mantenedores

Como a Fundação Carlos Gomes desde a sua criação era mantida com verbas do governo paraense, embora fosse originalmente entidade privada, os Festivais sempre tiveram sua chancela mas não o patrocínio, que geralmente vinha de empresas privadas, sendo que a Vale do Rio Doce foi a principal patrocinadora durante vários anos no período que a Fundação Carlos Gomes era privada. Quando ela se tornou pública cessaram-se os patrocínios.

O I Festival contou com verbas provenientes do programa Companheiros das Américas Pará-Missouri, Varig, Hotel Equatorial, Hotel Vanja e Imprensa Oficial do Estado e o apoio da Fundação Rômulo Maiorana e da Rádio Cultura FM²⁸.

2.1.3 O repertório do 1º Festival

Infelizmente nenhum dos programas de concerto do I Festival sobreviveu nos arquivos em Belém. A própria Fundação Carlos Gomes, hoje, possui apenas algumas notas de jornais sobre o I Festival. Não há nenhum programa no Acervo Vicente Salles da Biblioteca do Museu da UFPA e muito menos na Biblioteca Pública Arthur Vianna em Belém. Desse modo, somente

²⁸ *A Província do Pará*, 19 de maio de 1988 1º Cad.

o que foi publicado nos jornais de Belém nos dão notícia das obras tocadas pelos grupos participantes.

No dia seguinte à abertura do Festival, *O Liberal* publicou o artigo *Raízes bem brasileiras na primeira música do festival*²⁹. Por ele, descobrimos que a primeira obra a ser executada foi a música *Cheiro de Mulata* composta pelo paraense João Bosco da Silva Castro, com letra do escritor e folclorista paraense Bruno de Menezes e interpretada pelo Madrigal da UFPA que ele regia a época. O ensaio anunciou todos os compositores executados, mas não suas obras, à exceção da *Série Xavante* de Guerra Peixe. Foram eles: Manoel Dias de Oliveira, José Maurício Nunes Garcia, Carlos Alberto Pinto da Fonseca, Waldemar Henrique, Esther Scliar e Francisco Mignone, isto é, somente música brasileira na primeira noite do Festival Internacional. Os concertos temáticos acabaram por se tornar freqüentes nos seguintes festivais, quando em 1996 até mesmo os Festivais passaram a ser temáticos³⁰.



Imagem 4: Sala Ettore Bosio no Instituto Estadual Carlos Gomes (Foto do Autor)

²⁹ *O Liberal*, 3ª 24 de maio de 1988 Arte/Espectáculo 23

³⁰ Os Festivais de 1996 e 1997 tiveram a temática direcionada para o repertório romântico e o brasileiro contemporâneo. No XIV (2001) o tema foi “A música do mundo na Amazônia”. O XV (2002) foi dedicado “Ao talento do músico paraense”. O XVIII (2005) foi intitulado “O Ritmo é latino. O palco é amazônico”. O XIX (2006) homenageou os 250 anos do nascimento de Mozart e o XX (2007) “O Pará mostra suas raízes” (N. do A.).

2.2 II Festival

“O II Festival internacional de música de câmara do Pará...é de muita importância para um Estado como o Pará, que até pouco tempo não dava um tratamento especial à música clássica e popular. (Luiz Roberto Cioce Sampaio, *O Liberal*, 26 de maio de 1989).

Com o enorme sucesso do I Festival, a Fundação Carlos Gomes ganhou espaço, recursos e maior divulgação para realizá-lo com um tamanho maior que sua primeira edição. A Sala Ettore Bosio, palco das apresentações em 1988, no ano seguinte passou ao posto de coadjuvante diurno; mas um coadjuvante de destaque. É nela que a partir do II Festival são apresentados os concertos do meio-dia. Essa seqüência de concertos foi criada para atender trabalhadores e estudantes que pretendiam assisti-los em um horário alternativo aos concertos noturnos, ao mesmo tempo em que davam espaço para os músicos locais mostrarem o seu trabalho.

A programação do II Festival mostra uma divisão na seguinte ordem: ao meio-dia apresentaram-se os solistas, duos e trios, enquanto que às 21 horas os grupos com maior envergadura pertencentes a Fundação Carlos Gomes, como a Orquestra de Câmara do Pará, dividiram o palco com os convidados estrangeiros, pois os concertos noturnos continuaram sendo os principais e de maior público.

Como a freqüência aos concertos noturnos havia sido muito grande no I Festival, para o II, e até mesmo para acolher com mais pompa os grupos e confortabilidade o público, os Teatros da Paz e Margarida Schiwazzappa – ambos pertencentes ao Estado – foram utilizados na programação. A utilização do Teatro da Paz mostra a extensão do sucesso do I Festival e o know-how obtido pela Fundação Carlos Gomes. Sediá-lo na maior casa de espetáculos paraense, confirmou-o como um evento de renome já na segunda edição.

Houve também um considerável crescimento nas entidades que se envolveram com sua realização: além da promotora Fundação Carlos Gomes, o apoio cultural veio da Secretaria Executiva de Estado da Educação – SEDUC, das Centrais Elétricas do Pará – CELPA (na época, ainda não privatizada), do Equatorial Palace Hotel, da Cia. Paraense de Turismo – PARATUR, do Centro Cultural Brasil-Estados Unidos de Belém, do Companheiros das Américas – Comitê Pará Missouri, da Editora Grafisa e da Varig-Cruzeiro.

Também houve crescimento nas apresentações. Com a criação dos concertos do meio-dia, entre os dias 23 e 26 de maio daquele ano houve dois concertos, quando no ano anterior

havia sido um por noite. À exceção foi do concerto dos alunos do Projeto Cordas³¹ realizado às 17:00 horas no Teatro Margarida Schiwazzappa em 27/05.



Imagem 5: Teatro da Paz em Belém do Pará (foto do autor)

³¹ Projeto coordenado pela professora Anamaria Peixoto e dirigido pela professora norte-americana Linda Kruger, da Universidade do Missouri, que chegou em Belém em setembro de 1987. O projeto foi realizado pela Fundação Carlos Gomes e contou com o método próprio criado por elas denominado “Iniciando cordas pelo Teclado”, posteriormente editado pela UFPA. Foram desse projeto dois destacados ciellistas paraenses: o Prof^o. Dr^o. Áureo de Freitas e a mestra Nelzimar Neves. Ambos estudaram nos Estados Unidos. Nelzimar radicou-se por lá e Áureo voltou para Belém e deu início ao seu projeto de formação de ciellistas na Escola de Música da UFPA – EMUFPA (N. do A.)

2.2.1 Uma questão de postura

Como o principal objetivo do Festival era a formação de platéia para a música erudita, decorria a forte posição da organização em manter os concertos com ingressos sempre gratuitos, mesmo em épocas de crise financeira; que não foram poucas em sua história. Porém, outra postura começou a ser anotada nos jornais e notada pelo público já acostumado com concertos: a total falta de preparo do novo público que adentrava uma sala de concertos pela primeira vez. Nelito Pinto da Silva³² divulgou um artigo na coluna “Afimal é Domingo”, intitulado “Platéia nada musical”, onde fez uma crítica da apresentação do Premiat Trio e chamou a atenção para a postura da platéia:

...Mas o parâmetro é exagerado. Como é exagerada a moda atual e local de aplaudir de pé. Contudo, o ‘Premiat’ é um conjunto correto. Merecia mais do que os gatos pingados e ignaros que não chegaram a ocupar meia casa. E conseguiram alcançar algo terrível: aplaudiram indevidamente em todos os intervalos que separam as cinco partes do trio de Beethoven. Não perderam um. Perto de mim, um imbeota (cruzamento de imbecil com idiota) papeava com a namorada durante a música. A um espectador que reclamou, o ignorante não deixou por menos: - tá incomodado, vai pro palco. Apeadeuta e truculento.

Posturas como essa ainda viriam a ser reprisadas nos anos seguintes. Mas na verdade, nunca houve nos Festivais um trabalho direcionado a preparar com o público a “etiqueta dos concertos”. A parcela do público que não era de músicos, estudantes de música e freqüentadores de concertos, foi lançada às salas de concertos sem nenhum preparo. Iam somente com a vontade de ouvir música erudita e na sua maioria não sabiam o que são sonatas, duos, quartetos, concertos ou sinfonias. Que são divididos em partes chamadas movimentos e que não se deve aplaudir entre elas³³. Esse público teve que pedir ajuda para os entendidos no assunto ou observar a postura dos outros para repeti-la em si. Nos festivais posteriores o uso dos celulares ligados durante os concertos também se tornou mais um incômodo.

2.2.2 Gente de destaque

Apesar de em 1989 durante o II Festival o jornal *O Liberal* ainda não figurar entre seus apoiadores culturais, o caderno Cartaz deu ampla divulgação ao Festival e aos músicos

³² *A Província do Pará*, 1º. Caderno p. 11 domingo 28 de maio de 1989.

³³ Praxe levada bastante a sério pela platéia de concertos em Belém. Para mais detalhes sobre a discussão dos aplausos durante os movimentos de uma peça em um concerto ler as reportagens sobre o assunto que se encontram no anexo.

participantes; tanto aos brasileiros quanto aos estrangeiros, chegando a publicações com página inteira, sempre contendo fotografias dos músicos.

Cada músico tinha uma pequena biografia redigida para informar os leitores sobre suas formações musicais e os trabalhos mais relevantes executadas por eles até aquele ano. Muitas vezes os programas dos concertos também eram editados, porém isso não era comum, nem se tornou tradição. Destaques eram dados normalmente aos músicos. Eliana Kotschoubey³⁴, João Augusto Ó de Almeida, Marina Monarcha, Eugeni Ratchev, Christo Iliev, Leila Guimarães, Marília Caputo, Manuel Duschene Cuzan, Nelzimar Neves foram alguns dos músicos participantes que tiveram uma “resenha biográfica” n’*O Liberal* à medida que iam participando do Festival.

2.2.3 Música na hora do almoço

A criação dos concertos do meio-dia na segunda edição do Festival foi um grande diferencial para ele. A ele podiam assistir trabalhadores no horário do almoço, estudantes recém-saídos das aulas e todo público com horário disponível. A proximidade do público com os músicos – pela dimensão da Sala Ettore Bosio – revestiu esse horário de uma intimidade entre público e músicos que não podiam ser obtidos no Teatro da Paz, no Teatro Margarida Schiwazzappa ou mesmo em uma apresentação ao ar livre. A distância espacial não permitia nenhuma intimidade, porém nos Festivais seguintes ela acabou acontecendo justamente nos concertos realizados nos teatros. A Amazônia Jazz Band, criada em dezembro de 1994 – ano da sétima edição do Festival – veio a se tornar a maior cúmplice do público.

Naquele ano, os concertos do meio-dia tiveram quatro apresentações entre os dias 23 e 26: a pianista Marília Caputo foi a primeira a se apresentar nesse horário inaugurando os Concertos Diurnos, como eles são chamados nos programas. A ela se seguiram Nildo Baía, Jairo Chaves e Guilhermina Nasser, respectivamente violino, viola e piano em um trio formado somente para o Festival. O duo João Augusto Ó de Almeida (tenor) e Eliana Cutrim (piano) se apresentou na tarde do dia 25 e fechando essa primeira série de concertos Diurnos o Grupo de Percussão da Fundação Carlos Gomes na época regidos pelo paulista Luiz Roberto Cioci Sampaio.

³⁴ Eliana voltou a se apresentar com o nome de solteira, Cutrim, após o divórcio de seu esposo russo.

O Grupo de Percussão da Fundação Carlos Gomes foi o primeiro do gênero formado na Amazônia em 1988 com apenas nove integrantes, mas somente participou do Festival a partir de sua segunda edição ainda na Sala Ettore Bosio. Nos anos seguintes, após crescer de tamanho e importância, passaria a se apresentar nos teatros.

Um parágrafo do ensaio publicado no jornal *Diário do Pará* em 26 de maio de 1989 sintetizou os comentários do percussionista e regente do grupo, Luiz Cioci³⁵:

Sobre esse desenvolvimento da percussão no Pará, Luiz Roberto Sampaio Cioci diz que é uma proposta valiosa fazer um trabalho assim, pois aumenta a valorização dos instrumentos de percussão, que são vistos muitas vezes como os menos importantes dentro de uma orquestra ou conjunto. Há pessoas interessadas, diz ele, e isso é muito bom para o crescimento da percussão na região. Por enquanto, prossegue, ainda está bastante elitizada, com pouquíssimas pessoas tendo a oportunidade de assistir a uma apresentação desse tipo. Mas a intensão não é elitizar e sim popularizar o trabalho relacionado com instrumentos de percussão.

2.2.4 O repertório do II Festival

O grandioso no II Festival encontrou seu ápice no concerto de encerramento. A Catedral de Belém foi decorada com velas e a iluminação utilizada veio delas. Clima nostálgico e poético, feito especialmente para marcar o público (Pires, 2002) que a partir daí se tornou tradição.

Aproveitando a reunião de tantos músicos e para pôr em prática suas pretensões sinfônicas, a superintendente da Fundação Carlos Gomes, Glória Caputo, novamente formou uma orquestra para encerrar o Festival. No programa, a Sinfonia nº 40 de Mozart regida pelo cubano Manuel Duschene Cuzán. Acompanhado na primeira parte pelo Concerto para três violinos em Fá maior de Vivaldi e a Sinfonia Concertante para Violino, Viola e Orquestra, também de Mozart, o Festival deixava claro que a FCG queria que o Pará voltasse a ter uma orquestra sinfônica. Mas a música de câmara continuou a ser o foco principal do Festival.

Avaliar o repertório executado durante o II Festival tornou-se difícil devido a maior parte dos programas de concertos apresentados não terem sido arquivados. A Fundação Carlos Gomes não possui nenhum deles nos seus arquivos. Nos Jornais de Belém foram divulgados os compositores – mas não na totalidade dos recitais apresentados – sem a descrição das peças executadas. Somente o Teatro da Paz manteve em seus arquivos os programas realizados nele. São poucos, mas dão uma idéia do repertório apresentado.

³⁵ O *Diário do Pará*, Belém 6ª, 26 de maio de 1989 D-1.

Não houve nenhuma mudança na estrutura dos recitais e concertos que continuaram a ser divididos em duas partes. Mas alargado é o período estético-musical escolhido: foram executadas composições do barroco ao modernismo, sempre de compositores muito solicitados nos programas de concerto. Exceção a James Willey, compositor apresentado pelos músicos da Universidade do Missouri.

No total foram resgatados nove dos onze programas apresentados, sendo a maioria deles provenientes do arquivo do Teatro da Paz.

O hábito de aprontar programas onde compositores de diferentes estilos musicais são executados domina tanto os músicos brasileiros quanto os estrangeiros. Não houve nenhum programa onde os compositores fossem de um só estilo. Em um programa Grieg, Britten, Chausson e Schumann, em outro, Beethoven, Schumann, Schubert, Mendelssohn, Fauré, Strauss, Tchaikovsky, Villa-Lobos e Waldemar Henrique. Parece que os músicos ao realizarem a elaboração dos programas pretendem dar ao público uma viagem pelos últimos quatrocentos anos da história da música.

No total desses nove programas, encontramos um montante de vinte e cinco compositores executados. Desses, somente Bartok (02), Beethoven (04), Haendel (02), James Willey (02) e Schumann (04) foram executados em mais de um programa³⁶.



Imagem 6: Catedral de Belém do Pará (foto de autor desconhecido)

³⁶ A tabela com os programas encontra-se nos anexos (N. do A.).

2.3 III FESTIVAL

“Mas, tempos de ‘vacas magras’ surgiram e a possibilidade de não realização do evento se apresentou em 1990”. (Carlos Augusto Vasconcelos Pires, 2003, p. 21).³⁷

As duas primeiras edições do Festival alcançaram uma grande credibilidade junto ao público e nos meios de comunicação, nos jornais, sobretudo. Mas a instabilidade política do início da década de 1990, aliada a imensa crise econômica brasileira fizeram, sua sombra pairar sobre o Festival e colocá-la em dificuldades financeiras, ameaçando-o de não realização na sua terceira edição.

O governo de Collor de Melo decretou mudanças na área cultural, deixando a arte brasileira – na sua maioria dependente das verbas públicas – em uma inconveniente e precária situação financeira. A Lei Sarney, que sustentou as duas primeiras edições do Festival através da iniciativa privada fora extinta. Para Glória Caputo sobrou a opção de não realizar o III Festival, mas o seu trabalho e a credibilidade forte dela enquanto administradora pública, da Fundação Carlos Gomes e do próprio Festival trouxeram os patrocinadores necessários. Outro fator não falhou: os contatos da FCG com os grupos paulistas e norte-americanos: estes ainda vindo pelo Companheiros das Américas Pará-Missouri.

Este ano, o festival esteve ameaçado de não acontecer, com as mudanças na área cultural decretadas pelo governo. O fim da Lei Sarney, por exemplo, que sustentou, através da iniciativa privada, os dois primeiros festivais, fez com que a diretora da Fundação Carlos Gomes, Glória Caputo pensasse duas vezes antes de por em prática o projeto.³⁸ (*O Liberal*, 24 de maio de 1990, 2º caderno)

O Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo, que não pôde comparecer no ano de 1988, fez sua segunda participação no Festival em 1990, juntamente com seus conterrâneos do Metal Brasil, que fizeram o concerto de abertura em plena Praça da República às 10 horas. À noite, eles retornaram às 21 horas para o primeiro concerto noturno no Teatro da Paz. (*O Liberal*, 27/05/1990, 2cad, p.6).

Também vieram os conjuntos de câmara da Universidade do Missouri: Trio de violino, piano e cello³⁹, Duo de violino e piano⁴⁰. A eles, se juntaram os grupos paraenses formados por professores do Instituto Carlos Gomes: Orquestra de Câmara do Pará, Grupo de Percussão da

³⁷ In: Festival Internacional de Música do Pará 15 anos. Fundação Carlos Gomes. Secretaria Especial de Promoção Social do Pará. Governo do Pará. Belém: 2003.

³⁸ *O Liberal*, 5ª. 24 de maio de 1990 2 cad.

³⁹ Formado por Eva Szekely (violino), Daniel Schene (piano) e Carleton Spotts (cello).

⁴⁰ Formado por Eva Szekely (violino) e Daniel Schene (piano).

FCG, Duo de canto e piano Alfa Oliveira (soprano) e Lenora Brito, Conjunto de Música Antiga da FCG, Trio de flauta, oboé e cravo⁴¹ e o Duo Pianístico da UFPA⁴².

Alguns grupos não cobraram cachê, facilitando a realização do projeto:

Mas patrocinadores não faltaram, e não falharam os contatos da Fundação com os grupos paulistas e norte-americanos, estes feitos através da Universidade de Missouri (EUA). Além disso, certos grupos não exigiram cachê de apresentação, o que facilitou o desenvolvimento do projeto. Isso mostra, de certa forma, o peso do trabalho desenvolvido pela fundação também na divulgação da música erudita, refletindo assim na formação da platéia que comparece às salas e aos teatros para concertos no gênero.⁴³

Glória Caputo pretendia um total de 50 músicos para a Orquestra do Festival, mas ela foi formada com 31⁴⁴. Mas uma grande compensação aconteceu: a vinda de Aylton Escobar para regê-la. Nos dizeres do jornal *O Liberal*, o Festival daquele ano encerrou com a batuta de um dos músicos mais destacados, internacionalmente, da atualidade⁴⁵. Apesar das dificuldades financeiras, o Festival se realizou com muita força de vontade e credibilidade, ainda na sua terceira edição. O que atesta seu rápido crescimento.

As entradas continuaram franqueadas ao público, dando continuidade à formação de platéia, embora naquele ano o Festival já tivesse um público cativo. Glória Caputo declarou que o “programa está para todos os níveis, há concertos para todos os horários. A proposta deste festival é atrair o grande público que começa a freqüentar os teatros, as salas, além de colocar nossos músicos em permanente intercâmbio”.⁴⁶

Isso modificou radicalmente o ensino no Instituto Carlos Gomes. Até a criação do Festival, os alunos do Instituto estudavam com professores formados nele. Com o intercâmbio entre a FCG e o leste europeu, os alunos do Instituto se acostumaram a estudar com professores estrangeiros que tinham outra formação musical, uma didática diferente dos brasileiros e até mesmo a postura de raças diferentes da brasileira. Esse amálgama de características moldou os músicos paraenses a partir da década de 1990. Já não se estudava somente com a velha postura do conservatório aplicado por seus velhos professores. A partir de então, os músicos húngaros, búlgaros e russos que vieram trabalhar no Instituto trouxeram para ele outra experiência musical

⁴¹ Formado por Luiz Carlos Tavares (flauta), Fernando Thá Filho (oboé) e Gelda Silva (cravo).

⁴² Formado por Lenora Brito e Eliana Cutrim, na época, ainda assinando Kotschoubey.

⁴³ *O Liberal*, 5ª. 24 de maio de 1990 2 cad.

⁴⁴ Idem

⁴⁵ *O Liberal*, sábado 2 de junho de 1990, 2cad, p. 2.

⁴⁶ *O Liberal*, 24 de maio de 1990, 5ª. 2 cad.

e outra maneira de disciplina musical. Em época de Festival, as oficinas faziam esse amálgama explodir.

2.3.1 O repertório do III Festival

Com o Festival tendo dois horários distintos de apresentações desde 1989, às 12:00 e às 21:00, naturalmente o número de programas aumentou, e com eles, o número de compositores apresentados. Dos 13 concertos e recitais programados conseguimos reconstituir 11 deles, o que nos dá uma visão bem próxima do repertório apresentado na terceira edição do Festival. Novamente o hábito de montar programas com vários compositores de vários estilos musicais diferentes deu continuidade à diversidade musical. Mas o ano de 1990 foi o primeiro a ter um grande número de compositores apresentados, ultrapassando a quantidade de 44.

Se os programas do II Festival que sobreviveram até nós demonstram uma escolha de repertório com obras entre o barroco e o modernismo, os do III Festival acrescentaram o renascimento e os gêneros música popular, semi-erudita e folclórica. Ou seja, além de crescer o alcance no número de compositores, cresceu o período histórico-musical alcançado. Aliado a isto a diversidade nos gêneros musicais apresentados, conseqüentemente ampliou o público freqüentador das apresentações, pois a partir desse ano, muitos que foram para ouvir música popular terminaram ouvindo música erudita. A apresentação do Metal Brasil tocando músicas populares e semi-eruditas de grande fama mundial como as de cinema, foi o principal chamariz para o público freqüentador da Praça da República aos domingos de manhã conhecerem e passarem a participar do Festival na assistência.

Esse público novo, junto ao já participante do Festival desde sua primeira edição, pôde ouvir músicas de Ary Barroso a Bela Bartok, passando por obras dos períodos renascentista, barroco, clássico, romântico e moderno; combinados com obras do repertório popular, cinematográfico e até arranjos de músicas folclóricas.

Do total dos 44 compositores coletados, novamente poucos deles foram apresentados em mais de um concerto: Santoro (02), Schubert (03), Haydn (03), Kodaly (02), Mozart (02). Fora estes, todos os outros foram apresentados, na maioria, somente em um recital com apenas uma obra no programa.

Com a participação do Grupo de Percussão da FCG, vários compositores novecentistas que ainda não haviam sido executados, tanto no Festival quanto fora dele, tiveram suas primeiras

audições nas salas de concertos de Belém. Entre esses nomes figuram Jared Spears, John Willians, Kurt Williams, Paulo Bellinati⁴⁷ e outros.⁴⁸

Um outro fator importante e que viria a crescer bastante nos Festivais futuros foram as obras estreadas durante os Festivais. Nessa terceira edição, Luis Gorayeb, então membro do Grupo de Percussão da FCG, estreou sua obra “Taitá” durante a apresentação do grupo em 29 de maio de 1990. Além de ampliar o repertório, o Festival se abria às estréias musicais.

Crescendo o número de apresentações, inevitavelmente crescia o número de obras apresentadas. No III Festival foi apresentado um número superior a 68 obras musicais. De peças renascentistas e barrocas de pequena duração à sinfonia romântica completa, passando pela integral de trios, quartetos de cordas e sonatas, o Festival alcançou pela primeira vez uma grande gama de obras musicais ouvidas pelo público. Com o crescimento e diversificação do público do Festival, havia música para todos os gostos, que ainda, na maioria, estavam sendo formados.



Imagem 7: Frontispício dos programas do III Festival (Acervo do autor)

⁴⁷ Músico Brasileiro (22/09/1950). É violonista, guitarrista, compositor e arranjador. Iniciou os estudos musicais com o pai. Foi aluno de violão erudito de Isaías Sávio e formou-se pelo Conservatório Dramático e musical de São Paulo. Morou na Suíça por cinco anos (1975-1980), onde estudou no Conservatório de Genebra e lecionou no Conservatório de Lausanne. É um dos guitarristas brasileiros mais destacados da atualidade com carreira internacional ativa que já o levou a se apresentar nos continentes americano, europeu e asiático. Em 1994 ganhou o Prêmio Sharp pelos arranjos do CD de Gal Costa *O Sorriso do Gato de Alice*. In: <<http://www.bellinati.com/bio/bio.html>> e <http://pt.wikipedia.org/wiki/Paulo_Bellinati>. Acesso em 23/05/2009.

⁴⁸ A relação de todos os compositores pode ser conferida nas tabelas de programas do Festival nos anexos.

2.4 IV FESTIVAL

“Os cartazes na rua já anunciam que ‘Quando maio chegar, é tempo do IV Festival Internacional de Música de Câmera’...”. *O Liberal*, Belém, 27 de abril de 1991.

“Confirmando Belém com o centro de música clássica do Norte, Nordeste e Centro-Oeste, o 4º Festival Internacional de Música de Câmera do Pará, será realizado sob a promoção da Fundação Carlos Gomes.” Hamilton Braga, *O Diário do Pará*, 09 de maio de 1991.

Com as três edições anteriores realizadas em anos consecutivos e com imenso sucesso, o quarto ano do Festival já fazia parte do calendário musical erudito de Belém, já sendo naquele ano a sua principal estrela, eclipsando o Encontro de Arte de Belém promovido pela Escola de Música da UFPA e bem mais tradicional que ele. Com o Encontro de Arte de Belém se realizando sempre por volta do mês de outubro, não havia concorrentes para o Festival no primeiro semestre, quando ele reina absoluto no calendário de concertos em Belém.

...o Festival Internacional de Música de Câmera do Pará é realizado com a intenção de fazer, de Belém, a sede de um evento marcante em termos de música erudita, ao mesmo tempo em que oferece, à população em geral, a oportunidade de conhecer o trabalho dos artistas desse gênero musical. Além disso, o festival também é uma forma de promover o intercâmbio entre os músicos locais, nacionais e internacionais. (Felipe Andrade, *O Liberal*, 29 de abril de 1991).

A estrutura dos Concertos Diurnos e Noturnos foi mantida, porém pela primeira vez os músicos paraenses dominaram o lado brasileiro do Festival. As exceções ficaram com o soprano fluminense Leila Guimarães e a regente mineira Ângela Pinto Coelho.

Entre os grupos estrangeiros, pela primeira vez um grupo não norte-americano: o holandês Sticing Forum Valerius Ensemble fez sua estréia nesse ano para depois se tornar dos grupos freqüentes do Festival. O Quarteto Esterhazy, que não havia se apresentado no III Festival, volta a ele acompanhado do Missouri Arts Quintet, outro debutante no Festival.

Leila Guimarães mereceu laudatória descrição escrita por Rose Silveira para o jornal *O Libera* — que chegou a chamá-la de “Peixe Dourado” — em 1 de junho de 1991: dia de seu concerto com acompanhamento de piano da paraense Helena Maia.

A parte didática do Festival também se intensificou. Dos músicos norte-americanos, três deles: um professor de trompete, uma de sax e um regente ficaram em Belém por dois meses ministrando cursos no Conservatório Carlos Gomes⁴⁹. Fora as apresentações musicais, a preocupação de Glória Caputo com a formação técnica dos novos músicos paraenses era evidente. Embora as aulas tenham sido ministradas em módulos, uma boa parcela dos alunos

⁴⁹ O regente: Martin Berger. *A Província do Pará*, Belém, 15 de maio de 1991. 2 cad, pg. 1. Edwaldo Martins (Coluna). A saxofonista: Holly Copland. *O Liberal*, 16 maio 1991.

persistiram nos cursos e conseguiram concluí-los. Anos depois, alguns desses alunos se tornariam professores do Conservatório.

Outros professores norte-americanos ministraram oficinas de banda, instrumentos de sopro e viola. As oficinas de banda foram uma importantíssima linha adotada pela FCG nos primórdios do Festival, devido a existência de várias bandas no estado, mas nenhum curso técnico voltado para os seus músicos, que geralmente aprendiam o ofício de pai para filho. Os cursos ofertados no IV Festival foram os seguintes, segundo *O Liberal* de 16 de maio de 1991: tuba com Martin Berger (14/05 a 14/06); viola com Kate Hamilton; flauta com Steve Geibel; clarinete com Paul Garritson, oboé com Dan Willet e trompa com Laurence Lowe (27 a 31/05); saxofone com Holly Copland (27/05 a 27/06).

2.4.1 Homenagem

O IV Festival, ocorrido em 1991, aproveitou o bicentenário de falecimento de Mozart e lhe prestou homenagem por toda a programação. Schubert também teve sua homenagem em um recital no dia 27 de maio. A partir desse ano o Festival passaria a ser organizado através de temas e homenagens.

As homenagens a Mozart iniciaram no Concerto de abertura com a Orquestra de Câmara do Pará e o soprano paraense Marina Monarcha que executaram o *Exsultate, Jubilate* ao lado de peças de Haendel, Tchaikovsky e Rossini e culminaram no concerto de encerramento com a integral da *Sinfonia Júpiter* executada pela Orquestra do Festival, regida pela mineira Ângela Pinto Coelho.

A homenagem a Schubert surgiu por sugestão do professor Jonas Arraes que possuía as duas partituras de *A Truta* – a canção e o quinteto – e convidou alguns colegas seus da Orquestra de Câmara do Pará e do Conservatório para fazerem a estréia do Quinteto em Belém. Ao redor dele foi montado o recital apresentado na segunda noite do Festival em 27 de maio de 1991 às 21:00 no Teatro da Paz totalmente lotado. Desse recital participaram, além do próprio Jonas no contrabaixo, o cellista búlgaro Vassil Kazandjev (na época, professor do Carlos Gomes e cellista da OCP), Marina Monarcha (soprano), Paulo Keuffer (violino), Jairo Chaves (viola), e as pianistas Lenora Brito e Eliana Kotschoubey, todos brasileiros (*O Liberal*, 27 de maio de 1991).

2.4.2 Patrocínio

A partir do IV Festival a Companhia Vale passou a patrociná-lo, além de apoiar também o trabalho da lutheria coordenada, à época, pelo violinista húngaro e spalla da Orquestra de Câmara do Pará, Eugueni Ratchev. O dinheiro da Vale sustentou o Festival, mas certamente não era suficiente para todos os gastos, pois Glória Caputo, declarou para *O Liberal* que a FCG estava buscando mais patrocínio: “Os patrocinadores estão mais recolhidos, em virtude, é óbvio, da recessão. Mas alguns já estão se mostrando interessados”.⁵⁰

2.4.3 Destaque

Para uma cidade que passou décadas dependendo dos abnegados músicos locais para ouvir música de concerto, ou minguadas apresentações de um ou outro projeto de concertos, a chegada do Festival veio saciar a sede desse gênero musical na platéia belenense. Sendo assim, não é de estranhar que logo nos seus primeiros anos o Festival tenha ganhado rápido destaque.

Em 1990, o então presidente da Câmara de Vereadores de Belém, Nelson Chaves e esposo da professora Selma Chaves⁵¹, declarou surpresa ao encontrar “imenso e interessado público” na apresentação do Grupo de Percussão da FCG no Teatro Margarida Schiwazzappa. Para Nelson, o Festival evidenciou Belém “como um dos maiores centros dessa arte no país e certamente o mais importante da região”⁵². Não poupou destaques para Glória Caputo, o então governador Hélio Gueiros e a Secretaria Estadual de Educação, organizadora e apoiadora do evento.

Esse destaque somente cresceu para o ano de 1991, quando a quarta edição do Festival aconteceu. Já nesse ano, Glória Caputo destacava que o Festival agora fazia parte da agenda de músicos de várias partes do mundo, declarando: “Hoje, vários pedidos de informações a respeito do Festival chegam até nós, assim como são feitos contatos com pessoas interessadas em participar da programação”⁵³.

⁵⁰ *O Liberal*, Belém, sábado 27 de abril de 1991, 2. CAD. 2.

⁵¹ Professora de piano e estruturação e ex-diretora do Conservatório Carlos Gomes.

⁵² Chaves elogia Festival de Música de Câmara do Pará. *A Província do Pará*, Belém, 30 de maio de 1990. 1 caderno, p. 8.

⁵³ *O Liberal*, sábado, 27 de abril de 1991 2 cad. 2.

A partir do próximo domingo, a Fundação Carlos Gomes inicia a programação do IV Festival Internacional de Música de Câmara do Pará, evento já consagrado no calendário cultural da cidade e que vem assumindo graus mais elevados de importância, principalmente porque reúne em Belém um elevado número de músicos eruditos da maior estatura, que vêm de todas as partes do mundo, alguns, inclusive, que fazem questão de retornar, já que o festival vai muito além da simples apresentação de concertos, tornando-se em verdade, um meio de convivência, de troca de experiências e de ensino. (Diário do Pará, 23 de maio de 1991)

Mas para se fazer notar pelo grande público o Festival também contou com o apoio dos jornais de Belém, sobretudo, *O Liberal* e o hoje extinto *A Província do Pará*, que deram total cobertura a ele durante sua quarta edição, com várias notas de chamada para os concertos e longos ensaios para apresentar os músicos e o programa a ser executado.

Foi a partir do Festival que o intercâmbio entre Pará e Missouri se intensificou, apesar do comitê Pará-Missouri já existir há mais de vinte anos. Somente em outubro de 1990, o convênio entre a Fundação Carlos Gomes e a Universidade do Missouri foi assinado⁵⁴. O convênio permitiu que os músicos da FCG fossem estudar nos Estados Unidos e os norte-americanos viessem tocar no Brasil e dar oficinas no Conservatório Carlos Gomes. Através dele Nelson Neves foi aos Estados Unidos no início de 1991 estudar improvisação e harmonia com James Poth e Jamey Aebersold⁵⁵. Os norte-americanos ganhavam visão na metrópole da Amazônia e os paraenses podiam ampliar seus conhecimentos musicais tendo outra opção além da Escola Nacional de Música no Rio de Janeiro.

2.4.4 O repertório do IV Festival

A novidade no repertório do IV Festival foi a inclusão de um grupo de jazz na programação oficial e no horário diurno, ampliando assim o alcance da música popular e semi-erudita no Festival que agora começava a crescer, de fato, no repertório apresentado. Indo do renascimento ao modernismo, quase todos os períodos estéticos da música ocidental estavam sendo contemplados nele.

A programação oficial continuou com os concertos das 12:00 e das 21:00 horas, mas o “Quintas-Musicais” que ocorreu na semana do Festival acabou sendo incorporado a ele, mas não foi incluído na programação. O “Recital Mozart” fez parte do projeto Ensemble Mozartianos que

⁵⁴ *O Liberal*, sábado, 25 de maio de 1991, 2 cad, p. 2.

⁵⁵ Festival tem músicas românticas, hoje. *A Província do Pará*, Belém, 29 maio 1991. 2º caderno, p. 5.

a então professora de canto lírico do Conservatório e da EMUFPA, Marina Monarcha, preparou e apresentou com seus alunos. O recital, certamente foi incluído por fazer parte das homenagens a Mozart, dessa forma se igualando a temática do Festival.

Mas se no III Festival o total de obras executadas foi um número de 68 obras, no IV Festival levantou-se um total de 73 obras nos programas encontrados. Considerando-se que somente três recitais não tiveram seus programas encontrados, o número de 74 obras se aproxima bastante da totalidade executada no Festival de 1991.

Devido o aumento na participação de cantores, o número de canções e árias executadas aumentou consideravelmente, aumentando assim o número de peças de pequena duração.

Na parte instrumental, as grandes obras do repertório tradicional chamaram a atenção e foram vedetes nos programas. A Sinfonia Júpiter de Mozart encerrou o Festival dedicado a ele com sua maior sinfonia. Como a Sinfonia n°. 40 já havia sido executada no II Festival, as suas duas maiores sinfonias tinham suas execuções no repertório do Festival.

A estréia do Quinteto *A Truta* de Schubert foi muito concorrida, sendo o ápice do recital em homenagem ao músico vienense apresentado no Teatro da Paz na noite de 27 de maio de 1991. Além do Quinteto, o lied “A Truta” também foi executado juntamente com vários outros lieder e a Fantasia Op. 103 em fá menor para piano a quatro mãos. Se no primeiro Festival a música instrumental dominava, nesta IV edição houve um equilíbrio do vocal e do instrumental no repertório.

2.5 V FESTIVAL

“Isso coloca Belém com uma cidade brasileira onde se realiza o mais conceituado festival internacional de música de câmara até mesmo mais que o de Campos do Jordão”. (Leila Guimarães, Diário do Pará, 31/05/1992).

A 5ª edição do festival deu-se no período de bagunça financeira, política e cultural capitaneada pelo então presidente Fernando Collor de Melo. País em recessão (mais uma vez), moeda nacional sem nenhum valor e credibilidade no mercado internacional inexistente. Fernanda Montenegro escreveu uma carta aberta ao presidente queixando-se da situação de penúria que a cultura brasileira havia sido relegada. Confisco de dinheiro da população brasileira para tentar conter a inflação e mais uma vez a moeda brasileira virou pó como a economia do país. Nesse cenário caótico, o FIMCAMP foi realizado sob forte esquema de negociações da FCG capitaneada, ainda, por Glória Caputo.

Passaram a participar dele outros músicos que não só brasileiros e norte-americanos. Europeus, nordestinos e sulistas brasileiros também passaram a trabalhar no festival. A maestrina mineira Ângela Pinto Coelho, entusiasmada com suas participações anteriores no festival chegou a declarar que nada produzido nos outros estados brasileiros chegava aos pés do produzido em Belém naquela época.

É uma diferença muito grande. No ano passado participei de um mini-festival. Hoje faço parte de um grande evento que o Brasil inteiro deveria ter como exemplo.

Nenhum diretor de cultura está fazendo o que essa mulher tem feito. Graças a ela, Belém pode aplaudir um festival desse nível. Todos os louros devem ser dados a ela.

Esse movimento musical paraense é magnífico. Belém está se caracterizando como o pólo produtor de cultura mais efervescente dessa nação. A cada ano, esse festival vai ganhando um corpo maior, repercussão internacional mais sólida. (*O Liberal*, 31/05/1992)

Além de Glória Caputo, então superintendente da Fundação Carlos Gomes, os grupos musicais e os músicos, particularmente, também eram grandes responsáveis pelo crescimento do Festival e o sucesso perante o público e o reconhecimento e destaque obtido por todos os envolvidos nele com a imprensa local.

Os músicos continuaram a receber destaque curricular nos jornais e cada novidade era noticiada; de pequenas notas até reportagens de página inteira, como já havia sido feito nos anos anteriores. Com a diferença que durante aqueles anos tornou-se corrente a divulgação do festival.

2.5.1 O Público

Izabel Boulhosa revela: “O nosso maior público é constituído de jovens provenientes das classes média e baixa” (Diário do Pará, 09 maio 1991).

O crescimento do Festival deu-se não somente pela vontade de Glória Caputo e da FCG de ampliá-lo, mas pelo fato do público freqüentador de concertos em Belém ter crescido enormemente durante os quatro primeiros anos do Festival. A equipe de Glória Caputo na FCG mantinha permanentes contatos com músicos de fora do Pará e do Brasil e o trabalho de captação de recursos era contínuo.

Um dos fatores que chamaram bastante a atenção dos músicos participantes era quanto a faixa etária do público, em muitos concertos formados, na maioria por jovens: “A platéia em sua maioria era constituída de pessoas entre 17 e 23 anos, gente jovem. Lá, eles não aplaudem, simplesmente deliram. São extremamente educados. As pessoas nos procuraram no camarim,

querendo saber mais”, declarou Adair Fernandes, membro do Quinteto da Paraíba⁵⁶. Além dos músicos essa juventude também chamou a atenção da organização do Festival.

Outra satisfação é em relação ao público. “Notamos que principalmente os jovens têm lotado o Teatro da Paz e a sala Ettore Bosio nas apresentações. Isso é fabuloso!”, diz Glória. O horário das apresentações – às 12 e às 21 horas – é um fator determinante na participação do público. A experiência dos anos anteriores mostrou que em qualquer dos horários o público se faz presente. (*O Liberal*, 27 abril 1991 2cad. p. 2.)

Mas com o crescimento do público problemas começaram a surgir como o da lotação do Teatro da Paz e a sua insuficiência em acomodar todos as pessoas que a ele acorriam para assistir aos concertos sempre gratuitos. No início de maio de 1992, em reportagem de divulgação do V Festival, Glória Caputo fez um rápido balanço em relação ao público:

Em média 300 pessoas assistiram às apresentações em 87, primeiro ano do festival. No ano passado, alcançou o auge. Durante a apresentação de Leila Guimarães, no último dia, 900 pessoas lotaram o teatro e quase 500 ficaram de fora. O melhor: a platéia era, em sua maioria, formada por jovens “Formar uma platéia jovem que se interesse pela boa música: eis o objetivo. Essa aceitação, na verdade, está sendo um presente para nosso empenho”. (*O Liberal*, 05/05/1992, p. 2)⁵⁷

Tanta procura pelo público acabou criando o primeiro conflito explícito relacionado ao acesso ao Teatro da Paz, já que pelo horário do meio-dia a Sala Ettore Bosio nunca passou pelo mesmo problema. Em 1 de junho de 1992, o jornal *O Liberal* publicou um artigo intitulado *Dezenas ficam de fora de show no Teatro da Paz*, alegando que uma parcela do público havia sido impedida de adentrar o teatro, mesmo possuindo ingresso. Eis a integral do artigo:

Dezenas de pessoas com ingressos nas mãos foram impedidas de entrar no Teatro da Paz, ontem, para assistir ao último dia do V Festival de Música de Câmara do Pará, promoção da Fundação Carlos Gomes. Segundo algumas dessas pessoas, que estiveram na redação de *O LIBERAL*, para reclamar do fato, a ordem para que os portões fossem fechados, antes mesmo do início das apresentações, marcado para às 21 horas, partiu da direção da casa de espetáculos.

De acordo com Maria do Socorro Araújo, um policial militar alegou que o teatro estava lotado e não comportava mais ninguém em suas dependências. Maria do Socorro, entretanto, afirma ter certeza de que havia espaço para mais pessoas dentro do teatro, pois ‘assisti ao espetáculo na sexta e no sábado, e nestes dois dias havia muita vaga’. Além disso, completou ela, ‘pessoas que chegaram em carrões e bem vestidas tiveram acesso ao teatro. Nós, que aguardávamos na fila, acabamos barrados’.

O tenente que comandou os policiais, segundo Maria do Socorro, entrou no teatro e depois de alguns minutos voltou dizendo que o teatro estava fechado por ordem da direção do TP. ‘É lamentável que só no Pará ocorram coisas desse tipo. A elite teve acesso ao espetáculo e o povão foi barrado’, concluiu Maria do Socorro⁵⁸.

⁵⁶ Noronha, Chico. Êxito total, no Festival Internacional de Música de Câmara. Correio, Paraíba, 09 junho 1992. P. 16.

⁵⁷ V Festival de Música de Câmara. *O Liberal*, Belém, 05 maio 1992.

⁵⁸ Dezenas ficam de fora de show no Teatro da Paz. *O Liberal*, Belém, 01 junho 1992. Caderno 1, p. 2.

O artigo gerou a seguinte resposta da colunista Lana, então diretora do Teatro da Paz:

Uma explicação tão somente ao público, a bem da verdade: a promoção da Fundação Carlos Gomes – Leila-se Glorinha Caputo -, tão responsável quando a direção do Teatro da Paz, tem como dever preservar o patrimônio público e não é por uma denúncia leviana de alguém que queria entrar no Teatro da Paz, sem convite, querendo, inclusive, subornar a funcionária, que se deve levar em consideração.

Com 860 lugares disponíveis, foram fornecidos pela Fundação Carlos Gomes aos interessados, apenas a lotação do TP. E apenas tiveram acesso a casa de espetáculos os portadores de convite e que chegassem em tempo, antes de começar o evento. Caso contrário, não entraria mesmo. Em nenhum país do mundo, qualquer pessoa, em eventos artísticos, entra em qualquer encontro quando já começado. Somente nesta provinciana Belém do Pará, é que querem bagunça o trabalho e as normas da casa. Em tempo: com a elite presente, com a Sra. Maria do Socorro, que não deve distinguir coisa nenhuma, soube se comportar no Teatro da Paz. Prova disso, é que Camarote 5º da 1ª ordem estragaram uma cadeira, cortando a palhinha, e no segundo, nº 7, acontecendo o mesmo. O que é de comentar.

O Teatro da Paz não é campo de futebol, que cabe sempre mais um.

Apesar de a lotação esgotada continuar nos anos seguintes, a parcela do público que não adentrava o teatro não mais procurou os jornais para reclamar de tal ocorrido. A colunista Ana Diniz, no mesmo dia da resposta de Lana n’O *Diário do Pará*, escreveu n’O *Liberal* um artigo intitulado “Bom-senso” relatando a felicidade de um amigo que passara pela mesma situação de não conseguir adentrar no Teatro da Paz. Porém, teve atitude adversa à referida situação: “Pela primeira vez, em Belém, eu voltei da porta do teatro porque a lotação estava esgotada para um concerto”.

A colunista espantou-se com a juventude da platéia, formada até por metaleiros do extinto conjunto Morfeus.

Eu vi uma platéia de público jovem, e, para controle da moçada que pensa que música erudita é só para um tipo de pessoas (sic), reconheci uma porção de metaleiros lá dentro – é, gente, pessoal do Morfeus, inclusive – o que vem mostrar o quanto essa turma roqueira está trabalhando música a sério.

Mas perdeu bom-senso do público no único concerto do Festival a que assistiu, no tocante ao comportamento dos frequentadores e de suas atitudes.

Mas eu queria pedir para uma parte da platéia um pouco de bom-senso. Não se trata da chamada ‘platéia educada’ – isto é um mito, porque já vi espetáculos em outros centros em que a platéia se comporta do mesmo jeito que aqui – e essa estória é para quem quiser usar traje a rigor e perolas verdadeiras. O que ocorre é que tem gente insensata.

No concerto a que fui – concerto de música de câmara, constituído por peças longas com poucos instrumentos – houve criaturas que levaram crianças de colo, ou crianças pequeninas, abaixo dos dez anos. Será preciso que o pequenino seja uma aberração para agüentar duas horas de música instrumental pura. Claro que elas perturbaram, e não foi por culpa delas.

Depois pipocas na platéia? Que se coma, que se beba, que se leve até sanduíche, se quiser. Mas nada de ruídos. Além do que o sal corrói o verniz das cadeiras. Volta e meia um “croc”

desagradável. E quem estiver muito gripado, sujeito a acessos de tosse – por favor, ou saia para tossir ou fique em casa. Isto não é educação, é bom-senso.⁵⁹

As reclamações de Ana continuaram em relação aos ingressos gratuitos que foram parar nas mãos de cambistas e assim deixaram de ser gratuitos, na falta de organização na fila que se formou na entrada do Teatro da Paz (por conta da falta de ingressos na mão do público) e pelos assentos não estarem marcados: o que gerou confusão na hora de acomodar o público. Mas para ela tudo isso ficou secundário quando o Quarteto Shostakovich pôs-se a tocar.

Mas, no concerto que fui, do conjunto russo, esses problemas foram todos secundários. Deu vontade de gritar ‘spaciba’, para eles – primeiro, pela gentileza de terem vindo a esta terra tórrida e pobre, segundo, pelo fato de terem tocado pondo sua sensibilidade, sua arte, sua técnica e seu prazer de tocar, em cada nota, como se estivessem se apresentando num grande palco europeu – o que muitos artistas profissionais não fazem quando vêm para cá. Mas ainda é tempo: Glória, muito obrigado por tê-los trazido. E diga-lhes que, além da música, lhe ficamos gratos pela consideração que tiveram conosco.

Os problemas em relação a gratuidade dos ingressos no Festival continuaram nos anos seguintes: cambistas, pessoas que pegavam ingressos e não iam aos concertos, ingressos enviados aos gabinetes do governo estadual, camarotes reservados para professores e ex-professores do Conservatório e de escolas de música particulares de Belém (quando solicitado), imensa procura do público, filas na entrada do Teatro da Paz, retorno de parcela grande do público, concertos ao ar livre em locais inapropriados, são alguns dos problemas que acompanharam o festival até a sua vigésima edição, portanto, entranharam-se em sua história.

Além da juventude do público, dos problemas gerados pela gratuidade dos ingressos e da falta de preparo do público foi notado o nível social dele. Gente de poucas posses mas com grande interesse na cultura musical erudita. O fator a se anotar aqui é o fato desse público somente ser comunicado da realização dos concertos e recitais gratuitos, sem nenhum trabalho de convencimento para sua ida às salas de concerto. Iam simplesmente pelo amor e admiração pela música de concerto.

A grande diferença, além da pobreza atual desta terra e do anti-charme do Hilton, é que no início do século o centro da cidade e os seus eventos eram realizados para a gente abastada, enquanto que o festival da Fundação Carlos Gomes não tem muros financeiros – a entrada é totalmente franca. Além do mais, os dirigentes da Fundação garantem que o público que mais prestigia a música clássica em Belém é o de classe média à baixa, jovem e brasileiro. (Hamilton Braga, Diário do Pará, 26 maio 1991)

O marido de Leila Guimarães, o musicólogo Marcus Góes, maravilhado com o IV Festival escreveu em 1991 um extenso artigo no *Jornal do Commercio* intitulado *Música e Dança*, onde ressaltou o interesse e o democrático acesso do público ao Festival.

O entusiasmo natural do povo passava para os intérpretes, e era difícil não superar-se, era quase impossível não ser melhor. Não houve sequer um só evento em que o teatro ou outras

⁵⁹ Diniz, Ana. Bom-senso. *O Liberal*, Belém, 02 junho 1992. Caderno 2, p. 5.

salas não estivessem lotados, com gente sobrando (infelizmente) do lado de fora. Estudantes, gente velha e jovem (os velhos todos ficaram mais jovens), operários, gente humilde vinda de lugares de nomes lindamente indígenas (Guamá, Ananindeua, Icoaraci, Umarizal...), olhinhos brilhantes, interessados: eles também iam ouvir e ver a sua orquestra, no seu teatro. A Arte com maiúscula aparecia em sua mais plena plenitude, em sua função mais elevada – era um traço de união entre povos e gentes, todos reunidos em direção comum. O estudante sem dinheiro, o trabalhador braçal, o obscuro amanuense, todos foram ao teatro, como em Paris, como em Nova Iorque, como no Rio, igualzinho. Haverá coisa mais nobre?

Mas outro fator deve ser registrado: o reconhecimento de músicos e imprensa ao trabalho de Glória Caputo a frente da Fundação Carlos Gomes. É claro que Glória não trabalhou sozinha; teve uma equipe de destaque formada por profissionais experientes como os pianistas Anamaria Peixoto, Guilhermina Nasser e Felipe Andrade e Izabel Boulhosa, sua sobrinha e secretária. Mas na hora dos agradecimentos era ela quem levava todos os louros.

2.5.2 Orquestra de Câmera do Pará

A Orquestra de Câmera do Pará surgiu a partir do extinto Quarteto Belém formado por Haralampi Mitkov, Eugeni Ratchev, Petar Saraliev (búlgaros) e Afonso Barros (brasileiro), assim que os músicos búlgaros chegaram em Belém no segundo semestre de 1987⁶⁰. Após quarenta dias na cidade eles se envolveram na criação da orquestra, com a regência entregue a Ratchev. Mas o Quarteto continuou suas atividades em paralelo as da orquestra para mais a frente ser desfeito.

A primeira formação da OCP contava com os seguintes músicos:

Violinos: Eugeni Ratchev, Nildo Baía, Corina Brito, Jorge Catete, Afonso Barros, Flávio Costa, Edir Duarte.

Violas: Haralampi Mitkov, Jairo Chaves

Violoncelos: Petar Saraliev, Milene Aliverti

Cembalo: Irina Ratchev

Contrabaixo: Marin Iliev

Posteriormente, com a saída de alguns integrantes, outros músicos foram contratados para a orquestra: Alexander Serafimov, Serafim Serafimov, Celson Gomes, Paulo Keuffer (violinistas), Vassil Kazandjev (cellista), Jonas Arraes (contrabaixista).

A orquestra foi lançada oficialmente em abril de 1988 e durante esse ano cumpriu extensa agenda de apresentações. Ajudou a criar o Festival Internacional de Música de Câmera do Pará

⁶⁰ O Quarteto Belém foi lançado oficialmente em concerto realizado em 30 de setembro de 1987 no Teatro da Paz. *A Província do Pará*, 26 de maio de 1988.

em maio. Em novembro daquele ano fez sua primeira excursão ao sul do Brasil tocando na Sala Cecília Meireles, no Rio de Janeiro, e na Sala de Concertos do MASP, em São Paulo. Em 1989, excursionou pelo nordeste brasileiro (São Luiz, João Pessoa e Fortaleza)⁶¹ ao lado do violinista italiano Rodolfo Bonucci, com que já havia executado a integral de As Quatro Estações de Vivaldi em Belém do Pará.

Em janeiro de 1990 foi especialmente convidada para o concerto de encerramento do concurso EPTV para Jovens Instrumentistas de Orquestra, em Poços de Caldas (MG), onde a consideraram um dos melhores grupos de câmara do Brasil e lá também participou do 1º Festival Internacional de Música de Verão (*O Liberal*, 28/05/1990). Em setembro desse ano tocou no Suriname por ocasião das comemorações dos 168 da independência brasileira.

Com Miha Pogacnik tocou no 3º Festival Internacional Idriart Brasil/89. Também tocou acompanhando o violinista Lavard Skou Larsen, o cellista Antonio del Claro e o Quarteto Esterhazy da Universidade do Missouri, um de seus tradicionais colegas no Festival. Juntou-se a essa agenda de concertos a dos concertos didáticos promovidos pela FCG nas escolas estaduais paraenses da capital. Em fevereiro de 1992 realizou o concerto de abertura do I Simpósio Internacional em Defesa da Amazônia.

Durante sua existência a orquestra destacou a música dos períodos barroco e clássico e compositores como Haendel, J. S. Bach, Mozart, Haydn, acostumando seu público a audição das formas musicais típicas desses períodos como o concerto-grosso. Mas também alcançou os períodos seguintes executando Tchaikovsky, Carlos Gomes, Grieg, Britten, Chausson, Schubert e Janacek.

Formado por búlgaros, húngaros e brasileiros a orquestra tinha como ponto forte a sua sonoridade. A sua sonoridade ficou registrada em um CD gravado sob patrocínio do Governo do Estado do Pará, via Secult, e Companhia Vale do Rio Doce em 1992, sendo lançado na abertura do VI FIMCAMP em 24 de maio de 1993 no Teatro da Paz.

2.5.3 O repertório do V Festival

Especificamente quanto ao repertório, essa edição do festival foi a mais arrojada nas obras apresentadas, nos grupos participantes e na resposta positiva do público às apresentações.

⁶¹ Belém prepara-se para o festival de música de câmara. *Diário do Pará*, Belém, 23 de maio de 1991.

A música popular ou semi-erudita ficou de fora da programação. Apresentaram-se somente músicos eruditos.

Em termos de público, a grande sensação do Festival foi o paraibano Quinteto Ravel, que mais à frente rebatizou-se para Quinteto da Paraíba. O recital em homenagem a Astor Piazzolla fez tanto sucesso que causou arrependimento na organização do festival por não tê-lo programado para se apresentar no Teatro da Paz. Executaram as *Quatro Estações Portenbas*, *Adios Nonino*, *Libertango*, *La muerte del Angel*, *Tango del Angel* e *Fuga y Mistério*. O público belenense adorou e pediu bis. Segundo o jornal *Correio* os músicos voltaram para a Paraíba com largo sorriso e olhos brilhando⁶².

Como o Grupo de Música Antiga da FCG não fez parte do festival, obras dos períodos medieval e renascentista não foram executadas⁶³, mesmo porque os outros grupos optaram por programas formados por compositores dos períodos clássico, romântico e moderno. Foram também executados compositores contemporâneos como David Maslanka (n. 1943), Anthony Korf⁶⁴ (n. 1951) e Gregory Spears⁶⁵ (n. 1977). Anton Rejcha⁶⁶ (1770-1836), um compositor tcheco naturalizado francês, amigo de Beethoven e grande teórico musical, foi novidade para o público belenense.

O festival de 1992 fechou o seu primeiro quinquênio com uma programação enxuta e grupos que superaram as expectativas do público e da imprensa paraense. As cordas dominaram o festival: Quinteto Ravel, Quarteto Vivace, Quarteto Shostakovich, Orquestra de Câmera do Pará. Os sopros foram representados pelo Quinteto de Sopros da FCG e o Missouri Arts Quintet. Dois duos de canto e piano: Alfa Oliveira-Eliana Kotchoubey e Leila Guimarães-Helena Maia. O Grupo de Percussão da FCG foi posto no limbo das 18:00h, retrocedendo em importância na grade do festival ao lado dos alunos verdinhos da Orquestra Jovem da FCG; estes no seu horário apropriado.

Mas o grande diferencial dessa edição foi a primeira apresentação dupla da Orquestra do Festival com dois programas distintos e exibição do concerto de encerramento pela TV estatal paraense. A Orquestra executou na primeira noite Weber e de Mendelssohn o *Concerto para violino Op. 64 em mi menor* solado por Eugeni Ratchev. Tanto a obra de Weber quanto a segunda parte do programa não foram divulgadas nos jornais de Belém.

No concerto de encerramento foi a vez de Leila Guimarães fazer cantar árias de óperas de Mozart, Carlos Gomes, Puccini, Mascagni, Wagner e Ponchielli. Esse encerramento também ampliou o alcance sonoro da orquestra. Na primeira edição os 25 músicos fizeram um som

⁶² Na sexta edição do Festival o Quinteto Ravel apresentou-se no Teatro da Paz repetindo o sucesso de 1992 (N. do A.). Conferir também: Noronha, Chico. Êxito total, no Festival Internacional de Música de Câmera. *Correio*, Paraíba, 09 junho 1992. P. 16.

⁶³ Do período barroco, somente Bach foi executado pelo duo Jairo Chaves (viola) e Daniel Schene (piano).

⁶⁴ In: http://www.newworldrecords.org/liner_notes/80383.pdf. Acesso em 5 abril 2009.

⁶⁵ In: <http://www.princeton.edu/~gspears/newbiopage.htm>. Acesso em 5 abril 2009.

⁶⁶ In: <http://www.guiadamusicaclassica.blogspot.com/2008/04/anton-rejcha-1770-1836.html>. Acesso em 5 abril 2009.

camerístico com Vivaldi e Mozart. No quinto festival a amplitude maciça da orquestra romântica confirmou o seu crescimento em participantes e no alcance do repertório.

Os compositores executados nesta edição foram: Janacek, Tchaikovsky, Paganini, Haydn (2 programas), Anton Rejcha, Beethoven, Debussy (3 programas), Bizet, Fauré, David Maslanka, Samuel Barber, Dvorak, Mozart (4 programas), Piazzolla (2 programas), Szymanovsky, Villa-Lobos, Korf, Spears, Carlos Gomes, Puccini, Mascagni, Wagner, Ponchielli, Bach, Schubert, Brahms e Guerra Peixe. Desse levantamento somente três compositores brasileiros (Villa-Lobos, Carlos Gomes e Guerra Peixe). Os compositores estrangeiros novamente dominaram a programação: 24 no total. O festival ainda não estava totalmente aberto à música erudita brasileira.

Assim também como se fechou à música popular nessa quinta edição. Diferentemente da quarta edição que se abriu ao jazz, nenhum grupo de música popular fez parte da programação. A música popular teria que esperar os festivais futuros para se fazer presente.

Com relação as musicais elas foram escolhidas em conformidade com os grupos participantes: muitos duos, quartetos e quintetos de cordas, quinteto de sopros. Arranjos operísticos para voz e piano. Duos para viola e piano, piano a quatro mãos, dois pianos e violino e piano.

Em relação aos estilos musicais o romantismo dominou a programação com dez compositores contra cinco do período modernista, somente Bach entre os barrocos e a tríade dos grandes clássicos: Haydn, Mozart e Beethoven. Os músicos norte-americanos apresentaram os seus compositores conterrâneos (Maslanka, Korf e Spears), enquanto os tchecos do Quinteto de Sopros da FCG apresentaram Rejcha, um amigo de Beethoven e tcheco de nascimento. A quinta edição do festival teve repertório arrojado e, na época, algumas novidades sonoras que fizeram desse 5º Festival a primeira grande edição do Festival Internacional de Música do Pará.

2.6 VI FESTIVAL

No mês de maio, já está certo o 6º Festival Internacional de Música de Câmera, promoção de muito sucesso e repercussão da Fundação Carlos Gomes, dirigida por Glória Caputo. Vera Castro, *O Diário do Pará*, 07/02/1993.

Tradicional. Assim já era considerado o Festival em 1993. Tanto que notícias como a que abrem este capítulo já saíam nos jornais belenenses meses antes de sua realização. E para anteceder o festival a FCG programou vários recitais como estímulo inicial e deu continuidade ao *Música nas Escolas* como parte dos trabalhos de formação de público. Inicialmente estava programado um recital do Duo Pianístico da UFPA, mas a apresentação foi cancelada⁶⁷. As apresentações que se realizaram foram do Duo de Câmera formado por J. Pelikan (flauta) e S. Chulz (trompa), a Big Band da FCG na implantação da Ação Social em Marapanim, o Duo

⁶⁷ *O Liberal*, Belém, 4 maio 1993. Caderno 3, p. 7.

Pianístico Maria Helena Andrade e Sônia Vieira na Casa da Cultura em Santarém no dia 15 e na Sala Ettore Bosio em Belém no dia 17. No dia 18 houve Concertos Didáticos no Teatro da Paz, às 10 e 16 horas, para alunos da rede pública estadual. Porém, o evento mais concorrido, foi o recital do pianista Dang Thai Son, medalha de ouro no Concurso Chopin de Varsóvia⁶⁸.

Maria Helena Andrade, belenense e formada pelo Conservatório Carlos Gomes, radicada no Rio de Janeiro, retornou ao Pará para essas apresentações através do projeto de intercâmbio cultural desenvolvido pela Fundação Carlos Gomes (*O Liberal*, 4/05/1993). Ela já havia formado, com Maria Helena Chaves, o Duo Pianístico da UFPA original, sucedido por Lenora Brito e Eliana Cutrim⁶⁹.

O *Música nas Escolas* sempre foi um grande auxílio à FCG na formação de público de concerto em Belém, pois vários desses alunos passaram a frequentá-los após o contato musical direto em suas escolas. Mas a grande estrela desse período pré-festival foi o vietnamita Dang Thai Son, vencedor do Concurso Chopin. Thai Son conheceu Marília Caputo (pianista paraense e filha de Glória Caputo) na URSS quando ela lá fazia a especialização em piano. Levado pela FCG até Belém, lá realizou o recital mais concorrido antes do Festival⁷⁰. Um pianista internacional apresentando-se de graça em Belém foi uma excelente oportunidade para formar público de concertos. Desse modo, quando o Festival iniciou no dia 24, o público já estava aquecido para a maratona de concertos finalizada somente em 1 de junho.

2.6.1 CD da Orquestra

Uma grande novidade deu início ao Festival: o lançamento do CD da Orquestra de Câmara do Pará. Patrocinado pela Companhia Vale do Rio Doce e o Governo Estadual Paraense via Secretaria de Cultura⁷¹.

O CD foi patrocinado sem fins lucrativos e destinado à distribuição gratuita de parte de suas três mil cópias

⁶⁸ Fundação Carlos Gomes – Programação para este mês. *O Liberal*, Belém, 4 maio 1993. 3º Caderno, p. 8.

⁶⁹ Na época, apresentando-se com o nome de casada: Kotschoubey (N. do A.).

⁷⁰ O autor assistiu esse recital.

⁷¹ CD da orquestra paraense. *O Diário do Pará*, Belém, 20 maio 1993. Caderno D, p.6. A capa do CD contou com foto de Luiz Braga e arte final de Luciano Oliveira.

. Parte porque os músicos da orquestra receberam cotas dele para por à venda como forma de pagamento pela participação na gravação. Os CDs custaram US\$ 2,00 cada um a época com a prensagem patrocinada pela Companhia Vale do Rio Doce num total de 5.000 cópias, dos quais 15 foram entregues para os músicos da OCP. A distribuição foi feita para rádios, produtores culturais e secretarias de cultura⁷².

2.6.2 Convênio

Durante o Festival a FCG aproveitou para assinar novos convênios. Dessa vez com a Fundação Música e Mundo, da Holanda, presidida por Chris Fictoor. O vice-presidente, Christo Iliev, um pianista, assinou o contrato conjuntamente com Glória Caputo. O convênio teve por finalidade a cooperação técnico e cultural entre as duas instituições e foi assinado na noite de 1 de junho de 1993, antes do Concerto de Encerramento. A partir dele a colaboração do Valerius Ensemble no FIMCAMP durou anos⁷³.

O outro convênio assinado durante o Festival foi com o Centro Sócio-Cultural das Guianas. O acordo objetivou facilitar a vinda de professores, estágios e intercâmbio cultural em música popular, erudita e folclórica, além da ida de grupos belenenses até as Guianas e vice-versa. Informou Glória Caputo: “O Convênio vai ser assinado em aberto e toda vez que houver interesse, os lados vão definir os gastos”.⁷⁴

2.6.3 Vai e volta

Com uma soma próxima de 60 músicos o VI Festival já estava bem grande, em número de participantes, em relação ao 1º Festival e o número somente cresceu nas cinco edições anteriores ao de 1993.

Para a sexta edição foram trazidos grupos e músicos que já haviam participado de edições anteriores como o Quarteto Esterhazy, o duo Eva Szekely (violino) e Daniel Schene (piano), o

⁷² O repertório do CD conta com as Serenetas para Cordas de Tchaikovsky e Alberto Nepomuceno e a Suíte para Cordas de Leos Janacek. Na declaração de Glória Caputo os CD's seriam usados como propaganda do trabalho da Orquestra de Câmara do Pará (N. do A.).

⁷³ Convênio. *O Diário do Pará*, Belém, 1 junho 1993. Caderno D: Dicas, p. 6.

⁷⁴ Fundação assina acordo. *O Diário do Pará*, Belém, 29 maio 1993. Caderno A, p. 11.

Quinteto Ravel e novidades como o holandês Valerius Ensemble, em sua primeira contribuição com o FIMCAMP. Outro grupo estreante, e que se tornou habituê no Festival foi o Metal Brass'il: um quinteto de metais formado por professores do Departamento de Música da Universidade Federal da Paraíba.

Entre as atrações locais figuraram Lenora Brito (piano), o Grupo de Percussão da FCG, o Trio de Música Antiga, Malina Mineva (canto) e seu esposo Nicola Minev (guitarra clássica) entre outros⁷⁵.

2.6.4 Gratuidade

Para continuar alcançando uma parcela grande de público, Glória Caputo insistiu na gratuidade dos ingressos, principalmente para “aquelas pessoas que mal têm dinheiro para o transporte” (*O Diário do Pará*, 23/05/1993). Na opinião de Glória Caputo, passar a cobrar ingresso restringiria muito o público, mesmo com o visível crescimento de atrações e de público. Portanto, a FCG continuava a cada ano buscar parceiros para a realização do Festival.

A Companhia Vale do Rio Doce novamente apareceu como patrocinadora financeira, enquanto o Governo paraense patrocinava a liberação do Teatro da Paz. Nesse ano, a Estacon, também esteve na lista de patrocinadores. Mas a gratuidade dos ingressos nem sempre alcançou o público, por conta da ação dos cambistas. Em várias notas de jornais o público foi lembrado da ação deles e da necessidade de chegar cedo ao teatro para obter ingressos. Na tentativa, de amenizar a ação deles a FCG adotou várias maneiras de entregar os ingressos: pegá-los na própria fundação, recebê-los na entrada do teatro ou retirá-los na bilheteria do teatro uma hora antes do início dos concertos⁷⁶. Mas mesmo assim os cambistas estavam sempre na porta do teatro vendendo ingressos.

Mas uma vez os cronistas dos jornais chegaram a registrar suas impressões sobre o público. N^o *A Província do Pará* de 3 de junho de 1993 lê-se:

Belém, ao contrário do que muita gente ainda pensa, já possui um público que aprecia, e muito, a música erudita. E o concerto promovido no Teatro da Paz, pela Fundação Carlos Gomes, segunda-feira, à noite foi um bom exemplo.***Foi muito superior à capacidade de lotação do Teatro da Paz a demanda dos que queriam assistir ao concerto...

⁷⁵ A programação geral do Festival encontra-se nos anexos (N. do A.).

⁷⁶ Edgar Augusto. É tudo de graça. *O Diário do Pará*, Belém, 27 maio 1993. Caderno D, p. 4.

O nível financeiro do público belenense assim era destacado para mostrar que, pelo menos em Belém, as classes populares de baixa renda estavam sendo seduzidas pela música erudita. O cronista Mauro Bonna atribuiu a isso o bom nível técnico e ao impacto do Festival no público.

Em novembro desse ano e por ocasião da visita à Belém da orquestra *Artave*, da Escola Profissional Artística do Vale do Ave, Bonna voltou ao assunto:

A Fundação Carlos Gomes constata o crescimento desse público através, não só da freqüência com que as pessoas têm procurado as salas de espetáculo, de porte ou não, mas também com o retorno das 1.700 malas diretas com convites que são despachadas para um público selecionado quando o evento tem grande significado como foi o dos jovens portugueses, e ainda pelo número de telefonemas, solicitações na própria Fundação e com o público que engrossa as filas na porta do Teatro da Paz

O mais importante disso tudo, entretanto, é que, cada vez mais, o grosso desse público que começa a gostar de ouvir música de bom nível vem de classes sociais da média para baixo. Um dirigente do Conservatório Carlos Gomes mostrava um outro fato curioso: no dia 15, o Teatro estava confortavelmente lotado, mas em frente do Teatro da Paz era pequeno o número de carros estacionados – sintoma de que a grande maioria daquele público é de faixa econômica que vai ao teatro de ônibus. A Fundação tem como comprovar essa tese: 90% do público da mala-direta é do subúrbio de Belém.⁷⁷

2.6.5 Percussão

Preenchendo a programação do Festival a FCG incluiu uma outra programação independente na grade, o 1º Encontro de Percussão do Pará, coordenado por Vanildo Monteiro e Ricardo Coelho de Souza. O Encontro deu-se entre os dias 19 e 27 de maio de 1993, com apresentações na Sala Ettore Bosio. O concerto de encerramento deu-se às 18:30h, ainda na Ettore Bosio, reunindo o Grupo de Percussão da FCG (que fez a abertura às 20:00h) e os participantes do evento. Este encontro confirmou o rápido crescimento da percussão no Pará. Cresceu tanto que anos mais tarde, já na Escola de Música da Universidade Federal do Pará – EMUFPA, Vanildo Monteiro criou o curso técnico de percussão nessa instituição, ampliando ainda mais as opções para os jovens estudantes de música paraenses.

⁷⁷ Bonna, Mauro. Erudito. *O Diário do Pará*, Belém, 19 dezembro 1993. Caderno D, p. 12.

2.6.6 Orquestra Sinfônica

Nesse Festival, a FCG já cogitava a possibilidade de firmar convênio com o governo paraibano para a formação de uma orquestra que pertenceria aos dois estados, apresentar-se-ia neles e nos outros do Brasil, mas a história andou em outro rumo. O então governador do Pará Jader Barbalho, apoiou a causa da Fundação Carlos Gomes e as insistências de Glória Caputo nesse caminho. Doou instrumentos à FCG e com as cordas da Orquestra de Câmara do Pará criaram a Sinfonieta que depois foi transformada na Orquestra Sinfônica do Teatro da Paz. E assim, a lacuna sinfônica no Pará estava finalmente preenchida.

Jader Barbalho confirmou seu envolvimento com os projetos da FCG na divulgação do programa de rádio Bom Dia Governador publicado n'O *Diário do Pará* de 2 de junho de 1993.

...Quero registrar com grande alegria o encerramento, com grande sucesso, do Festival de Música de Câmara, promovido pela Fundação Carlos Gomes, no Teatro da Paz. Desde o dia 24, todos os dias, gratuitamente, realizamos o sexto Festival Internacional de Música de Câmara. A cada momento, o Pará se credencia não só a nível nacional como no nível internacional no campo de cultura, fundamentalmente no campo da música. Quero me congratular com a professora Glória Caputo, por mais este evento. Tenho demonstrado preocupação enorme nestes dois governos à frente da administração pública do Pará com a questão da cultura, eu que construí o Centur⁷⁸, e no caso da Fundação Carlos Gomes.

2.6.7 O repertório do VI Festival

Embora nessa edição o concerto mais esperado já fosse o da orquestra do festival, a música de câmara, e não a sinfônica, continuava a dominar a programação; mesmo porque o festival continuava tendo o direcionamento para o camerístico e não o sinfônico. A superintendente da FCG, Glória Caputo, teve que abrir ao público o ensaio geral da orquestra na manhã do encerramento devido a grande procura do público pelos ingressos do último concerto. Mas ensaio não tem o mesmo atrativo do concerto e o público correu ao Teatro da Paz à noite e não pela manhã, ocorrendo novamente o já tradicional tumulto para o concerto de encerramento.

A documentação arquivada na Fundação Carlos Gomes não é completa sobre o Festival e há uma imensa lacuna referente aos programas de concerto. Essa lacuna prejudicou o levantamento do repertório dessa edição do Festival. Muito do obtido está registrado nos jornais

⁷⁸ Centro Cultural Tancredo Neves, em Belém. Reúne a Biblioteca Estadual, o Cine-Teatro Líbero Luxardo, o Teatro Margarida Schiwazzappa, o Museu da Imagem e do Som do Pará, o escritório da Lei Semear de incentivo à cultura, a Galeria Theodoro Braga, Praça do Povo e alguns setores da Secretaria de Cultura (N. do A.).

belenenses, com informações nem sempre confiáveis devido a erros de anotações e de datilografia e/ou digitação. Mas, errados ou não, esses jornais deixaram uma visão do que foi executado em 1993. Completando a lacuna da FCG, o arquivo do Teatro da Paz é bem mais completo sobre o Festival, embora nesse, o programa do concerto de encerramento não se encontra arquivado.

A diferença substancial entre o V e VI Festivais foi o retorno da música barroca. No V Festival, apenas Bach foi executado, mas no VI não só ele figurou nos programas: Purcell, Corelli, Vivaldi, Haendel, Riccio e Locatelli foram executados. Isso se deu por conta do Trio de Música Antiga formado por Luiz Carlos Tavares (flauta doce), Gelda Silva (cravo) e Zdeneck Haloun (fagote). Com exceção de Purcell, executado pela Orquestra de Câmara do Pará, os demais compositores figuraram em seu programa.

Com a participação de grupos nordestinos como o Quinteto Ravel, Quarteto de Trombones da Paraíba e o Quinteto Brass'il, todos paraibanos, mais o Grupo de Percussão da FCG vários compositores não freqüentes ou mesmo atípicos do repertório erudito foram apresentados.

Em seu concerto o Quinteto Ravel trouxe a música armorial de Jarbas Maciel, Clóvis Pereira, Antônio J. Madureira e Mestre Capiba, repetindo na segunda parte obras de Piazzolla que tanto sucesso fizeram no V Festival. Dos oitos compositores apresentados pelo Quarteto de Trombones da Paraíba somente três foram tocados no original; os restantes em arranjos feitos para a formação do grupo.

Como o repertório dos grupos de percussão é basicamente novecentista somente compositores modernos foram executados pelo Grupo de Percussão da FCG, que após a saída de Luiz Roberto Sampaio passou a ser regido por Vanildo Monteiro, sem o destaque da época do percussionista paulista. Nessa edição os compositores escolhidos pelo grupo foram Rupert Kettle, Garry Coleman, Michael Lang, Larry Spivack, George H. Green, Christopher Rouse, Fernando Marconi e duas peças do tradicional brasileiro.

Os demais grupos optaram por compositores do repertório tradicional, mas essa edição do Festival diferenciou-se das anteriores pela grande abertura dada aos compositores do século XX. Além dos já executados pelo Grupo de Percussão da FCG, também foram ouvidos Prokofiev, Piazzolla e Szymanovski. Entre os românticos figuraram Tchaikovsky (3 programas), Mendelssohn (2 programas), Schubert, Cesar Franck, Schumann, Brahms, J. Strauss Jr., Verdi, Saint-Saëns. Haydn e Beethoven figuraram novamente pelos clássicos, cada qual em 2 programas.

A Orquestra do Festival retrocedeu em relação ao ano anterior e fez só uma apresentação, sob a regência de Roberto Tibiriçá. Ele declarou a *O Liberal*, que ficou impressionado com a qualidade dos músicos e fez uma mudança de repertório na última hora: em vez da 5ª Sinfonia de Beethoven, a 4ª de Tchaikovsky, por ela usar mais metais na orquestração⁷⁹.

No encerramento houve a repetição de árias de óperas como no ano anterior, mas dessa vez a solista foi a paraense Alpha de Oliveira, que após as temporadas de *D. Giovanni* no Ceará e *Aida* em Curitiba voltou triunfante para Belém. Inteligentemente escolheu “Pace, pace mio Dio” d’*A Força do Destino* de Verdi e arrancou aplausos calorosos de todo o Teatro da Paz no fim da primeira parte.

As formações musicais que se apresentaram foram duos, trios, quartetos, quintetos e orquestra de cordas. Muitas canções e árias nos recitais de Malina Mineva (soprano), acompanhada da guitarra clássica de seu marido Nicola Minev e de seus alunos de canto do Conservatório e a já citada apresentação de Alpha de Oliveira. A guitarra de Nicola Minev foi o único instrumento a solar no Festival.

O trio formado por Svetoslav Marinov (violino), Katia Evrova (piano) e Vassil Kazandjiev (cello) executou a *Sonata para violino e piano* de Cesar Franck e as *Phantasiestücke* de Schumann. Mas conseguiram um destaque histórico: na execução do *Piano Trio nº 1 Op. 49* de Mendelssohn fizeram todo o Teatro da Paz dormir pela primeira vez no Festival.

Em relação às formações musicais, foram muitas as tradicionais como o quarteto de cordas e o trio com piano. Outras provenientes de arranjos para alguns dos grupos participantes como o quinteto para instrumentos de cordas e o quarteto de trombones. O encerramento foi transmitido pela TV estatal paraense e um telão foi posto na Praça da República para que aqueles que não conseguiram entrar no Teatro da Paz pudessem acompanhá-lo; mas a novidade não agradou aos desafortunados que ficaram do lado de fora e, como pôde constatar o próprio autor, a audiência ficou por conta dos boêmios do Bar do Parque⁸⁰.

⁷⁹ Grande orquestra encerra Festival Internacional. *O Liberal*, Belém, 31 maio 1993. 2º Caderno, p. 5.

⁸⁰ Célebre bar boêmio do centro histórico de Belém do Pará. Localiza-se ao lado do Teatro da Paz. Muito freqüentado por artistas paraenses e turistas. (N. do A.)

2. 7 VII FESTIVAL: UMA CELEBRAÇÃO DA MÚSICA

Aqui em Belém as pessoas ainda têm uma visão errada da importância que esta cidade realmente possui. Conheço músicos holandeses que aqui estiveram e que, quando voltaram ao seu país, falaram de Belém e não do Rio, São Paulo, Fortaleza ou Porto Alegre. (Eva Szekeley)⁸¹

A opinião da violinista romena Eva Szekeley, mostra como já se percebiam em 1994 as mudanças na vida musical em Belém causadas pelo Festival. Assim, o telão colocado na Praça da República, em frente ao Teatro da Paz, no encerramento do VI Festival não resolvera o problema maior na história dos festivais: público grande demais para esse teatro. Mesmo em outros concertos o teatro era insuficiente para o tamanho do público acompanhador do festival na sua sétima edição. Mas nessa edição o público não assistiu a muitas novidades na programação. Os músicos de edições anteriores voltaram, mas na condição de veteranos, já possuíam uma afinidade com o público belenense.

Nessa edição os músicos arregimentados foram: Trio Camerístico Paraense, Duo Pianístico da UFPA, Grupo de Percussão Brasil, Grupo de Percussão da FCG, Daniel Schene e Sergei Kovalenko entre outros. Um destaque na programação desse ano foi a apresentação do tenor paraense, radicado na Alemanha, Reginaldo Pinheiro. Desde que havia saído de Belém na década de 1980, Reginaldo nunca havia se apresentado em sua cidade natal. Foi o primeiro paraense de carreira internacional a se apresentar no Festival.

2.7.1 Coro

Nessa edição do Festival um coro foi arregimentado para se apresentar junto com a orquestra no concerto de encerramento. Foi o primeiro coro do Festival. Nas edições seguintes em várias ocasiões um coro foi usado nos concertos de encerramento. Para essa edição o regente norte-americano David Rayl foi contratado e se disse surpreso com a qualidade dos músicos que lhe foram apresentados:

As pessoas aqui têm boa vontade e boa memória. O coral, preparado pelo professor João Bosco Castro, já melhorou a qualidade vocal e a linha melódica, do jeito que eu queria. Eu já trabalhei, no Missouri, com voluntários, mas aqui as pessoas têm outro nível, elas respondem mais rápido às exigências que eu peço. (*O Liberal*, 21/05/1994).

⁸¹ Festival promove uma celebração da música. *O Liberal*, Belém, 21 maio 1994. 3º Caderno, p. 4.

O coral foi preparado por 15 dias pelo maestro Bosco Castro, que regeu a abertura do Festival em 1988, antes da chegada de Rayl em Belém. Apesar dos estudantes de canto do Conservatório e da EMUFPA terem se envolvido no coro, a maioria dele foi formada por amadores. Daí a surpresa de Rayl com o resultado encontrado por ele em Belém: “Não tinha nenhuma expectativa, porque não sabia o que me esperava”(...)”Me surpreendi com o nível e principalmente com a disposição das pessoas” (Idem).

Mas essa participação do coro quase não aconteceu, posto que a FCG havia decidido não formar a tradicional orquestra para o encerramento, mas voltou atrás e manteve a estrutura do Festival como nos anos anteriores⁸².

2.7.2 Público e Finanças

Novamente nas reportagens jornalísticas desse ano, a juventude do público foi lembrada, com alguns comentários dos músicos estrangeiros participantes, no tocante a comparar o público belenense com outros públicos. A romena Eva Szekely, declarou que na Europa e Estados Unidos o “público é de 40, 50 anos, e em Belém são pessoas muito jovens, é o público mais entusiasmado que já vi”⁸³.

Os músicos atribuíram essa juventude do público ao trabalho de formação de platéia da FCG, aliado ao fato de que muitos dentre os jovens que freqüentavam os concertos, haviam estudado música.

Uma opinião comum entre os músicos que participam do Festival é a formação de platéia. Eva Szekely diz que o público paraense é mais jovem do que o freqüentador de salas de concerto na Europa e nos Estados Unidos. Além de ser mais entusiasta. ‘Isto não é só um Festival, mas uma celebração da música’, define a violinista. Eva, que participa desde a primeira versão do evento, diz que alunos que tinham 16 anos na época do I Festival, hoje já tem mais de 20 e apesar de muitos terem interrompido os estudos musicais, continuam freqüentando salas de concerto.⁸⁴

Mas nem tudo eram rosas no Festival. O custo preocupava a organização e indignava alguns dos músicos participantes. Na VII edição, saiu uma declaração no jornal *A Província do Pará* sobre o seu custo total. Foi a primeira vez que isso aconteceu.

⁸² Braga, Hamilton. Festival Paraense celebra a música. *O Diário do Pará*, Belém, 23 maio 1994. Caderno D, p. 1.

⁸³ Idem.

⁸⁴ Festival revive tradição musical. *A Província do Pará*, Belém, 22 maio 1994. 1º Caderno, p. 12.

‘É preciso lembrar que existe todo um trabalho por trás do Festival’, lembra Eva [Szekely] ao falar sobre o trabalho da Fundação Carlos Gomes. [Eugene] Ratchev concorda com sua companheira de violino e reclama da falta de apoio financeiro que é dado ao Festival. ‘As empresas deviam colaborar mais’, diz. Festivais do porte do FESTICAM costumam custar, em média, 300 mil dólares. No Pará, o evento é orçado em 80 mil. E mesmo assim, a penúria é total. Este ano, a Fundação espera contar com público de 16 mil pessoas divididas entre os 15 recitais do Festival. O que dá um custo de 0,3 dólares por cada cidadão que assista gratuitamente as apresentações.

O Festival, que ficou ameaçado de não ocorrer já na terceira edição, sofreu com as finanças até a nona edição, pois até ela o Festival não contava com patrocínio do governo paraense. O Teatro da Paz era liberado para as apresentações. Os grupos estrangeiros participavam com patrocínio ou apoio cultural de instituições igualmente estrangeiras⁸⁵. No Pará, o patrocínio oficial era da Companhia Vale do Rio Doce e os apoios mudavam todos os anos: uns saíam, outros permaneciam e outros entravam.

2.7.3 O repertório do VII Festival

A partir de 1994 os jornais de Belém deixaram de publicar os programas dos concertos e recitais do Festival e com a já citada falta de arquivamento deles na Fundação Carlos Gomes, a partir desse ano levantá-los tornou-se uma difícil tarefa. Com a reorganização dos arquivos do Teatro da Paz nos últimos anos, o acesso aos programas de concerto que se realizaram lá, tornou-se muito mais fácil que durante as décadas de 1980 e 1990; período que o arquivo ficou praticamente esquecido. Foi devido aos documentos arquivados no Teatro da Paz que o repertório dessa edição do Festival pôde ser levantado, mas, novamente, de forma parcial.

Considerando-se somente os compositores apresentados no Teatro da Paz, o Festival teve nessa casa de espetáculos, o total de 48 compositores; retirados daí composições folclóricas e tradicionais. A grande maioria, apresentada uma única vez. Vivaldi, Dvorak, Piazzolla e Villa-Lobos figuraram em dois programas de concerto cada. Beethoven e Mozart foram os mais executados, cada um em quatro programas. Também houve um crescimento significativo de compositores brasileiros executados: 14 no total⁸⁶.

Com a apresentação do Conjunto de Música Antiga os compositores barrocos figuraram na programação, mas sem o arquivamento dos programas de concertos não sabe-se quais.

⁸⁵ Entenda-se aqui “estrangeiras” como toda instituição não paraense (N. do A.).

⁸⁶ Guerra-Peixe, Mestre Duda, Osvaldo Lacerda, E. Nazareth, Luiz Gonzaga, Carlinhos Brown, Hermeto Pascoal, Tim Rescala, Carlos Gomes, Capiba, Alberto Costa, Villa-Lobos, Carlinhos do Repique, Neguinho do Samba (N. do A.).

Os compositores europeus novamente foram maioria na programação, num total de 22⁸⁷. Os grupos de percussão apresentaram, como sempre, compositores norte-americanos contemporâneos, diretamente ligados à música para percussão⁸⁸. O repertório apresentado pelo Grupo de Percussão da FCG foi o mais recente apresentado, a exceção de Gershwin que viveu até a primeira metade do século XX.

A música popular brasileira também teve sua cota de participação no repertório, mas em arranjos executados pelos grupos de percussão, Quinteto de Cordas Ravel, Quinteto Brass'il. Ainda nesse festival, a música popular teve apresentações pontuais pois não contava com a faixa de horário específica à ela que viria a ganhar nos festivais posteriores. As atrações internacionais diminuíram devido à Companhia Vale do Rio Doce ter retirado o patrocínio dado nos anos anteriores. Desta feita, apenas alguns músicos estrangeiros foram trazidos, como Eva Szekely e Daniel Schene (veteranos no Festival) e outros desconhecidos do público paraense como o regente David Rayl, o violinista Moisés Mandel, o trompetista Charles Schlueter e o trombonista Per Brevig, todos norte-americanos. Com o coro formado por coralistas de Belém convocados via jornais para o concerto de encerramento, pela primeira vez houve música coral-sinfônica executada no Festival. A Missa em Sol Maior de Schubert encerrou a primeira parte do concerto. A segunda parte ficou por conta da Sinfonia nº 38 *Praga* de Mozart, que assim teve mais uma de suas sinfonias pondo termo ao Festival.

2.8 VIII FESTIVAL

Tudo isso dentro do VIII Festival Internacional de Música de Câmara do Pará, que já está registrado no calendário cultural da cidade como o maior evento musical da Região Norte e Nordeste e um dos mais importantes do Brasil⁸⁹.

Na estrutura do Festival a sua oitava edição não trouxe nada de novo: as apresentações continuaram no Teatro da Paz e na sala Ettore Bosio em dois horários fixos (12 e 21 horas) e um alternativo (17 horas) quando a Big Band da FCG fez sua primeira apresentação. Grande sucesso de público e crítica nos anos posteriores é difícil imaginar a Big Band iniciando sua carreira no Festival em um horário tão inapropriado para a frequência do público.

⁸⁷ Vivaldi, Haydn, Dvorak, Oskar Böhm(1870-1938?), Beethoven, Katchturian, César Franck, Glück, Poulenc, Granados, R. Strauss, Mozart, Massenet, Verdi, Liszt, Turina, Brahms, Händel, Chopin, Liszt e Schubert.

⁸⁸ William Kroll (1901-1980), Jared Spears (n. 1930), Paul Creston (1906-1985), William J. Schinstine (1922-1986).

⁸⁹ Soares, Isaac. VIII Festival de Música. *O Liberal*, Belém, 29 maio 1995. 2º Caderno, p. 5.

Mas as dificuldades financeiras, que sempre estiveram presente no Festival, esse ano novamente se fizeram presente, e a FCG, novamente, pediu ajuda a terceiros para realizar o Festival. Inclusive à Prefeitura de Belém, via FUMBEL (Fundação Cultural do Município de Belém), que geralmente não se envolve em projetos do governo estadual paraense, chegando mesmo a rivalizar com ele.

...Com o Governo do Estado de pires na mão, sem saber como gerar dinheiro, o Festival acabou patrocinado pela Prefeitura de Belém, Vale do Rio Doce, Varig, Hotel Equatorial e assim por diante. Sinal dos tempos bicudos de agora...⁹⁰

Sinal desses tempos bicudos foi a utilização do Grupo de Percussão da FCG, que nos anos anteriores havia sido colocado no limbo das 18 horas, para abrir o Festival. Isso coincidiu com o retorno à Belém de Maria Cláudia Oliveira após graduação concluída em São Paulo. Ela, que já era formada em piano pelo Conservatório, substituiu Vanildo Monteiro na direção do grupo e lhe deu novo brilho. Naqueles anos, sempre que os grupos paraenses eram colocados como âncoras do Festival, isto era reflexo do pouco dinheiro em caixa.

Mas a minguada receita do Festival não impediu o número de músicos de crescer. No ano anterior foram cerca de 65 músicos a trabalhar no Festival, nessa oitava edição o número aumentou para cerca de 100. A Orquestra de Câmara do Pará não participou dessa edição que contou com o retorno do Quinteto de Cordas Ravel, Eva Szekely (violino), Daniel Schene (piano), Quinteto de Metais Brass'il e Roberto Tibiriçá pela primeira vez um regente sendo bisado na Orquestra do Festival. A pianista cazaquistã Saule Tatubaeva, o Quinteto de Sopros Latinoamericano, o Trio Américas, o Quinteto de Sopros da FCG (com nova formação) e a Big Band da FCG foram os calouros do Festival.

O Trio Américas foi uma concretização dos objetivos do Festival: o trio formou-se por Eva Szekely (violino), Antônio del Claro (cello) e Daniel Schene (piano) após se conhecerem nos festivais anteriores. Apesar de Szekely e Schene morarem nos EUA e del Claro no Brasil, o Trio teve uma agenda agitada após a formação e nos anos posteriores, com apresentações no Brasil e nos EUA.

Glória Caputo quando iniciou o trabalho de convênios com governos estrangeiros para trazer músicos para Belém, sempre os direcionou a formar grupos e assim usá-los na temporada de concertos da Fundação. Não foi diferente com os novos professores do departamento de sopros vindos da Rússia em substituição aos tchecos que não tiveram boa interação com os

⁹⁰ Edir Augusto. Notas. *O Diário do Pará*, Belém, 28 maio 1995. Caderno 2, p. 2.

paraenses e talvez por isso não permaneceram no Brasil pelo tempo estipulado. Como os russos que vieram para o departamento de cordas se deram muito bem no Brasil e com os brasileiros, Glória voltou à Rússia para trazer novos músicos, que ao chegar em Belém deram nova formação ao Quinteto de Sopros da FCG: Igor Kopatchevsky (Flauta), Constantin Gorochenko (oboé), Oleg Andreev (clarinete), Vadim Klovok (fagote) e Serguei (trompa) chegaram em Belém em 1994. A exceção de Vadim Klovok que se estabeleceu no Brasil e hoje é integrante da Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional, os outros músicos retornaram à Rússia. Esse tipo de procedimento em um órgão oficial do Governo Paraense remonta ao período do Estado do Grão-Pará e Maranhão, quando a capital, Belém, tinha comunicação direta com a sede do reino português, Lisboa, e da Europa vinha a música que alimentava os concertos em Belém⁹¹.

2.8.1 Big Band

A estréia da Big Band no Festival coincidiu com uma outra estréia insólita: a cobrança de ingresso. R\$10,00 foi o valor cobrado para assisti-la e à Orquestra do Festival. Decisão de peso da FCG, já que nos anos anteriores, sua titular, Glória Caputo, fora reticente quanto a não cobrança de ingresso. Se por um lado a cobrança barrou muitos de assistirem aos dois concertos, por outro lado, o tradicional tumulto nos portões do Teatro da Paz não ocorreu, pois com a cobrança de ingresso antecipadamente tinha-se uma idéia de quantos iriam, de fato, assisti-lo. E não houve esse ano a tradicional fila de espera por ingressos. Mesmo assim, os concertos gratuitos continuaram a ter os costumeiros problemas de aquisição.

Quem não for autoridade, músico, parente e amigo de autoridade e de músico dificilmente conseguirá ingresso, que é grátis, para o VIII Festival Internacional de Música de Câmara do Pará, que começou dia 28 de maio e será encerrado no próximo domingo. A Fundação Carlos Gomes anunciou que os ingressos seriam distribuídos nas bilheteiras do Teatro da Paz, mas a esperança para quem ainda não os têm é correr até a própria fundação (avenida Gentil Bittencourt 977) e tentar consegui-los.

O mais difícil é ingresso para a apresentação da Big Band da Fundação Carlos Gomes, que se exhibe sábado no Teatro da Paz, às 17 horas. É o programa mais popular do festival. Seus ingressos são os mais disputados. Além do mais só cabem 890 pessoas no Teatro da Paz. Sábado e domingo, quando a Orquestra do Festival se apresentar com músicos de todos os conjuntos que participam do evento serão cobrados R\$ 10,00 pelo ingresso. Ainda assim haverá poucos bilhetes à venda no teatro.⁹²

⁹¹ Conferir: Salles, Vicente. *A Música e o Tempo no Grão-Pará*, Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1980 e Vieira, Lia Braga. *A Construção do Professor de Música*. Belém: Cejuap, 2001.

⁹² Cordas e Sopros hoje no festival. *O Liberal*, Belém, 1 junho 1995. Caderno Cidades, p. 3.

Recém reorganizada em dezembro de 1994 sob a regência de Andi Pereira⁹³, a Big Band conquistou um público cativo quase de imediato, em parte pela qualidade dos músicos e em grande parte pelo repertório, composto de arranjos de canções e danças populares, música para bandas, jazz, obras para banda sinfônica, etc. mas a excitação pela sua apresentação também se deveu a sua posição na grade de programação: às 17:00 horas do penúltimo dia e antecedendo a primeira apresentação da Orquestra do Festival, que por esse ano já era a apresentação mais esperada pelo público.

2.8.2 O repertório do VIII Festival

O exíguo arquivamento dos programas de concerto referente a esse festival impossibilita uma análise profunda de seu repertório. Dos programas arquivados no Teatro da Paz (somente 2) e dos divulgados nos jornais belenenses chegou-se a somente sete programas, nem todos completos, do total de 13 apresentações ocorridas.

Dessas apresentações sobreviveram os programas do Trio Américas, do duo João Augusto Ó de Almeida/Daniel Schene, Quinteto de Cordas Ravel, Quinteto de Sopros Latinoamericano e das duas apresentações da Orquestra do Festival. Como o programa de João Augusto e Daniel não foi divulgado na totalidade, tem-se um levantamento ainda mais parcial sobre o repertório.

No total, os compositores levantados chegam ao número de 36, excluindo-se os arranjadores. Foram eles: Beethoven, Mendelssohn, Dvorak, Villa-Lobos, Donizetti, Schubert, Mozart, Ketelbey, T. Burry, Marchetti, Pixinguinha, Clóvis Pereira, Gershwin, L. Anderson, Mancini, Fauré, G. Jakob, Rossini, Strauss Jr., Lorenzo Fernandez, Piazzolla, E. Milici, Waldir Azevedo, Zequinha de Abreu, Chopin, Bart Howard, Mandel, Webster, Cartola, Tom Jobim, Henricão, Rubens Campos, Richard Rodgers, Sammy Nestico, Duke Ellington, Milton Nascimento.

Desses, somente Mozart, Dvorak e Gershwin apareceram em mais de um programa (2 para cada um). Em relação às obras executadas não houve mudanças em relação aos anos anteriores, somente estréias de obras que nunca foram executadas em Belém. Dvorak teve o programa de encerramento dessa edição do Festival todo dedicado a ele. Foram executadas a

⁹³ FRANCO, Ronaldo. Amazônia Jazz Band (on line). Mar. 2008. Disponível: <http://ronaldofranco.blogspot.com/2008/03/amaznia-jazz-band.html>. Acesso em 25 abr 2009.

Dança Eslava op. 72 n° 4, o *Concerto para violoncelo* e a *Sinfonia n° 8* na noite do dia 04 de junho. Na noite anterior, primeira apresentação da orquestra, o *Concerto para piano n° 2 Op. 21* de Chopin foi executado no lugar do *Concerto* de Dvorak, assim as outras duas obras foram bis da primeira noite da orquestra.

Com a entrada da Big Band na programação do Festival a música para essa formação passou a ser uma constante no evento a partir desse ano. Obras sinfônicas como a *Rhapsody in Blue* de Gershwin e canções populares como *Garota de Ipanema* de Tom Jobim e *Maria, Maria* de Milton Nascimento foram apresentadas em arranjos para Big Band. A maestrina Maria Antonia Jimenez, recém-chegada a Belém, cantou *As rosas não falam*, de Cartola, com seu forte sotaque cubano, mas as apresentações com cantores é fato raro na história da Amazônia Jazz Band. No restante, muito jazz (Duke Ellington, Sammy Nestico) e musical (Richard Rodgers).

Os instrumentos de sopros dominaram a programação: Quinteto de Sopros da FCG, Quinteto de Sopros Latinoamericano e Quinteto de Metais Brass'il superaram em número as cordas do Quinteto de Cordas Ravel e do Trio Américas, esse contando com o piano de Daniel Schene. A fartura de músicos do ano anterior foi prejudicada pela crise econômica que assolava o Brasil à época, mas o Festival, como disse Glória Caputo, em conversa com o autor, pelo menos não passaria em branco.

2.9 IX FESTIVAL

Belém volta a sediar um dos eventos mais importantes do circuito da música erudita brasileira: na próxima quinta-feira terá início o IX Festival Internacional de Música de Câmara do Pará, promovido pela Fundação Carlos Gomes. (Lázaro Magalhães).⁹⁴

A primeira grande mudança nesse Festival foi a mudança na presidência da Fundação Carlos Gomes: saiu Glória Caputo, criadora do Festival e entrou Paulo José Campos de Melo, pianista paraense radicado há mais de dez anos na Alemanha, onde trabalhara como concertista e organizador de vários eventos musicais.

Desde a criação do Festival em 1988, até esse ano, o Pará teve quatro governadores: Hélio da Mota Gueiros (PMDB), Jader Fontenelle Barbalho (PMDB), Carlos José Oliveira Santos

⁹⁴ MAGALHÃES, Lázaro. 11 dias para os eruditos. *O Liberal*, Belém, 24 maio 1996. Caderno Cartaz, p. 1.

(PL) e Almir José de Oliveira Gabriel (PSDB)⁹⁵. Glória Caputo foi a presidenta da Fundação Carlos Gomes, organizadora do Festival, portanto, durante esses quatro governos — e mesmo depois que a FCG tornou-se pública em 1991 ela continuou na presidência — não somente pela sua competência e trabalho, mas porque outros músicos convidados a presidir a FCG não aceitaram o convite. O fato dos dois primeiros governadores serem do mesmo partido político e o terceiro da base aliada também deve ter contribuído para essa permanência. Mas novo partido no governo significou nova organização da máquina estatal e Glória Caputo foi substituída pelo seu ex-colega de Conservatório.

Mas o período governamental do PSDB, primeiro com Almir Gabriel (1995-2003), seguido de Simão Robson de Oliveira Jatene (2003-2007), levou à SECULT o arquiteto Paulo Chaves como titular. Homem que facilmente se encanta com as manifestações artísticas e que declarou publicamente que passou a acreditar na realização de música erudita no Pará, deu início ao período mais glorioso do FIMCAMP. Para isso contou com a colaboração de Paulo José Campos de Melo na presidência da FCG e de Anamaria Peixoto, que continuou na diretoria técnica da Fundação por mais alguns anos.

2.9.1 Onze dias

No primeiro Festival sob a supervisão geral de Paulo José Campos de Melo ele atingiu a sua maior extensão. Realizado geralmente em torno de uma semana, a nona edição durou quase uma quinzena, com a Catedral Metropolitana e a Praça da República voltando a serem palcos oficiais, no que Paulo José Campos de Melo chamou a “democratização dos espaços”⁹⁶, já que nos anos anteriores somente o Teatro da Paz e a Sala Ettore Bosio vinham sendo usados. A partir desse ano, as apresentações ao ar livre tornaram-se comuns no Festival.

Mudanças na grade de programação também foram novidades. Nesse ano o Festival não foi aberto no Teatro da Paz como desde a segunda edição. Em seu lugar figuraram a Praça da República às 10 horas e a Catedral de Belém às 21 horas. A Amazônia Jazz Band fez o concerto matutino, enquanto o noturno ficou por conta do Quarteto de Sopros da FCG.

⁹⁵ Lista de governadores paraenses (on line). Set 2006. Disponível: http://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_governadores_do_Par%C3%A1. (capturado em 25 abril 2009).

⁹⁶ Festival de Música de Câmara, Diário do Pará, Belém, 5 maio 1996. Caderno A, p. 5.

2.9.2 Waldemar Henrique

A FCG está apoiada no tripé ensino, pesquisa e extensão. Nesse ano a fundação lançou o livro *Canções – Waldemar Henrique*, o primeiro de dois volumes, reunindo a obra do célebre compositor paraense. A pesquisa para esses dois volumes iniciou-se na gestão de Paulo Jose, ficando o segundo volume inédito, bem como o livro sobre instrumentos indígenas amazônicos cuja elaboração foi coordenada por Glória Caputo⁹⁷.

O livro foi lançado em cerimônia oficial no Museu do Estado do Pará – Palácio Lauro Sodré às 18:00 horas de 05 de junho de 1996. Posto a venda por R\$ 15,00, hoje tem sua edição praticamente esgotada. A sua publicação também alcançou um outro tripé da FCG, o educacional, já que as partituras impressas passaram a ser usadas com mais frequência entre os professores e alunos de canto de Belém. Mesmo assim, Waldemar não voltou às salas de concerto belenenses com muita frequência, ficando mais no âmbito pedagógico do Conservatório e da EMUFPA.

2.9.3 Divulgação

A divulgação do Festival ao grande público sempre dependeu dos jornais desde sua criação, mas nos três anos anteriores ao nono Festival houve um enfraquecimento nessa divulgação, sendo feita mais por notas que por reportagens, como nos anos iniciais do evento. Paulo José adotou uma nova estratégia de divulgação: ele próprio e a diretora técnica da FCG, Anamaria Peixoto, foram pessoalmente às redações de *O Liberal* (4/05/1996), *O Diário do Pará* (7/05/1996) e *A Província do Pará* (24/05/1996) entregar a programação do Festival e solicitar-lhes sua divulgação, no que foi atendido pelos três jornais.

2.9.4 Carlos Gomes: compositor e Fundação

1996 foi o ano Carlos Gomes no Pará pela passagem de seu centenário de morte, coincidindo com o centenário do Instituto Carlos Gomes de Belém onde o compositor paulista fora o seu primeiro diretor. Para marcar a passagem, a FCG preparou uma programação retomando o brilho, ausente no ano anterior. A Amazônia Jazz Band usou de sua fama e favoritismo perante o público para abrir o Festival às 10 horas na Praça da República. Além do

⁹⁷ Informação fornecida em entrevista ao autor.

público cativo da AJB, sua apresentação foi vista pelos belenenses que, costumeiramente, lotam a Praça da República nas manhãs de domingo e assim mais público foi chamado para o Festival, sempre mantendo a gratuidade como âncora no objetivo de formação de público pela FCG.

A abertura noturna na Catedral de Belém foi um retorno ao primeiro ano do Festival, quando lá ocorrera o encerramento da primeira edição. O início do concerto do Quarteto de Sopros da FCG para às 20:30 horas indicou uma possível mudança no horário inicial dos concertos noturnos, o que se confirmou nos festivais seguintes.

Em ano de duplo centenário a programação retomou sua grandiosidade. Voltaram grupos que não haviam participado do VIII Festival e aumentam em número esses grupos: 12 grupos no VIII Festival, 16 no IX. A Orquestra de Câmara do Pará, passando por crise, não participou do nono Festival, enquanto que a Orquestra de Violões do Pará, dirigida por Salomão Habib, a Orquestra Jovem Carlos Gomes e o Quinteto de Violoncelos da EMUFPA fizeram sua estréia, aumentando a participação de alunos. No restante, grupos que já haviam se apresentado em anos anteriores: Participaram o Trio Camerístico Paraense, Metal Brass'il, Duo Pianístico da UFPA, a violinista Eva Szekely e o cellista Antônio del Claro.

2.9.5 Aplausos

Nove anos de Festival sem nenhum trabalho de educação musical com a platéia, apenas a preocupação com a formação de platéia, geravam na percepção belenense gafes e mais gafes. Em 1996, o jornal *O Liberal* publicou matéria para explicar ao público “O momento das palmas”⁹⁸, com notas concisas sobre alguns termos musicais: a Capella, Concerto, Movimento, Orquestra, Duo, Sonata, Sinfonia. Como jornal mais lido do Pará, certamente as informações de *O Liberal* alcançaram uma enormidade de leitores, alguns deles freqüentadores de concertos na capital paraense e que nada ou pouco sabiam sobre as formas musicais eruditas. E como a formação de platéia fora uma constante na FCG, ela esteve sempre se renovando e continuamente precisando aprender a etiqueta que se espera em Belém do público de concerto.

Mas o trunfo dessa matéria foi dar voz ao público freqüentador de concertos em Belém e aos músicos, registrando suas opiniões, como a do violonista Salomão Habib:

Não se pode cobrar de um público que não tem formação européia atitudes de primeiro mundo. Até porque não existe informação nem formação para isto. É claro que há o fato de que às vezes se termina apenas um terço da música e a platéia a interrompe com as palmas, até porque o silêncio também é música. Mas também cabe ao músico explicar a essa platéia como

⁹⁸ O momento das palmas. *O Liberal*, Belém, 15 junho 1996. Caderno Cartaz, p. 7.

as coisas são. O principal objetivo do músico são as palmas, não há dúvida. O que se quer é que aconteçam no momento certo, e acho que explicações são fundamentais”.⁹⁹

2.9.6 O repertório do IX Festival

A grandiosidade esteve presente nesse Festival pela importância de alguns grupos participantes e pelo centenário de morte de Carlos Gomes e de fundação do Instituto que leva seu nome. O lançamento do livro *Canções – Waldemar Henrique* com a presença do então governador do Pará Almir Gabriel confirmou a pompa que a FCG e o seu novo superintendente, Paulo José Campos de Melo, buscaram dar à essa edição do Festival. A época das vacas magras começava a passar e o governo paraense se envolvia mais, financeiramente, com ele. Até mesmo a Prefeitura de Belém, que geralmente não é parceira cultural do Estado, pôs dinheiro nessa edição, através da Secretaria Municipal de Transportes.

Entre os grupos houve cinco novidades na grade de programação: The Zorn Trio (Suécia), Bill Molenhof e Trio (EUA), Orquestra de Violões do Pará, Orquestra Jovem Carlos Gomes (Pará) e o Quinteto de Violoncelos da EMUFPA (Pará). Os demais grupos eram veteranos no Festival: Amazônia Jazz Band, Duo Pianístico da UFPA, Trio Camerístico Paraense, Trio Américas, Grupo de Percussão da FCG, Metal Brass'il e a Orquestra do Festival, pela terceira vez regida pelo paulista Roberto Tibiriçá. Nesse ano, o trompista Sergei Dorokov não participou do Quinteto de Sopros da FCG. Estes, como um quarteto, se apresentaram ao lado da pianista paraense Cíntia Vidigal.

Devido ao lançamento do seu livro de canções, Waldemar Henrique teve várias de suas obras apresentadas no concerto duplo no dia 07 de junho no Teatro da Paz e no lançamento do livro no dia 05, quando um recital exclusivo de suas obras foi apresentado pelo tenor Adamilson Abreu e os sopranos Adriane Queiroz e Márcia Aliverti.

A nona edição do Festival é uma das que têm menos programas de concertos arquivados: somente dois no arquivo do Teatro da Paz e nenhum na Fundação Carlos Gomes. Os jornais fizeram algumas notas sobre os programas, o que dá uma visão bastante resumida do repertório.

Somando tudo, levantou-se uma parcial de 37 compositores. Desses, somente Waldemar Henrique, Carlos Gomes e Beethoven apareceram em mais de um programa. Waldemar Henrique, além da sua integral, foi executado pela Amazônia Jazz Band e a cantora popular Andréa Pinheiro pelas canções *Minha Terra* e *Hei de Seguir Teus Passos* e pela Orquestra de Violões

⁹⁹ Idem. A matéria completa encontra-se nos anexos.

do Pará com as canções *Tamba-Tajá*, *Boi-Bumbá* e *Côco Peneruê*. Carlos Gomes teve a Sonata nº 7 em Ré executada pelo Quinteto da Paraíba, as aberturas de *Fosca*, *Lo Schiavo* e *Il Guarany* executadas pela Orquestra do Festival na segunda noite de apresentação. Beethoven teve o seu concerto triplo para piano, violino e violoncelo Op. 56 executado após as obras de Carlos Gomes, sendo o concerto de Beethoven a última peça executada no Festival. Anteriormente, o compositor alemão tivera o seu Trio em Si bemol maior Op. 97 executado pelo Trio Américas na noite de 06 de junho no Teatro da Paz.

Em sua estréia no Festival a Orquestra Jovem Carlos Gomes executou Benny Wolkoff, Haydn, Norman dello Joio, Vivaldi e terminou com o segundo movimento intitulado “Baixo com mordida” do *Rock para cordas* de Joachim Reider. Surpreendentemente puseram-se de óculos escuros e, ao final, morderam o vazio. Encantaram a platéia e o bis foi inevitável.

O Grupo de Percussão, que em 1995 havia realizado o concerto de abertura do Festival, mais uma vez foi posto no horário das 18 horas; dessa vez abrindo a primeira noite de encerramento do Festival, realizada novamente pela orquestra em concerto duplo. A estrutura foi a mesma do ano anterior. Metade do programa bisado, com dois concertos solo em cada noite: na primeira, o 2º Concerto para piano e orquestra de Rachmaninoff, solado por Paulo José Campos de Melo, e o já citado concerto de Beethoven, na segunda.

Finalizando, a lista de compositores levantados foi a seguinte: Ernani Aguiar, Carlos Gomes, Clóvis Pereira, A. J. Madureira, Scoth Joplin, Mercer Ellington, Sammy Nestico, Bennie Mofen, Joachim Reider, Waldemar Henrique, Earl Zindars, Rodgers and Hart, Klemmer/Lewis, Green, Leonard Bernstein, Beethoven, Nêgo Nelson, Handel, Ravel, Luiz Gonzaga, Salomão Habib, Benny Wolkoff, Haydn, Norman dello Joio, Vivaldi, Schubert, Schostakovich, Wilson Fonseca, Guerra-Peixe, Smetana, Bach/F. Mills, Arban/Caens.

2.10 X FESTIVAL

O público em Belém é muito simpático e entusiasta. As reações são sempre de instinto, muito honestas. Quando toco aqui, é como se o público estivesse envolvido, unido em cada uma das notas junto comigo. Esse tipo de interesse é natural dos estudantes de música, mas no Festival não são apenas os estudantes de música que estão na platéia; é geral. (Eva Szekely, violinista romena).¹⁰⁰

Dez anos de Festival. Dez anos de participação de Eva Szekely. A violinista norte-americana de origem romena, sempre afirmou ser uma entusiasta de Belém, do Festival e de seu público. Com o visível crescimento do Festival, o seu entusiasmo também foi compartilhado pelos outros músicos e, é claro, pelo público.

Paulo José Campos de Melo, trouxe consigo a experiência de organizador de grandes eventos adquirida na Alemanha e mais uma vez comandou um grandioso Festival, que não alcançou a quantidade de dias do anterior – manteve-se em torno de uma semana – mais cresceu no alcance ao público com a criação do projeto Meia-noite de Música, tentativa de Campos de Melo de incluir no Festival a música popular e os bares de Belém.

Além da criação do horário da meia-noite, o das 18 horas ganhou maior importância com a ampliação dos grupos nele apresentados. A partir dessa edição a grade de programação ganharia a estrutura mantida nos futuros festivais até a sua XXI edição realizada em 2008.

A faixa das 10 horas novamente foi usada, dessa vez com duas apresentações de grupos paraibanos: o Quinteto Brass'il no 1º dia e o Quarteto de Trombones na manhã do encerramento. No total foram 24 concertos programados e realizados em cinco faixas diferentes de horários, com músicos paraenses e de várias origens: chilenos, brasileiros, alemães, belgas, norte-americanos, russos, búlgaros e colombianos.¹⁰¹

Além da grande novidade da inclusão de um horário exclusivo para a música popular, a outra foi a primeira participação da Orquestra Sinfônica do Teatro da Paz, formada no segundo semestre de 1996 sob a regência de Andi Pereira, regente de ópera gaúcho que estudara na Rússia e de voltara direto trabalhar em Belém. Andi, além de ser o primeiro regente da OSTP, foi também o primeiro regente da Amazônia Jazz Band.

¹⁰⁰ Paixão em todos os tons. *O Liberal*, Belém, 4 junho 1997. Caderno Cartaz, p. 8.

¹⁰¹ Rumo ao grand finale. *O Liberal*, Belém, 7 junho 1997, caderno Cartaz, p. 1.

Outra surpresa na programação foi o retorno do Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo. Como relatado na descrição do I Festival, ele foi um dos motivos para a criação do evento. Nessa edição do Festival, definitivamente, a união entre músicos profissionais e em formação fixou-se na programação. A partir desse ano, passou a ser habitual que grupos da FCG formados por alunos estivessem envolvidos nos concertos, e não somente como platéia ou estudando nas oficinas ao longo do Festival.

A partir desse ano música erudita e música popular estiveram unidas na grade de programação. Assim, o Festival atingiu a sua plenitude na diversificação do público, dos grupos e do repertório executado. Nessa décima edição ele alcançou a sua maioridade.

2.10.1 Meia-noite de música¹⁰²

Inicialmente a idéia desse projeto foi do jornalista Nélcio Palheta da Imprensa Oficial do Estado do Pará “para aproveitar o potencial turístico do Festival”. Quis-se envolver todos os bares de Belém e os músicos paraenses que tocam na noite, divulgando e valorizando os seus trabalhos, mas com a escassez de recursos financeiros e humanos, pela falta de uma equipe de produção de eventos na FCG, ficou impossível a realização do projeto nos bares. Assim, Paulo José Campos de Melo, resolveu transferi-lo para o Núcleo de Arte da UFPA como “uma experiência piloto para descobrir se há público para o projeto e se vale a pena investir em sua ampliação”.

Para o seu primeiro ano foram convidados músicos de muito destaque no circuito de música popular paraense. A exceção ficou por conta do próprio Paulo José Campos de Melo – que abraçou o projeto – e sua esposa Angelika Campos de Melo, especialista em canções em línguas românicas. Os outros músicos foram Salomão Habib (violão), Andréa Pinheiro, Walter Bandeira (canto) e o Grupo Pentagrama (trio jazzístico)¹⁰³. De todos esses grupos o Pentagrama teve um bom destaque na imprensa, ganhando uma matéria só sua em *O Liberal*¹⁰⁴.

¹⁰² Festival abre espaço para a MPP: Projeto “Meia-noite de Música” prossegue hoje no Núcleo de Arte com Walter Bandeira e Paulo José Campos de Melo. *O Liberal*, Belém, 4 junho 1997. Caderno Cartaz, p. 8.

¹⁰³ Idem. Para mais destalhes, ler a matéria completa nos anexos. (N. do A.)

¹⁰⁴ A hora e a vez do jazz. *O Liberal*, Belém, 6 junho 1997. Caderno Cartaz, p. 3.

2.10.2 O repertório do X Festival

Houve cinco faixas de horário e 24 apresentações nos oito dias de Festival. Com a inclusão do Meia-noite de Música, o evento alcançou uma década de realização com o mais diversificado repertório de sua história, mas a tradicional falta de arquivamento dos programas impossibilita uma análise total das obras executadas. Porém dessa edição tem-se programas realizados no Teatro da Paz, guardados de forma mais completa no arquivo dessa instituição. Os programas da faixa das 12 horas são arquivados no Conservatório para depois de cerca de dois anos serem jogados fora. Por se tratar de música popular não se sabe se o *Meia-noite de Música* trabalhou com programas. Dessa faixa só há os registros de alguns repertórios feitos nos jornais belenenses. Da faixa das 18:00 horas, só o programa do Waterloo Festival Players está arquivado no Teatro da Paz.

Esse grupo belga realizou um feito inédito no Festival: realizou três apresentações em três horários diferentes e em três dias seguidos: 04 – 18:00h, 05 – 21:00h e 06 – 12:00h. No dia 04, executaram Schubert, Poulenc, Moszkowsky e Cesar Franck. No dia 05 fizeram uma integral de Brahms com sete obras do compositor alemão. No total, Brahms foi executado em cinco programas, incluindo a sua integral. Beethoven, Schubert, Poulenc e Villa-Lobos empataram em dois programas cada um.

A Orquestra Sinfônica do Teatro da Paz estreou no Festival com quatro compositores: Mozart, Ney Rosauero, Carlos Gomes e Offenbach. O *Concerto em dó maior, KV 299 para flauta, harpa e orquestra* de Mozart foi a obra que iniciou a sua participação no Festival. Nesse concerto, ela trabalhou com nada menos que três solistas: Wanda Eichbauer (harpa), Jorge Zabala (flauta) e Cláudia Oliveira (marimba).

Serguei Dorokhov voltou a integrar o Quinteto de Sopros da FCG, que apresentou alguns compositores desconhecidos do público paraense: N. Alexandrova, Vladislav Valentinovich, Frederico Ruiz e G. Ramanis, além do célebre Francis Poulenc.

Mesmo apresentando uma quantidade maior de música orquestral, a maior parte das obras apresentadas nessa edição foram camerísticas. Muitos trios, duos para piano, piano a quatro mãos, suítes, quartetos para metais, etc. A junção do Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo e do Quinteto da Paraíba possibilitou a execução de duas obras inusitadas: o *Quinteto com contrabaixo, Op. 77* de Dvorak e o *Octeto Op. 20* de Mendelssohn.

O Grupo de Percussão da FCG, agora sob a regência de Ricardo Aquino, devido a ida de Cláudia Oliveira para o México, foi mantido às 18 horas, dividindo o horário com o Quinteto de Sopros da FCG, Duo Pianístico Luiza Camargo e Lúcia Azevedo, Waterloo Festival Players e a Orquestra Jovem Carlos Gomes, ainda sob a regência de Jonas Arraes.

A Amazônia Jazz Band convidou três solistas para sua apresentação: Eugeni Ratchev (violino), Oleg Andreev (clarinete) e Luiza Camargo (piano). Executaram somente obras de compositores novecentistas, tanto os eruditos quanto os populares. O destaque de sua apresentação foi a estréia mundial de *Salmo 148 – Louvor Universal para Piano e Jazz Band* de Almeida Prado. Leonard Bernstein teve executada a sua *Prelude, Fugue and Riffs* com Andreev como solista. Shostakovich, Stravinsky, Chick Corea, Russel Ferrante, Chico Buarque, Sammy Nestico e Mercer Ellington completaram o programa.

O Grupo de Percussão da FCG apresentou obras de três compositores estrangeiros e três brasileiros num programa em duas partes, atendo-se as peças escritas especificamente para conjuntos de percussão. Destaque para o *Concerto para Bateria e Grupo de Percussão*, solado por Gábor Túry e a peça *Bravo!* de Tim Rescalá, obra toda composta por aplausos, gritos de bravo e chiados pedindo silêncio. Foi sucesso com o público.

A Orquestra do Festival voltou à dupla apresentação, porém com dois programas diferentes em dias seguidos e com dois solistas. Uma maratona de ensaios durante a semana do Festival que confirmou o talento e a habilidade dos músicos que a compuseram nesse ano. Na primeira noite, 7 de junho, apresentaram o *Concerto para violino e Orquestra, Op. 77* de Brahms solado por Jerrold Rubenstein e as *Bachianas Brasileiras nº 7* de Villa-Lobos. Na segunda noite, 08 de junho, Copland (*Fanfarre for a common man*) e *Batuque* de Lorenzo Fernandes fizeram a primeira parte do programa sob a regência de Andi Pereira. A pianista paraense Helena Elias, radicada em Paris há 14 anos, executou, sob a regência de Luc Dewez, o *Concerto para piano e orquestra nº 1* de Brahms. E sob os sons do sinfônico concerto do compositor hamburguês chegou ao fim uma década de Festival Internacional de Música de Câmara do Pará.

CONCLUSÃO

A história da formação musical no Pará está diretamente ligada ao Instituto Carlos Gomes e às bandas de música do interior do estado. Fundado em 1896 e tendo o compositor Antônio Carlos Gomes como primeiro diretor, o referido instituto não tem história contínua — ficou várias décadas fechado — mas depois de reaberto foi o único órgão formador de músicos no Pará. Daí a preocupação dessa instituição governamental com a formação musical em todos os níveis — inclusive o superior — que não alcançou até o final do século XX. O próprio Instituto só obteve o reconhecimento oficial no governo de Alacid Nunes na década de 1970. Com a criação do Serviço de Atividades Musicais da UFPA em 1964 — posteriormente transformado em Escola de Música da UFPA — a formação de músicos eruditos estava ampliada na cidade, mas não resolvida, pois faltava a ampliação dos cursos de instrumentos de sopro (metais e madeiras), o curso de percussão e uma ampliação do curso de canto lírico.

Nesse ponto a ida de músicos estrangeiros para lecionar no Instituto trouxe uma mudança significativa na formação dos músicos eruditos paraenses a partir do final da década de 1980. Com o Festival, músicos de diferentes nacionalidades e formações também deram suas contribuições em relação à técnica instrumental durante as oficinas que se realizaram paralelamente ao evento. Assim, não somente pela técnica brasileira, a formação dos músicos paraenses na primeira década do Festival foi influenciada. A escola de cordas húngaras, dada como uma das melhores do mundo, foi levada a Belém por músicos daquela nacionalidade. No naipe de sopros foram os russos a dominar o ambiente no Instituto após uma rápida atuação de músicos tchecos. No naipe dos metais e para os músicos de banda, o trabalho do professor Martin Berger e da saxofonista Holly Genaro trouxe-lhes a técnica da escola norte-americana. Assim, o músico paraense em formação no IECG a partir de 1988, teve contato direto com várias técnicas instrumentais, possibilitando-lhe uma maior visão delas e a formação de sua própria técnica musical. Alguns músicos estrangeiros que foram levados a Belém para ficar inicialmente pelo período de dois anos, acabaram permanecendo cerca de uma década, e outros como o casal Eugene Ratchev (violino) e Irina Ratchevna (cravo), o fagotista Vadim Klovov e o violista Sergei Firsanov fixaram-se em definitivo no Brasil.

A escassez na formação musical no Pará antes da criação da FCG e do Festival não propiciou um estabelecimento da música de concerto no circuito cultural da cidade, que sempre foi dependente da programação cultural do governo paraense para ouvir esse gênero musical. Portanto, concluiu-se nessa pesquisa que a criação da Fundação Carlos Gomes na década de 1980

— onde o Instituto foi acoplado — trouxe um significativo avanço na formação de novos músicos eruditos no Pará. Pois, a partir da criação da FCG — que contava com uma equipe de profissionais liderados pela pianista Glória Caputo — o panorama da formação musical e do circuito de música de concerto na capital paraense avançou, sobremaneira, em relação às décadas anteriores; mais especificamente, sobre os 25 anos anteriores a criação do Festival Internacional de Música de Câmera do Pará, em maio de 1988. Período no qual se constatou que o circuito de concertos na capital do Pará, e mais alguns municípios paraenses, era gerido pelo Estado sem a participação da classe empresarial, devido à falta de apoio financeiro dessa última à cultura no Pará.

Assim, a extinta Secretaria de Estado de Cultura, Desporto e Turismo era a quase única patrocinadora e organizadora das apresentações musicais de concerto no Pará. A criação da *Rede Paraense de Música*, tomando como base a *Rede Nacional de Música* do governo federal, deu ao circuito musical de Belém um novo ânimo à capital paraense no final da década de 1970 com uma programação musical anual durante a qual houve várias apresentações de música de concerto na cidade. Não havendo registros do total de público em cada concerto não se pôde chegar a uma conclusão da quantidade de pessoas que freqüentavam o Teatro da Paz e, conseqüentemente, a que parcela(s) da população belenense essas temporadas de concertos no Pará atingiram. Mas é certo que público havia, porém, certamente, não na proporção que foi criada a partir do surgimento do Festival Internacional de Música de Câmera do Pará.

O Festival surgiu como uma coincidência nas apresentações de grupos de câmara em Belém no ano de 1988. A partir dessa situação, Glória Caputo, criou um festival musical para reuni-los. Como os grupos eram norte-americanos e brasileiros, foi dado ao nascente festival o epíteto de internacional e assim ele manteve-se no decorrer de sua história, tendo como objetivo principal a formação de uma nova platéia para a audição de música de concerto na capital paraense e, para isso, a gratuidade dos ingressos foi posta como meta maior para alcançar plenamente esse objetivo: o que, de fato, ocorreu. Não somente uma nova platéia para música de concerto, mas uma platéia em constante renovação, onde a juventude do público sempre foi ressaltada, tanto pela organização do evento quanto pelos músicos participantes. Mas essa gratuidade, que não gerava caixa, deixou o Festival várias vezes ameaçado de não realização por falta de dinheiro. Algumas tentativas de obter caixa, sem afugentar o público, foram criadas. Mas o patrocínio oficial que o governo paraense passou a dar ao Festival na sua segunda década — que não foi objeto dessa pesquisa — sanou aquelas complicações financeiras. Aliou-se a isso o

fator de participação da maioria dos músicos: muitos deles se apresentaram sem cachê, somente para garantir a realização do Festival.

No I Festival as finanças não foram problema considerando-se que os grupos estrangeiros que tocaram nessa edição foram para Belém com suas despesas pagas por programas de intercâmbio cultural e o apoio de várias empresas paraenses. Mas a partir do II Festival a necessidade de dinheiro em caixa pôs a organização do evento na busca de patrocínios para a sua realização. Como o dinheiro era pouco para um festival internacional, os grupos locais de Belém continuaram a ser convidados e por conta dessa escassez financeira seus trabalhos ganharam um bom espaço de divulgação. Assim constatou-se que durante a primeira década do Festival a participação de músicos paraenses esteve bastante ligada à questão da escassez financeira e não pela valorização de seu trabalho, que era incluído nas programações por questões de economia no caixa do Festival.

Outro fator na realização dos cinco primeiros festivais foi a constatação, tanto pela organização do evento quanto dos músicos participantes, que existia um público interessado na audição de obras musicais de concerto na capital paraense e que uma grande parcela desse público era constituída de jovens em torno dos 20 anos de idade, que podiam ou não, ser estudantes de música. A realização contínua dos cinco primeiros festivais confirmou a existência de um público fiel à música de concerto em Belém. A formação dessa platéia nova deu origem a controvérsias quanto à etiqueta de concertos em Belém, como a discutida prática de aplausos durante os movimentos de uma obra. Mesmo assim, outro objetivo da Fundação Carlos Gomes também foi alcançado: recolocar Belém no circuito internacional de música de concerto com a vinda de grupos musicais estrangeiros e a ida dos paraenses para fora do Brasil. Dessa forma, o intercâmbio técnico e cultural entre brasileiros e estrangeiros proporcionou troca de conhecimentos musicais e experiências em relação à profissão de músico e os repertórios executados aqui e lá fora. Assim, os cinco primeiros anos do Festival confirmaram a capacidade da FCG de organizar um grande evento musical erudito e do público paraense em aceitá-lo e fazê-lo crescer.

Em relação à recepção das obras o que parece mais importar para o público de concertos de Belém, no qual o público do Festival se insere, é que a temporada de concertos da cidade alcance todo o ano com a frequência de músicos de qualidade. Devido às manifestações do público na hora dos aplausos nota-se a preferência por esse ou aquele compositor e gênero musical em relação aos outros mas sobressai, contudo, a preferência do público belenense pelo canto lírico, sobretudo o operístico, e que apesar de haver vários estudantes de piano na cidade,

os recitais solo do instrumento não são um grande atrativo. A música novecentista também tem sua parcela de admiradores, porém não é freqüente em Belém, por escolha dos próprios músicos (brasileiros e estrangeiros) que pouco espaço dão às correntes estético-musicais do século XX.

Firmado o Festival nas suas cinco primeiras edições, a Fundação Carlos Gomes, ainda sob a superintendência de Glória Caputo, deu continuidade ao trabalho para seu crescimento físico e na sua importância. O registro de seu surgimento e desenvolvimento, que sempre fora feito somente pelos jornais paraenses, passou a contar com a colaboração da televisão estatal paraense na transmissão, esporádica, de alguns concertos, sobretudo, os de encerramento, que com o passar da história tornou-se o momento mais concorrido dos Festivais. Os registros de tumultos nos portões do Teatro da Paz confirmaram o enorme crescimento de público e revelou a incapacidade do célebre teatro paraense em acolher todo o público que comparecia a ele para ouvir música de concerto.

Isso também se devia pelos projetos de formação de público desenvolvidos pela FCG, como o *Música nas Escolas*, desenvolvido nas escolas da rede pública estadual paraense. Os problemas de formação de novos músicos que atingiu o Pará em décadas passadas começaram a ser sanados com a contratação, ainda na década de 1980, de professores estrangeiros que foram levados a Belém para lecionar e tocar através da formação de vários grupos musicais; dos quais, a Orquestra de Câmara do Pará foi o mais importante e destacado. Outros grupos foram criados, como o Grupo de Percussão da FCG, mostrando o avanço e crescimento na formação musical paraense, que ainda naqueles dias se centralizava na capital do estado.

As assinaturas de novos convênios levaram a FCG a aumentar o alcance com outras instituições, sobretudo estrangeiras, sempre pautados nos objetivos de trocas de técnica e cultura musical. Dessa forma, e devido ao caráter internacional do Festival, o público habituou-se a ouvir músicos estrangeiros de alto nível técnico e que traziam para Belém o repertório que a cidade preferia ouvir desde a época colonial: a música européia. Na década de 1990 a gratuidade continuava a ser fortemente defendida pela superintendente da FCG, mas em algumas ocasiões os ingressos tiveram que ser cobrados devido às dificuldades financeiras que o próprio Brasil viveu entre os anos de 1993 e 1997. Nada que tenha afugentado o público, mas que serviu de termômetro para a FCG: mesmo nos dias pagos o público compareceu em massa. De fato, o público de concerto em Belém estava formado.

Entre o quinto e o sexto festivais, várias criações de peso confirmaram que o trabalho desenvolvido pela Fundação Carlos Gomes dera grandes frutos: foi criada a Orquestra Sinfônica

do Teatro da Paz. A Big Band da FCG foi reorganizada e com o nome de Amazônia Jazz Band, confirmou que a formação de instrumentistas de sopros já era uma realidade no Pará. A orquestra preencheu uma antiga lacuna no estado desde a dissolução da Orquestra Sinfônica Paraense na primeira metade do século XX. A criação da orquestra foi um esforço conjunto da FCG e da Secretaria Estadual de Cultural. Sua criação só foi possível devido ao trabalho dos professores dos diversos departamentos do Instituto Carlos Gomes; os mesmo que vieram do leste europeu para trabalhar na formação musical em Belém. Glória Caputo supervisionou os trabalhos da FCG até a oitava edição do Festival quando foi substituída pelo seu colega de instrumento, o pianista paraense Paulo José Campos de Melo, que adentrou a FCG com larga experiência no ramo administrativo-cultural, adquirido em vários anos de trabalho na Alemanha. Com Campos de Melo, o festival ganhou novo vigor e o crescimento que havia sido contínuo na administração de Caputo com ele tomou proporções gigantescas na segunda década de realização do Festival: mas essa década é objeto para estudos posteriores.

Constatou-se através desta pesquisa que o Festival Internacional de Música de Câmera do Pará, de fato, cumpriu com seus objetivos na formação de platéia, no intercâmbio entre os músicos brasileiros e estrangeiros, na troca de experiências musicais, na firmação de convênios de cooperação mútua entre a Fundação Carlos Gomes e entidades estrangeiras, para a formação de platéia, e o desenvolvimento técnico dos estudantes de música paraenses. Aliou-se a isso, a ampliação do repertório musical apresentado na cidade de Belém do Pará e a conseqüente divulgação dos grupos musicais formados no Instituto Carlos Gomes. Da música de câmara à música popular, passando pela música sinfônica, o belenense teve sanada a sua carência na oferta de música de concerto. Com a criação da FCG e do FIMCAMP tal oferta foi ampliada e com o trabalho desempenhado ao longo dos anos pela FCG e, outras instituições musicais da cidade, Belém possui hoje um circuito contínuo e anual de música de concerto. Porém, o crescimento do Festival e sua diversificação de repertórios levou a Fundação Carlos Gomes a suprimir a designação “de Câmera” de seu nome e assim, na sua segunda década de existência ele passou a se chamar somente Festival Internacional de Música do Pará.

REFERÊNCIAS

27 músicos no último dia do Festival. **O Liberal**, Belém, 2 junho 1990, 2º Caderno, p. 2.

A hora e a vez do jazz. **O Liberal**, Belém, 6 junho 1997. Caderno Cartaz, p. 3.

Anton Rejcha. Guia da Música Clássica (1770-1836). Disponível em: <<http://www.guiadamusicaclassica.blogspot.com/2008/04/anton-rejcha-1770-1836.html>>. Acesso em 5/4/2009.

AUGUSTO, Edgar. É tudo de graça. **O Diário do Pará**, Belém, 27 maio 1993. Caderno D, p. 4.

AUGUSTO, Edir. Notas. **O Diário do Pará**, Belém, 28 maio 1995. Caderno 2, p. 2.

BARA, G.; PACE, L. **Centro Cultural Pró-Música: uma contribuição de 25 anos à história da música antiga no Brasil**. Centro Cultural Pró-Música. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2000.

Belém prepara-se para o festival de música de câmara. **O Diário do Pará**, Belém, 23 de maio de 1991.

Belém sedia 1º Festival de música de câmara. **A Província do Pará**, Belém, 19 maio 1988 1º Caderno.

BIOGRAPHY of Paulo Bellinati. Disponível em: <http://www.bellinati.com/bio/bio.html>. Acesso em: 23/5/2009.

BONNA, Mauro. Erudito. **O Diário do Pará**, Belém, 19 dezembro 1993. Caderno D, p. 12.

BRAGA, Hamilton. Festival Paraense celebra a música. **O Diário do Pará**, Belém, 23 maio 1994. Caderno D, p. 1.

CD da orquestra paraense. **O Diário do Pará**, Belém, 20 maio 1993. Caderno D, p.6.

Chaves elogia Festival de Música de Câmera do Pará. **A Província do Pará**, Belém, 30 de maio de 1990. 1 caderno, p. 8.

COLONIAL BRAZIL. In: **EXCITING BRAZIL**. Disponível em <<http://www.excitingbrazil.com/colonialbrazil.html>>. Acesso em 22/1/2009.

Concertos. **O Liberal**, Belém, 4 maio 1993. Caderno 3, p. 8.

Construção do Professor de Música: o modelo conservatorial na formação e atuação do professor de música em Belém do Pará. Belém: CEJUP. p. 65-111.

Convênio. **O Diário do Pará**, Belém, 1 junho 1993. Caderno D: Dicas, p. 6.

Cordas e Sopros hoje no festival. **O Liberal**, Belém, 1 junho 1995. Caderno Cidades, p. 3.

De 27 de maio a 2 de junho (...). **O Liberal**, Belém, 24 maio 1990. 2º Caderno.

Dezenas ficam de fora de show no Teatro da Paz. **O Liberal**, Belém, 01 junho 1992. Caderno 1, p. 2.

DINIZ, Ana. Bom-senso. **O Liberal**, Belém, 02 junho 1992. Caderno 2, p. 5.

EDUARDO, A.; SEKEFF, M. L. Festival Música Nova e Madrigal Ars Viva: Os sons de um laboratório musical. In: Encontro de Musicologia Histórica, 6., 2004. Juiz de Fora. **Anais/VI Encontro de Musicologia Histórica**. Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 2006. p. 305-314.

EDUARDO, A.; SEKEFF, M. L. Os Dês-caminhos do Festival Música Nova, 5., 2002, Juiz de Fora. **Anais/V Encontro de Musicologia Histórica (integração e sistematização)**. Juiz de Fora: 2004. p. 267-279.

Em maio, é tempo de festival. **O Liberal**, Belém, 27 de abril 1991, 2º Caderno. p. 2.

Festival abre espaço para a MPP: Projeto “Meia-noite de Música” prossegue hoje no Núcleo de Arte com Walter Bandeira e Paulo José Campos de Melo. **O Liberal**, Belém, 4 junho 1997. Caderno Cartaz, p. 8.

Festival de Música de Câmara, **O Diário do Pará**, Belém, 5 maio 1996. Caderno A, p. 5.

Festival promove uma celebração da música. **O Liberal**, Belém, 21 maio 1994. 3º Caderno, p. 4.

Festival revive tradição musical. **A Província do Pará, Belém**, 22 maio 1994. 1º Caderno, p. 12.

Festival tem músicas românticas, hoje. **A Província do Pará, Belém**, 29 maio 1991. 2º caderno, p. 5.

FRANCO, Ronaldo. Amazônia Jazz Band (on line). Mar. 2008. Disponível: <http://ronaldofranco.blogspot.com/2008/03/amaznia-jazz-band.html>. Acesso em 25 abril 2009.

Fundação assina acordo. **O Diário do Pará**, Belém, 29 maio 1993. Caderno A, p. 11.

Fundação Carlos Gomes – Programação para este mês. **O Liberal**, Belém, 4 maio 1993. 3º Caderno, p. 8.

Grande orquestra encerra Festival Internacional. **O Liberal**, Belém, 31 maio 1993. 2º Caderno, p. 5.

Gregory Spears. Disponível em: <<http://www.princeton.edu/~gspears/newbiopage.htm>>. Acesso em 5/4/2009.

LISTA DE GOVERNADORES DO PARÁ. ENCICLOPÉDIA Wikipédia. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_governadores_do_Par%C3%A1>. Acesso em 25 abril 2009.

LISTA DE GOVERNADORES PARAENSES. In: ENCICLOPÉDIA Wikipédia. **LISTA DE GOVERNADORES DO PARÁ.** Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Lista_de_governadores_do_Pará>. Acesso em 28/7/2008.

MAGALHÃES, Lázaro. 11 dias para os eruditos. **O Liberal**, Belém, 24 maio 1996. Caderno Cartaz, p. 1.

MARTINS, Edwaldo. Como parte da programação (...). **O Liberal**, 16 maio 1991.

MARTINS, Edwaldo. Martin Berger. **A Província do Pará**, Belém, 15 maio 1991. 2º Caderno, p. 1.

MESTRE DA GUITARRA. In: MÚSICA PARAENSE. Disponível em <<http://musicaparaense.blogspot.com/2006/08/mestres-da-guitarrada-guitarrada-um.html>>. Acesso em 28/7/2008.

MONTEIRO, Rubens. Radical. **Jornal do Brasil**, São Paulo, 23 abril 1988.

NORONHA, Chico. Êxito total, no Festival Internacional de Música de Câmera. **Correio**, Paraíba, 09 junho 1992. P. 16.

O melhor da percussão na hora do almoço. **O Diário do Pará**, Belém 6ª, 26 maio 1989. Caderno D, p. 1.

O momento das palmas. **O Liberal**, Belém, 15 junho 1997. Caderno Cartaz, p. 7.

Paixão em todos os tons. **O Liberal**, Belém, 4 junho 1997. Caderno Cartaz, p. 8.

PÁSCOA, Márcio. Ópera na Amazônia durante o século XVIII. **Música em Perspectiva**, Revista do programa de pós-graduação em música da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, v. 1, n. 1, p. 43-57, mar. 2008.

PAULO BELLINATI. In: DICIONÁRIO Wikipedia. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Paulo_Bellinati>. Acesso em: 23/5/2009.

PIRES, Carlos A. V. **Festival internacional de música do Pará 15 anos**. Belém: Fundação Carlos Gomes, 2003.

Quarteto Belém no festival camerístico. **A Província do Pará**, 26 de maio de 1988.

Raízes bem brasileiras na primeira música do festival. **O Liberal**, Belém, 24 maio 1988. Arte/Espectáculos, p. 23.

Rumo ao grand finale. **O Liberal**, Belém, 7 junho 1997, caderno Cartaz, p. 1.

SALLES, Vicente. A Música e o Tempo no Grão-Pará. Conselho Estadual de Cultural. Belém: 1980.

SILVA, Nelito P. Platéia nada musical. **A Província do Pará**, Belém, 28 maio 1989. 1º. Caderno p. 11.

SILVEIRA, Rose. Festival internacional homenageia Mozart. **O Liberal**, Belém, 25 maio 1991, 2º caderno, p. 2.

SOARES, Isaac. VIII Festival de Música. **O Liberal**, Belém, 29 maio 1995. 2º Caderno, p. 5.

SWED, Mark. Works by Mario Davidovsky, Anthony Korf, Maurice Wright. Disponível em <http://www.newworldrecords.org/liner_notes/80383.pdf>. Acesso em 5/4/2009.

V Festival de Música de Câmara. **O Liberal**, Belém, 05 maio 1992. Caderno 2, p. 2.

VIEIRA, L. B.; IAZZETTA, F. (ed.). **Trilhas da Música**. Belém: EDUFPA, 2004.

VIEIRA, Lia. B. Introdução da Música Erudita em Belém do Pará. In: _____. **A Construção do Professor de Música:** o modelo conservatorial na formação e atuação do professor de música em Belém do Pará. Belém: CEJUP. p. 37-64.

VIEIRA, Lia. B. A Escola e a Difusão do Sistema Musical Erudito em Belém. In: _____. **A Construção do Professor de Música:** o modelo conservatorial na formação e atuação do professor de música em Belém do Pará. Belém: CEJUP. p. 65-107.

DOCUMENTOS CONSULTADOS:

27 músicos no último dia do Festival. **O Liberal**, Belém, 2 junho 1990. 2º Caderno, p. 2.

A Fundação Carlos Gomes iniciou(...). **O Liberal**, Belém, Caderno 2, p. 4.

A grande noite da emoção. **O Liberal**, Belém, 31 maio 1992. Caderno Cartaz, p. 1.

A hora e a vez do jazz. **O Liberal**, Belém, 6 junho 1997. P. 3.

A música jovem do Grupo de Percussão e Quinteto de Gramado. **O Liberal**, Belém, 26 maio 1989.

A Orquestra de Câmara do Pará(...). **O Diário do Pará**, Belém, 09 maio 1991.

A prima donna do Brasil. **O Liberal**, Belém, 01 junho 1991. 2º Caderno, p. 2.

A vida que foi uma canção. **O Liberal**, Belém, 2 junho 1996. Caderno Cartaz, p. 3.

Ação Cultural. **A Província do Pará**, Belém, 2 de junho 1992. Caderno 1: Primeira Coluna, p. 3.

Acordes do Mundo. **O Diário do Pará**, Belém, 4 junho 1996.

Aos amantes do jazz e dos violões. **O Liberal**, 5 junho 1996. Caderno Cartaz, p. 2.

Artigo sobre o duo Alfa Oliveira (canto) e Lenora Brito (piano). **O Liberal**, Belém, 30 maio 1990. 2º Caderno, p. 3.

Barroco abre a sexta-feira do Festival. **O Liberal**, Belém, 1 junho 1990.

Belém prepara-se para o festival de música de câmara. **O Diário do Pará**, Belém, 23 maio 1991.

Belém sedia 1º Festival de música de câmara. **A Província do Pará**, Belém, 19 maio 1988. 1º Caderno, p. 10.

Belém, ao contrário (...). **A Província do Pará**, Belém, 3 junho 1993.

Big Band faz noite do Festival. **O Liberal**, Belém, 3 junho 1995.

Câmara em festival. **A Província do Pará**, Belém, 25 maio 1988.

Carência de recursos humanos é a barreira. **O Liberal**, Belém, 25 maio 1988. Arte/Espetáculo, p. 21

Carlos Gomes em convênio com fundação holandesa. **O Diário do Pará**, Belém, 2 junho 1993. Caderno A: Variedades, p. 11.

CD da orquestra paraense. **O Diário do Pará**, Belém, 20 maio 1993. Caderno D, p. 6.

Chaves elogia Festival de Música de Câmera de Pará. **A Província do Pará**, Belém, 30 maio 1990. 1º Caderno, p. 8.

Concerto duplo. **A Província do Pará**, Belém, 6 e 7 junho 1996.

Concerto. **O Liberal**, Belém, 20 maio 1990.

Concerto. **O Liberal**, Belém, 30 maio 1990.

Concertos em alto nível. **O Liberal**, Belém, 24 maio 1992. Caderno Cartaz, p. 1.

Concertos internacionais no da Paz. **Diário do Pará**, Belém, 04 maio 1991. Caderno D, p. 7.

Concertos. **O Liberal**, 21 maio 1993. 3º Caderno, p. 7.

Concertos. **O Liberal**, Belém, 18 maio 1993. 3º Caderno: Exposição, p. 7.

Concertos. **O Liberal**, Belém, 23 maio 1993. 3º Caderno, p. 11.

Concertos. **O Liberal**, Belém, 26 maio 1993. 3º Caderno, p. 6.

Concertos. **O Liberal**, Belém, 31 maio 1993. 2º Caderno, p. 5.

Concertos. **O Liberal**, Belém, 4 maio 1993. 3º Caderno, p. 8.

Convênio. **O Diário do Pará**, Belém, 1 junho 1993. Caderno D: Coluna Dicas, p. 6.

Convênio. **O Diário do Pará**, Belém, 1 maio 1993. Coluna Dicas.

Cordas e sopros hoje no festival. **O Liberal**, Belém, 1 junho 1995. Caderno Cidades, p. 3.

De concerto didático. **O Diário do Pará**, Belém, 18 maio 1989. Caderno D, p. 3.

De dois a oito de junho próximo (...). **O Liberal**, Belém, 30 maio 1997. Caderno Cartaz, p. 8.

De música erudita. **O Diário do Pará**, Belém, 10 maio 1991. Caderno D, p. 6.

Dezenas ficam de fora de show no Teatro da Paz. **O Liberal**, Belém, 1 junho 1992. Caderno 1, p. 2.

Diálogo musical. **O Liberal**, Belém, 31 maio 1990.

Divulgação do III Festival. **O Liberal**, Belém, 24 maio 1990. 2º Caderno.

Divulgação. **O Liberal**, Belém, 7 junho 1996. 2º Caderno, p. 4.

Do erudito ao popular. **O Liberal**, Belém, 4 junho 1997.

Dois trios e orquestra no Festival. **O Liberal**, 6 junho 1996. Caderno Cartaz, p. 3.

Domingo é dia de concerto(...). **Jornal da Cultura**, Belém, 24 junho 1992. Caderno 1, p. 1.

Duo de piano e quinteto no festival. **O Liberal**, Belém, 26 maio 1992. Caderno Cartaz, p. 2.

Duo de violino e violoncelo na Ettore Bosio. **O Liberal**, Belém, 24 maio 1990. 2º Caderno, p. 1.

Duo, orquestra e quinteto na “Ettote Bosio” e no TP. **O Liberal**, Belém, 25 maio 1992.

Em Belém, maio é o mês do melhor da música erudita. **O Liberal**, Belém, 29 abril 1991. Jornal dos Bairros.

Em cordas, o folclore universal. **O Liberal**, Belém, 28 maio 1988. Arte/Espetáculo, p. 22.

Em maio, é tempo de festival. **O Liberal**, Belém, 27 abril 1991. 2º Caderno, p. 2.

Entre o erudito e o popular. **O Liberal**, Belém, 27 maio 1990. 2º Caderno, p. 6.

Entrosamento se destaca no recital de hoje. **O Liberal**, Belém, 27 maio 1988. p.23.

Estréia Festival Internacional de Música de Câmara do Pará. **O Diário do Pará**, Belém, 23 maio 1992.

FCG programa série de concertos. **O Liberal**, Belém, 4 maio 1993. 3º Caderno, p. 7.

Festival apresentará hoje sua maior atração(...). **O Diário do Pará**, Belém, 8 junho 1996.

Festival camerístico. **O Diário do Pará**, Belém, 19 maio 1989. Caderno D, p. 3.

Festival de música de Câmara é a melhor opção. **O Diário do Pará**, Belém, 31 maio 1995. Caderno 2, p. 2.

Festival de Música de Câmara inicia domingo. **O Liberal**, Belém, 31 maio 1996, p. 7.

Festival de Música de Câmara. **O Diário do Pará**, Belém, 5 maio 1996. Caderno A, p. 5.

Festival de Música de Câmara. **A Província do Pará**, Belém, 24 maio 1988.

Festival de música no TP. **A Província do Pará**, Belém, 25 maio 1997. P. 3.

Festival encerra programação. **O Liberal**, Belém, 2 maio 1989. 2º Caderno, p. 6.

Festival Internacional de Música de Câmara estréia com novidade. **O Diário do Pará**, Belém, 23 maio 1993.

Festival Internacional: canto, piano e violino. **O Liberal**, Belém, 25 maio 1989. 2º caderno, p. 1.

Festival mescla barroco e renascença. **O Liberal**, Belém, 28 maio 1991. 1º Caderno, p. 2.

Festival tem músicas românticas, hoje. **A Província do Pará**, Belém, 29 maio 1991. 2º Caderno, p. 5.

Festival, Festival II. **O Diário do Pará**, Belém, 26 maio 1995. Caderno 2, p. 5.

Festival. **O Diário do Pará**, 1 junho 1993. Caderno A: Reporte Diário, p. 3.

Festival. **O Diário do Pará**, Belém, 27 maio 1995. Caderno 2, p. 5.

Free Jazz, enfim, para quem quiser. **O Liberal**, Belém, 28 maio 1992. Caderno Cartaz, p.1.

Fundação assina acordo. **O Diário do Pará**, Belém, 29 maio 1993. Caderno A, p.11.

Fundação Carlos Gomes – Programação para este mês. **O Liberal**, Belém, 25 maio 1993. 3º Caderno, p. 6.

Fundação Carlos Gomes – Programação para este mês. **O Liberal**, Belém, 29 maio 1993. 3º caderno, p. 6.

Gafes em noite de erudição. **O Liberal**, 5 junho 1997.

Glória retorna. **A Província do Pará**, Belém, 17 maio 1991.

Grande evento na área da música em Belém. **Jornal do Brasil**, Belém, 23 maio 1988.

Grande Orquestra encerra Festival Internacional. **O Diário do Pará**, Belém, 1 junho 1993. Caderno D.

IX Festival de Música de Câmara. **A Província do Pará**, Belém, 25 maio 1996. P. 7.

Já está pronto o projeto gráfico do livro “Canções de Waldemar Henrique”. **O Liberal**, Belém, 7 junho 1996. 2º Caderno, p. 7.

Leila é atração no festival de música de câmara. **O Liberal**, Belém, 01 junho 1991.

Leila Guimarães e Orquestra do Festival encerram evento da FCG. **O Diário do Pará**, Belém, 31 maio 1992.

Lugar cativo para o entusiasmo. **O Liberal**, Belém, 25 maio 1988. Arte/Espetáculo, p. 21.

Marília Caputo e Quarteto Esterhazy no Festival de Música. **O Liberal**, Belém, 29 maio 1989. 2º Caderno, p. 3.

Música clássica no Núcleo. **O Liberal**, Belém, 23 junho 1993. 3º Caderno, p. 8.

Música de Câmara. **O Diário do Pará**, Belém, 31 maio 1991. Caderno D, p. 3.

Música de Câmara. **O Liberal**, Belém, 22 maio 1992. Caderno 2, p. 4.

Música de Câmara. **O Liberal**, Belém, 25 maio 1992.

Música em Festival. **O Liberal**, Belém, 25 maio 1993. 3º Caderno, p. 8.

Música internacional. **O Diário do Pará**, Belém, 05 maio 1991. Caderno D, p. 5.

Música na catedral. **A Província do Pará**, Belém, 29 maio 1988.

Música no festival. **A Província do Pará**, Belém, 30 maio 1991. 2º Caderno, p. 1.

Música. **O Diário do Pará**, Belém, 5 maio 1993. Caderno D: Coluna Dicas, p. 6.

Músicas antigas e contemporâneas no III Festival. **O Liberal**, Belém, 29 maio 1990. 2º Caderno, p. 1.

Na rota da erudição. **O Liberal**, Belém, 22 maio 1988, 2º caderno, p. 7.

No mesmo tom. **O Diário do Pará**, Belém, 20 maio 1993. Caderno A, p. 3.

Nota. **A Província do Pará**, Belém, 26 maio 1988.

Notas. **A Província do Pará**, Belém, 05 março 1991.

Notas. **O Diário do Pará**, Belém, 21 maio 1991.

Notas. **O Diário do Pará**, Belém, 22 maio 1991. Caderno D, p. 3.

Notas. **O Diário do Pará**, Belém, 25 maio 1991. Caderno D, p. 3.

Notas. **O Liberal**, Belém, 21 maio 1988, 1º caderno, p. 3.

Notícia sobre cursos no festival. **O Liberal**, Belém, 16 maio 1991.

Nova lei de incentivo à cultura. **O Liberal**, Belém, 23 dezembro 1991. Caderno 1, p. 7.

O 5º Festival Internacional (...). **A Província do Pará**, Belém, 29 maio 1993. 1º Caderno, p. 3.

O Festival Internacional de Câmera (...). **O Diário do Pará**, Belém, 2 junho 1993. Repórter Diário.

O melhor da percussão na hora do almoço. **O Diário do Pará**, Belém, 26 maio 1989. Caderno D, p. 1.

O Pará é a capital brasileira da música (...). **O Liberal**, Belém, 2 junho 1996. Caderno Cartaz, p. 4.

O Pará e o Missouri unidos pela música. **O Liberal**, 31 maio 1991. 2º Caderno, p. 1.

O Pará revela a estrela alfa do canto lírico brasileiro atual. **O Diário do Pará**, Belém, 19 maio 1992. Caderno D, p. 1.

O tanto e o baião de gravata e paletó. **O Liberal**, Belém, 29 maio 1993.

O tradicional Festival (...). **A Província do Pará**, Belém, 29 maio 1997. P. 3.

Orquestra de Câmera. **O Diário do Pará**, Belém, 17 maio 1989. Caderno D, p. 5.

Orquestra de Violões do Pará. **O Diário do Pará**, Belém, 5 junho 1996. Caderno G, p. 3.

Orquestra encerra Festival com Dvorak. **O Liberal**, Belém, 4 junho 1995. Geral, p. 1.

Orquestra Jovem Carlos Gomes. **A Província do Pará**, Belém, 6 junho 1996.

Os sons do mundo no Pará. **O Liberal**, Belém, 8 maio 1996.

Paixão em todos os tons. **O Liberal**, 4 junho 1997. Caderno Cartaz, p. 8.

Piano e violino no Teatro da Paz. **O Liberal**, Belém, 27 maio 1992, Caderno Cartaz, p. 2.

Platéia nada musical. **A Província do Pará**, Belém, 28 maio 1989. 1º Caderno, p. 11.

Premiat Trio – Como um vinho bom, suave e barato. **O Liberal**, Belém, 24 maio 1989.

Primeira coluna. **A Província do Pará**, 26 e 27 junho 1996. P. 3.

Quando a voz casa com as cordas. **O Liberal**, Belém, 27 maio 1993. 3º Caderno, p. 9.

Quarteto Belém no Festival Camerístico. **A Província do Pará**, Belém, 26 maio 1988.

Quarteto Esterhazy faz apresentação no festival. **A Província do Pará**, Belém, 24 maio 1988.

Quarteto Esterhazy. **O Liberal**, Belém, 1º junho 1988, Artes.

Quatro virtuosos do arco. **O Liberal**, Belém, 29 maio 1993. 3º Caderno, p. 9.

Quinteto Brass'il na praça. **O Liberal**, Belém, 30 maio 1993. 3º Caderno, p. 4.

Quinteto Ravel homenageia Piazzolla. **O Diário do Pará**, Belém, 27 maio 1992.

Raízes bem brasileiras na primeira música do festival. **O Liberal**, Belém, 24 maio 1988. Arte/Espectáculo, p. 23.

Recital de Ó de Almeida com Eliana Kotschoubey. **A Província do Pará**, Belém, 01 junho 1991.

Rumo ao grand finale. **O Liberal**, Belém, 7 junho 1997. Caderno Cartaz, p. 1.

Suspiros de Mozart no Festival. **O Liberal**, Belém, 25 maio 1988. 1º caderno: Arte/Espetáculo, p. 25

Teatro da Paz, vive noite histórica. **O Diário do Pará**, Belém, 2 junho 1993. 1º Caderno, p. 1.

Tento. **O Liberal**, Belém, 1 abril 1993. Caderno 3.

Termina hoje Festival de Música de Câmara. **O Liberal**, Belém, 9 junho 1996. Caderno Cartaz, p. 9.

Trio camerístico no festival. **O Liberal**, Belém, 28 maio 1990. 2º Caderno, p. 1.

Trio camerístico. **O Diário do Pará**, Belém, 20 maio 1989. Caderno D: Dicas, p. 3.

Trio faz concerto de música de câmara. **O Liberal**, Belém, 27 junho 1993. 3º Caderno, p. 10.

Um festival internacional. **A Província do Pará**, Belém, 10 maio 1991. 2º Caderno, p. 1.

Um grande final. **O Liberal**, Belém, 31 maio 1991.

Uma orquestra só para o festival. **O Liberal**, Belém, 29 maio 1992.

Uma semana de gala. **O Liberal**, Belém, 1 junho 1997.

V Festival de Música de Câmara. **O Liberal**, Belém, 5 maio 1992. Caderno Cartaz, p. 2.

X Festival Internacional de Música de Câmara do Pará. **A Província do Pará**, Belém, 7 junho 1997. 1º Caderno, p. 12.

X Festival Internacional de Música de Câmara do Pará. **A Província do Pará**, Belém, 8 junho 1997. P. 11.

AUGUSTO, Edgar. Começa hoje o VIII Festival. **O Diário do Pará**, Belém, 28 maio 1995. Caderno 2, p. 2.

AUGUSTO, Edgar. É tudo de graça. **O Diário do Pará**, Belém, 27 maio 1993. Caderno D, p. 4.

AUGUSTO, Edgar. Ontem, na abertura do Festival(...). **O Diário do Pará**, Belém, 23 maio 1993. Caderno D, p. 4.

AUGUSTO, Edgar. Termina hoje o V Festival Internacional(...). **O Diário do Pará**, Belém, 31 maio 1992. Caderno 4, p. 4.

- BANDEIRA, Ronaldo. Música. **O Diário do Pará**, Belém, 28 maio 1993. Caderno D, p. 5.
- BARBALHO, Jader. Bom Dia Governador. **O Diário do Pará**, Belém, 2 junho 1993. Caderno A, p. 11.
- BONNA, Marcos. A música sem preconceito. **O Liberal**, Belém, 5 junho 1990.
- BONNA, Mauro. Erudito. **O Diário do Pará**, Belém, 19 dezembro 1993. Caderno D, p. 12.
- BRAGA, Hamilton. Festival da Fundação Carlos Gomes ressalta educação musical. **O Diário do Pará**, Belém, 29 maio 1991.
- BRAGA, Hamilton. O melhor da música de câmara internacional segue os rumos de Belém. **O Diário do Pará**, Belém, 09 maio 1991. Caderno D.
- BRAGA, Hamilton. Orquestra do Pará abre festival internacional de câmara. **O Diário do Pará**, Belém, 26 maio 1991.
- CASTRO, Vera. No mês de maio(...). **O Diário do Pará**, Belém, 7 fevereiro 1993. Caderno D, p. 7.
- CASTRO, Vera. Teatro da Paz: agenda lotada. **O Diário do Pará**, Belém, 25 abril 1993. Caderno D, p. 7.
- DINIZ, Ana. Bom-senso. **O Liberal**, Belém, 2 junho 1992. Caderno 2, p. 5.
- GÓES, Marcus. Festival em Belém do Pará, o fascínio da Arte. **Jornal do Commercio**. 09 e 10 junho 1991, p.21.
- HORTA, Luiz Paulo. Fundação Carlos Gomes. **Jornal do Brasil**, São Paulo, 5 junho 1990.
- HORTA, Luiz Paulo. Contra Pontos. **Jornal do Brasil**, São Paulo.
- LAGE, ADENIRSON. Concerto na Sé. **O Liberal**, 29 maio 1988. 1º Caderno: Sociedade, p. 27.
- LAGE, Adenirson. Festival. **O Liberal**, 19 maio 1993. 2º Caderno, p. 4.
- LAGE, Adenirson. Festival. **O Liberal**, Belém, 5 maio 1993. 2º Caderno, p. 4.
- LANA. Da Cultura Fm. **O Diário do Pará**, Belém, 19 maio 1993. Caderno D: Lana em Poliarno, p. 4.
- LANA. De música. **O Diário do Pará**, Belém, 24 maio 1988. Caderno D, p. 5.
- LANA. Festival Internacional de Música. **O Diário do Pará**, Belém, 2 junho 1996. Caderno D: Lana em Poliarno, p. 2.

LANA. Festival Internacional. **O Diário do Pará**, Belém, 20 maio 1992. Caderno D: Lana em Poliarno, p. 4.

LANA. Muito bom o encerramento do Festival (...). **O Diário do Pará**, Belém, 2 junho 1992. CADERNO D: Lana em Poliarno, P. 4.

LANA. Música de Câmara. **O Diário do Pará**, Belém, 30 maio 1995. Caderno 2: Lana em Poliarno, p. 4.

LANA. Nota. **O Diário do Pará**, Belém, 23 maio 1989. Caderno D, p. 7.

LANA. **O Diário do Pará**, Belém, 31 maio 1992. Caderno D: Lana em Poliarno, p. 4.

LANA. Uma explicação(...). **O Diário do Pará**, Belém, 2 junho 1992. Caderno 2: Lana em Poliarno, p. 4.

MAGALHÃES, Lázaro. 11 dias para os eruditos. **O Liberal**, Belém, 24 maio 1996. Caderno Cartaz, p. 1.

MARTINS, Cristino. Divinos cellos arrebatam Belém. **O Liberal**, 2 junho 1992. Caderno Cartaz, p. 1.

MARTINS, Edwaldo. Abrindo o VI Festival(...). **A Província do Pará**, Belém, 23 maio 1993. 2º Caderno, p.1.

MARTINS, Edwaldo. Agendado para a última semana(...). **A Província do Pará**, Belém, 2 maio 1993. 2º Caderno, p. 1.

MARTINS, Edwaldo. Câmara da FCG abre Festival. **A Província do Pará**, Belém, 25 maio 1991. 2º Caderno, p. 1.

MARTINS, Edwaldo. Dia de muitas atrações no V Festival (...). **A Província do Pará**, Belém, 28 maio 1992. Caderno 2, p.1.

MARTINS, Edwaldo. Hora e vez do Trio Américas (...). **A Província do Pará**, Belém, 2 junho 1993. Caderno 3.

MARTINS, Edwaldo. Jairo Chaves (...). **A Província do Pará**, Belém, 29 maio 1993. 2º Caderno, p. 1.

MARTINS, Edwaldo. Leila Guimarães e Helena Maia. **A Província do Pará**, Belém, 01. Junho 1991. 2º Caderno, p. 1.

MARTINS, Edwaldo. Martin Berger. **A Província do Pará**, Belém, 15 maio 1991. 2º Caderno, p. 1.

MARTINS, Edwaldo. Música no Festival. **O Liberal**, Belém, 28 maio 1997.

MARTINS, Edwaldo. No festival internacional de música de câmara(...). **A Província do Pará**, Belém, 29 maio 1991. 2º Caderno, p.1.

MARTINS, Edwaldo. Notícia sobre o grupo Pentagrama. **A Província do Pará**, Belém, 29 maio 1991. 2º Caderno, p. 1.

MARTINS, Edwaldo. O Trio de Música Antiga(...). **A Província do Pará**, Belém, 25 maio 1993. 2º Caderno, p. 1.

MARTINS, Edwaldo. Orquestra. **A Província do Pará**, Belém, 4 junho 1995. Caderno 2, p. 3.

MARTINS, Edwaldo. Os trios América e Camerístico Paraense(...). **A Província do Pará**, Belém, 6 junho 1996. 2º Caderno, p. 3.

MARTINS, Edwaldo. Programação bastante variada (...). **A Província do Pará**, Belém, 30 maio 1993. 2º Caderno, p. 1.

MARTINS, Edwaldo. Programas variados(...). **A Província do Pará**, Belém, 1 junho 1990. 2º Caderno, p. 1.

MARTINS, Edwaldo. Uma orquestra internacional. **A Província do Pará**, Belém, 02 junho 1991.

MONTEIRO, RUBENS. Radical. **Jornal do Brasil**, São Paulo, 23 abril 1988. Caderno D, p. 3.

NORONHA, Chico. Quinteto Ravel, êxito total no Festival Internacional de Música de Câmara. **Correio**, Paraíba, 9 junho 1992. P. 16.

PITEIRA, José Maria. A Fundação Carlos Gomes investe em informática para salvar um patrimônio inestimável. **O Diário do Pará**, Belém, 04 maio 1991. Caderno D, p. 7.

ROCHA, Walter. VIII Festival Internacional de Música de Câmara do Pará. **O Diário do Pará**, Belém, 30 maio 1995. Caderno 2, p. 6.

SILVA, Rubens. Festival de Música de Câmara. **A Província do Pará**, Belém, 25 maio 1988. 1º caderno, p. 4.

SANTOS, Bernardino. Concerto duplo. **O Diário do Pará**, Belém, 8 junho 1996. Caderno D, p. 4.

SANTOS, Bernardino. Grupo de Percussão. **O Diário do Pará**, Belém, 8 junho 1996. Caderno D, p. 4.

SILVA, Rubens. Circuito fechado. **A Província do Pará**, Belém, 8 maio 1992. Caderno 1, p. 4.

SILVEIRA, Rose. Festival Internacional homenageia Mozart. **O Liberal**, Belém, 25 maio 1991. 2º Caderno, p. 2.

SILVEIRA, Rose. Música brasileira no festival internacional. **O Liberal**, Belém, 30 maio 1991. 2º Caderno, p. 1.

SILVEIRA, Rose. Recital homenageia Schubert. **O Liberal**, Belém, 27 maio 1991. 2º Caderno, p. 1.

SUEDE, Ibrahim. Piano e voz mostram árias de óperas. **O Liberal**, Belém, 28 maio 1992. Caderno Cartaz, p. 2.

ZING, Paulo. Os músicos nacionais. **O Liberal**, Belém, 6 junho 1993. Caderno 2, p. 2.

OBRAS CONSULTADAS

Budasz, Rogério. **Ópera e teatro musical no Brasil (1700-1822)**: convenções, repertório, raça, gênero e poder. Curitiba: DeArtes – UFPR, 2008.

CAIRE-JABINET. **Introdução à historiografia**. Tradução de: Laureano Pelegrin. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

Citações e Notas de Rodapé: Normas para apresentação de documentos científicos, 3, Curitiba: UFPR, 2007.

Encontro de Musicologia Histórica, 5., 2002, Juiz de Fora. **Anais/V Encontro de Musicologia Histórica (integração e sistematização)**. Juiz de Fora: 2004. p. 267-279.

Encontro de Musicologia Histórica, 6., 2004. Juiz de Fora. **Anais/VI Encontro de Musicologia Histórica**. Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 2006.

PÁSCOA, Márcio. Ópera na Amazônia durante o século XVIII. **Música em Perspectiva**, Revista do programa de pós-graduação em música da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, v. 1, n. 1, p. 43-57, mar. 2008.

PIRES, Carlos A. V. **Festival internacional de música do Pará 15 anos**. Belém: Fundação Carlos Gomes, 2003.

Referências: Normas para apresentação de documentos científicos, 4, Curitiba: UFP, 2007.

TEIXEIRA, Elizabeth. **As três metodologias**: Acadêmica, da ciência e da pesquisa. 5. ed. Belém: UNAMA: 2001.

Teses, dissertações, monografias e outros trabalhos acadêmicos: Normas para apresentação de documentos científicos, 2, Curitiba: UFPR, 2007.

VIEIRA, Lia B; IAZZETTA, Fernando (Org.). **trilhas da Música**. Belém: EDUFPA, 2004.

VIEIRA, Lia. B. **A Construção do Professor de Música**: o modelo conservatorial na formação e atuação do professor de música em Belém do Pará. Belém: CEJUP, 2001.

ANEXOS

ANEXO 1: TABELAS DE AFERIMENTO DE PROGRAMAS E REPERTÓRIOS DOS FESTIVAIS

1º FESTIVAL (1988)

TODOS OS CONCERTOS FORAM REALIZADOS NA SALA ETTORE BOSIO DO CONSERVATÓRIO CARLOS GOMES

DATA	23/05
HORA	21:00
COMPOSITORES	João Bosco da Silva Castro; Manoel Dias de Oliveira; José Maurício Nunes Garcia; Guerra Peixe; Carlos Alberto Pinto Fonseca; Waldemar Henrique; Esther Scliar; Francisco Mignone.
INTÉRPRETES	Madrigal da Universidade Federal do Pará. Regente: João Bosco Castro
PROGRAMA	Silva Castro: Cheiro de Mulata; Dias de Oliveira: ?; Nunes Garcia: ?; Guerra Peixe: Série Xavante; Pinto Fonseca: ?; Waldemar Henrique: ?; Scliar: ?; Mignone: ?

DATA	24/05
HORA	21:00
COMPOSITORES	Bach; Vivaldi; Corelli
INTÉRPRETES	Orquestra de Câmera do Pará. Solistas: Eugene Ratchev, Nildo Baía, Afonso Barros: violino,
PROGRAMA	?

DATA	25/05
HORA	21:00
COMPOSITORES	Beethoven; Charles Ives; Villa-Lobos
INTÉRPRETES	Quarteto Esterhazy
PROGRAMA	Beethoven: Quarteto n° 132; Ives: Quarteto n° 1; Villa-Lobos: Quarteto n° 1

DATA	26/05
HORA	21:00
COMPOSITORES	Mozart; Haydn; Carlos Gomes
INTÉRPRETES	Quarteto Belém (Eugene Ratchev: 1° violino, Afonso Barros: 2° violino, Haralampi Mitkov: viola, Petar Saraliev: violoncelo)
PROGRAMA	Haydn: Quarteto Op. 17 n° 5 em sol maior; Mozart: Quarteto n° 15 em Si b maior. Intervalo. Carlos Gomes: Sonata para cordas e sol maior “O Burrico de Pau”

DATA	27/05
HORA	21:00
COMPOSITORES	Brahms; Mozart
INTÉRPRETES	Trio da Fundação Carlos Gomes: Marília Caputo (piano), Jairo Chaves (viola), Jacob Cantão (clarinete)
PROGRAMA	Mozart: KV 496 n° 7; Brahms: Sonata OP. 120 n° 1

DATA	28/05
HORA	18:00
COMPOSITORES	
INTERPRETES	Projeto Cordas. Coordenação: Linda Louise Kruger
PROGRAMA	

DATA	28/05
HORA	21:00
COMPOSITORES	
INTERPRETES	Quarteto Bessler-Reis (Bernardo Bessler (1º violino), Michel Bessler (2º violino), Marie-Christine Springuel (viola), Alceu Reis (violoncelo))
PROGRAMA	

CONCERTO DE ENCERRAMENTO NA CATEDRAL METROPOLITANA DE BELÉM

DATA	29/05
HORA	21:30
COMPOSITORES	Haendel; Albinoni; Vivaldi; Barber; Mozart
INTERPRETES	ORQUESTRA SINFÔNICA DO FESTIVAL. Edward Dolbashian: regente
PROGRAMA	Haendel: concerto-grosso Op. 6 nº 5; Albinoni: Adagio e Sinfonia a quatro; Vivaldi: Primavera; Barber: Adagio para cordas; Mozart: Eine Kleine Nachtmusik

2º FESTIVAL (1989)

Participantes: Quarteto Esterhazy (EUA); Orquestra de Câmara do Pará (BR); Quinteto de Gramado (BR); Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo (BR); The Premiart Trio (EUA); Madrigal da UFPa (BR); Daniel Schene (piano - EUA); Duchesne Cuzan (regente - CUBA)

DATA	22/05
HORA	21:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	Grieg; Britten; Chausson; Schumann
INTERPRETES	Orquestra de Câmara do Pará, Regente: Eugeni Ratchev. Madrigal da UFPa, Regente: João Bosco da Silva Castro. Marina Monarcha: soprano
PROGRAMA	1ª PARTE: Grieg – suíte in Alten Style Op. 40 (OCP. Solistas: Eugeni Ratchev: violino, Haralampi Mitkov: viola). II PARTE: Britten: Simple Symphony (OCP. Regente: Eugeni Ratchev), Chausson: Chanson Perpétuelle (OCP, Solista: Mariana Monarcha, Regente: Eugeni Ratchev). Schubert: Credo, da Missa em sol (Madrigal da UFPa, OCP, Regente: João Bosco da Silva Castro).

DATA	23/05
HORA	12:00
LOCAL	Sala Ettore Bosio
COMPOSITORES	Bach; Liszt; Schumann; Villa-Lobos
INTÉRPRETES	Marília Caputo (piano)
PROGRAMA	Bach: Partita nº 2, BWV 826; Liszt: Estudo Transcendental nº 12. Intervalo. Schumann: Sonata Op. 22 em sol menor; Villa-Lobos: Festa no sertão

DATA	23/05
HORA	21:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	Handel-Halvorsen; James Willey; Bartok; Beethoven
INTÉRPRETES	Conjuntos de Câmara da Universidade do Missouri- EUA. Membros do Quarteto Esterhazy: Eva Szekely (violino), John McLeod (violino), Carleton Spotts (cello) com Daniel Schene: piano
PROGRAMA	1ª PARTE: Händel-Halvorsen: Passacaglia para violino e cello – Eva Szekely, Carleton Spotts; Willey: Duo para violino e piano (1988) – Eva Szekely, Daniel Schene; Bartok: Duo para dois violinos – Eva Szekely e John McLeod. Intervalo. II PARTE: Beethoven: Trio em Mi b Op. 1 nº 1 – John McLeod, Carleton Spotts e Daniel Schene.

DATA	24/05
HORA	21:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	Haydn; Lorenzo Fernandez; Brahms
INTÉRPRETES	The Premiat Trio: Tristan Lehnert: violino, Bradley Sclar: piano; Oswald Lehnert: cello
PROGRAMA	1ª PARTE: Haydn: Trio em Dó Maior HB XV, 27; Fernandez: Trio Brasileiro, Op. 32. 2ª PARTE: Brahms: Trio em Dó Maior

DATA	25/05
HORA	12:00
LOCAL	Sala Ettore Bosio
COMPOSITORES	Beethoven, Schumann, Schubert, Mendelssohn, Fauré, Strauss, Tchaikovsky, Villa-Lobos, Waldemar Henrique
INTÉRPRETES	João Augusto Ó de Almeida (tenor), Eliana Kotschoubey (piano)
PROGRAMA	Não encontrado

DATA	25/05
HORA	21:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	Tartini; Beethoven; Schumann; Paganini; Saint-Saëns
INTÉRPRETES	Duo de violino e piano, Eugeni Ratchev (violino) e Irina Ratcheva (piano)
PROGRAMA	1ª PARTE: Sonata em sol menor (Didona Abandonada); Beethoven: Sonata OP. 12 nº 1. 2ª PARTE: Schumann: Sonata em lá menor “Mit leidenschgtlichen Ausdrenck”; Paganini: Cantabile; Saint-Saëns: Introdução e Rondó Caprichoso

CONCERTO DE ENCERRAMENTO

DATA	28/05
HORA	21:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	Vivaldi; Mozart
INTERPRETES	Solistas: Eva Szekely, Eugeni Ratchev, Maria Vischinia (violinos), Haralampi Mitkov (viola). Orquestra Sinfônica do Festival. Manuel Duchesne Cuzan: regente
PROGRAMA	Vivaldi: Concerto para 3 violinos e Cordas – solistas: Eugeni Ratchev, Eva Szekely, Maria Vischnia; Mozart: Sinfonia Concertante para violino, viola e Orquestra de Cordas – Solistas: Maria Vischnia (violino), Haralampi Mitkov (viola). 2ª PARTE: Mozart: Sinfonia nº 40, KV 550

3º FESTIVAL (1990)

DATA	27/05
HORA	10:00
LOCAL	Praça da República
COMPOSITORES	John Willians; Augustin Lara; Leny Anderson; Ary Barroso; Daniel Havens; Tom Jobim; George Gershwin; Gilberto Gagliardi.
INTERPRETES	Metal Brasil
PROGRAMA	Willians: Olympic Spirit; Lara: Granada; Anderson: Marcha dos Brinquedos; Ary Barroso: Na baixa do sapateiro; Anderson: Burgler's Holliday; Havens: Borage (arranjo); Willians: Vão para Fantasia, Super-Homem, Busca da Arca Perdida, Guerra nas Estrelas; Jobim: Garota de Ipanema; Gershwin: Summertime; Gagliardi: Cantos Nordestinos; Barroso: Aquarela do Brasil.

DATA	28/05
HORA	21:00
LOCAL	Theatro da Paz
COMPOSITORES	Haendel; Marcello; Mozart; Elgar; Tchaikovsky
INTERPRETES	Orquestra de Câmara do Pará. Regente: Eugeni Ratchev
PROGRAMA	I PARTE – Haendel: Concerto Grosso II; Marcello – Concerto A Cinque Op. 1 nº 9. II PARTE: Mozart – Divertimento III; Elgar: Senerade op. 20; Tchaikovsky: Valsa, Humoresque.

DATA	28/05
HORA	12:00
LOCAL	Sala Ettore Bosio
COMPOSITORES	Beethoven; Saint-Saëns; H. Bottermund; R. Schumann; Z. Kodaly
INTERPRETES	Trio de violino, cello e piano: Stephen Shipman (violino), Nelzimar Neves (cello) e Nelson Neves (piano).
PROGRAMA	1ª Parte- Beethoven: Trio para piano, violino e cello; Saint-Saëns: Havanaise para violino e piano; Bottermund: Variações sobre um tema de Paganini. 2ª Parte – Schumann: Fantasiestücke, cello e piano; Kodaly: Dueto para violino e piano.

DATA	29/05
HORA	12:00
LOCAL	Sala Ettore Bosio
COMPOSITORES	Cornish; Melchior Franck; Suzato; Waelrant; Lassus; Claudin de Sermisy.
INTERPRETES	Conjunto de Música Antiga da Fundação Carlos Gomes. Regente: Luiz Carlos Tavares
PROGRAMA	Anônimos: Bella Qui tienes mi Alma (Pavana), Tourdion; Cornish: Blow Thy Horne Hunter; Melchior Franck: Suíte Desfile, Pavana, Galharda, Dança Alemã, Allegro; Suzato: Entrada do Louco, Quatro Allemandes, Dois Rondas; Waelrant: Hard by a Fountain; Lassus: Motona mia cara; De Sermisy: Martin Menoit son Porceau

DATA	29/05
HORA	21:00
LOCAL	Teatro Margarida Schiwazzappa
COMPOSITORES	William Schinstine; Luis Sampaio; Nivaldo Santiago; Kent Williams; Paulo Mello; Luis Gorayeb; Jared Spears; Henrique Mesquita; Egberto Gismonti; Paulo Bellinati.
INTERPRETES	Grupo de Percussão da Fundação Carlos Gomes. Regente: Luiz Roberto Cioci Sampaio
PROGRAMA	Schinstine: Scherzo without instruments; Sampaio: Tempo Vago; Santiago: Abstração; Williams: African Sketch; Mello: Curto Circuito; Gorayeb: Taíta; Spears: A Time for Jazz; Folclore Popular: Boi-Bumbá, Carimbó; Mesquita: Batuque; Gismonti: Karatê; Bellinati: Jongo (as três últimas com arranjo de Fernando Iazzetta).

DATA	30/05
HORA	12:00
LOCAL	Sala Ettore Bosio
COMPOSITORES	Mozart
INTERPRETES	Alfa Oliveira (soprano) e Lenora Brito (piano)
PROGRAMA	Árias de As Bodas de Fígaro e Don Giovanni
GÊNERO	Erudito, vocal, operístico
ESCOLA	Classicismo

DATA	30/05
HORA	21:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	Liszt; Kodaly; Schubert
INTERPRETES	Trio de violino, cello e piano da universidade de Missouri: Eva Szekely (violino), Carleton Spotts (cello), Daniel Schene (piano).
PROGRAMA	I PARTE: Liszt – Mephisto Waltz, Daniel Schene: piano; Kadaly – Duo para violino e cello, Op. 7 (1914). II PARTE: Schubert: Trio em Si b maior, Op. 99

DATA	31/05
HORA	21:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	Haydn; Grazyna Bacewicz; Dvorack
INTERPRETES	Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo: Maria Vischnia, Cláudio Cruz (violinos), Marcello Jaffé (viola), Zigmunt Kubala (cello).
PROGRAMA	I PARTE: Haydn: Quarteto Op. 76 n° 4 “Aurora”; Bacewicz: Quarteto n° 4. II PARTE: Dvorack: Quarteto Op. 96 “Americano”.

DATA	01/06
HORA	12:00
LOCAL	Sala Ettore Bosio
COMPOSITORES	Telemann; Vivaldi; Corelli; Genzmer
INTERPRETES	Fernando Thá Filho (oboé), Luís Carlos Tavares (flauta), Gelda Silva (cravo)
PROGRAMA	Telemann: Trio sonata em dó maior “As mulheres”; Vivaldi: Concerto em dó maior n° 6; Corelli: Sonata em fá maior Op. 5 n° 4; Genzmer: Sonata

CONCERTO DE ENCERRAMENTO

DATA	02/06
HORA	21:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	Santoro; Haydn; Schubert
INTERPRETES	Orquestra Sinfônica do Festival
PROGRAMA	I PARTE: Santoro: Mini Concerto Grosso para Orquestra de Cordas; Haydn: Concerto para Cello e Orquestra Op. 101 em Ré Menor, solista: Zygmunt Kubala. II PARTE: Schubert: Sinfonia n° 5 em si bemol maior.

4º FESTIVAL (1991)

DATA	26/05
HORA	21:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	Haendel; Mozart; Tchaikovsky; Rossini
INTERPRETES	Orquestra de Câmara do Pará. Marina Monarcha: soprano. Regente: Eugeni Ratchev
PROGRAMA	I PARTE - Haendel: Concerto Grosso Op. 6 n° 10; Mozart: Exsultate, Jubilate – Solista: Marina Monarcha. II PARTE – Tchaikovsky: Elegia, Valsa, Humoresque; Rossini: Sonata n° 2.

DATA	27/05
HORA	21:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITOR	Schubert
INTÉRPRETES	Paulo Keuffer (violino), Jairo Chaves (violino), Vassil Kazandjiev (violoncelo), Jonas Arraes (contrabaixo), Lenora Brito, Eliana Kotschoubey (piano), Marina Monarcha (soprano).
PROGRAMA	I PARTE: Fantasia Op. 103 para quatro mãos em fá menor (duo: Eliana e Lenora); Gretchen am Spinnrade, Amante em todos os aspectos, Segredos, Aos Sons, Bem-Aventurança, A Truta (Duo: Marina e Lenora). II PARTE: Quinteto em lá menor “A Truta” (Quinteto: Paulo, Jairo, Lenora, Vassil, Jonas).

DATA	28/05
HORA	12:00
LOCAL	Sala Ettore Bosio
COMPOSITOR	Tylman Suzato, P. Attaignant; Purcell; Stephan Otto; P. Prowo; Monteverdi; Chedeville; Buxtehude; Ludwig Senfl
INTÉRPRETES	Conjunto de Música Antiga da Fundação Carlos Gomes. Regente: Luiz Carlos Tavares. Marina Monarcha (soprano), Zezinho Cardoso (baixo)
PROGRAMA	Suzato: Bergerette; Attaignant: Pavana; Purcell: Ária de Dido e Finale da ópera Dido e Eneas; S. Otto: Siehe meine Freudin; Prowo: Sonata n° 5 a três; Monteverdi: Cor mio! Mentre vi Niro; Chedeville: Sonatille Galante; Buxtehude: Jesu, meine Freund (solista: Zezinho Cardoso); Senfl: The Bells at Speyer.
OBSERVAÇÃO	Músicos que formaram o conjunto na apresentação: Wagner Alonso, João Neto, Wilson Sena, Marcos Oliveira, Francisco Coimbra, Marlize Lima (flauta doce); Maria Celeste Oliveira (violoncelo), Yumi Gosso (cravo), Eloisa Leão, Adriane Queiroz (sopranos), Silvana Ferreira, Marília Vasconcelos (contraltos), Moacir Castro, Onilson Silva (tenor) e Zezinho Cardoso e Vicente Reis (baixo)

DATA	28/05
HORA	21:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITOR	Villa-Lobos
INTÉRPRETES	Missouri Arts Quintet
PROGRAMA	Não encontrado

DATA	29/05
HORA	12:00
LOCAL	Sala Ettore Bosio
COMPOSITOR	Miles Davis; George George Gershwin; C. Pine; Nelson Neves
INTÉRPRETES	Não encontrado

DATA	29/05
HORA	21:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	Mozart; Bartok; Brahms
INTÉRPRETES	Stiching Forum Valerius Ensemble
PROGRAMA	I PARTE – Mozart: Trio K. 498 em mi bemol maior para piano, clarinete e viola; Bartok: Contrasta para piano, violino e clarinete. II PARTE – Brahms: Klavierquartet für Klavier, Violine und Violoncello Op. 25 sol menor;

DATA	30/05
HORA	12:00
LOCAL	Sala Ettore Bosio
COMPOSITOR	Hermeto Pascoal; Mozart; Carulli; Fernando Iazetta; Ary Barroso; Tom Jobim; Nego Nelson; Praetorius.
INTÉRPRETES	Salomão Habib (violão), Jacqueline Malcher (piano), Orquestra de Violões do Pará
PROGRAMA	I PARTE – Praetorius: Galharda-Courante; Hermeto Pascoal: O ovo; Habib: Materiali; Orquestra de Violões do Pará. Nego Nelson: O Pousado do Pombo; Tom Jobim: Samba de uma nota só (duo Salomão Habib e Aline Carneiro: violões). II PARTE – Carulli: Sonatas nº 1 e 2 (Duo Salomão Habib e Jacqueline Malcher)

DATA	30/05
HORA	21:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITOR	Thomas O'Connor; William Albright; John Beck; Ary Barroso; Pixinguinha; Egberto Gismonti; David Mancini.
INTÉRPRETES	Grupo de Percussão da Fundação Carlos Gomes. Regente: Luiz Roberto Cioci Sampaio
PROGRAMA	Não encontrado

DATA	30/05
HORA	18:00 “Quintas Musicais”
LOCAL	Sala Ettore Bosio
COMPOSITOR	Mozart
INTÉRPRETES	Alunos de canto do Instituto Carlos Gomes e Escola de Música da UFPa. Regente: Jonas Arraes. Piano: Guilhermina Nasser e Lia Braga Vieira. Preparadora: Marina Monarcha
PROGRAMA	I PARTE: Seis noturnos para dois sopranos e baixo, com acompanhamento de piano ou cordas: “Luci care, Luci Belle” (allegretto – KV 438 – 1783), “Se Lontan Bem Mio Tu Sei” (adágio – KV 438 – 1783), “Due Pupille Amabili” (andante – KV 439 – 1783), “Più non si trovano fra Mille amante” (andante – KV 549 – 1788), “Ecco qual fiero istante” (andante – KV 436 – 1783), “Mi lagnerò tacendo” (poco adagio – KV 437 – 1783) – Eloisa Leão (1º soprano), Sebastiana Moraes (2º soprano), Zezinho Cardoso (barítono), Alexander Serafimov (1º violino), Celson Gomes (2º violino) e Petar Saraliev (violoncelo). II PARTE: Lieder: “Saudade depois da Primavera” (Vanildo Monteiro – tenor, Ana Margarida Camargo - Piano); “Na Chloe” (Antônio Carlos Feio – tenor, Katia Milene Conceição); “Quando Luise queimou as cartas do amante infiel” (Alfa Oliveira – soprano, Lia Braga – Piano); “A vós, Imensurável Deus...” (Sebastiana Moraes – soprano, Lia Braga: Piano), “Ária de Sarastro”: Zezinho Cardoso e Coro Masculino; “Coro dos Sacerdotes” de “A Flauta Mágica”; “Cantaremos Canções ao Grande Paxá” de O Rapto do Serralho: Alfa Oliveira, Sebastiana Moraes, Sérgio Sagica e Vicente Passarinho (solistas), Regente: Jonas Arres, Piano: Guilhermina Nasser, Percussão: Odília Cozzi, Ana Margarida Camargo e Ricardo Coelho de Souza.
OBSERVAÇÃO	Recital Mozart apresentado nas Quintas Musicais que foi incorporado à programação do Festival

DATA	31/05
HORA	12:00
LOCAL	Sala Ettore Bosio
COMPOSITOR	Donaudy; Stradella; Schumann; Massenet; Hahn; Satie; Villa-Lobos
INTÉRPRETES	Guto Ó de Almeida (tenor), Eliana Kotschoubey (piano)
PROGRAMA	I BLOCO: donaudy: O del mio amato bem; Stradella: Pietà, Signorel; II BLOCO: Schumann: Widmung, Ich grolle nicht, Die beiden Grenadiere; III BLOCO: Massenet: Elegie; Hahn: Si me vers avaient des ailes; Satie: Je te veux; IV BLOCO: Villa-Lobos: Modinha, Canção de Amor e Melodia Sentimental.

DATA	31/05
HORA	21:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	Haydn; Beethoven; Mozart
INTÉRPRETES	Esterhazy Quartet
PROGRAMA	I PARTE – Haydn: Quarteto Op. 9 nº 4 em Dó menor. II PARTE – Mozart: Quarteto K495 em Dó Maior – Dissonante

DATA	01/06
HORA	21:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITOR	Waldemar Henrique; Villa-Lobos; Babi de Oliveira; Puccini; Verdi
INTÉRPRETES	Leila Guimarães (soprano), Helena Maia (piano)
PROGRAMA	Henrique: Uirapuru, Tamba-Tajá; Villa-Lobos: Canção do Poeta do Século XVIII, Melodia Sentimental, Lundu da Marquesa de Santos, Evocação; Babi de Oliveira: Teu nome, Poema para tuas mãos; Puccini: Vissi d'arte, da Tosca; Verdi: Morrô, ma prima in grazia, da Un Ballo in Maschera.

DATA	02/06
HORA	21:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	Mozart; Beethoven; Mozart.
INTÉRPRETES	Orquestra do Festival. Solistas: Leila Guimarães (soprano), Christo Iliev (piano). Regente: Ângela Pinto Coelho.
PROGRAMA	I PARTE – Mozart: Da ópera “Bodas de Fígaro” Overture KV 492, Recitativo e Ária “E Susanna non vien! Dove sono i bei momenti...”, Solista: LEILA GUIMARÃES – soprano; Beethoven: Concerto nº 1 para piano e orquestra, Solista: Christo Iliev. II PARTE: Mozart: Sinfonia nº 41 “Júpiter”.
OBSERVAÇÃO	Concerto em comemoração aos 25 anos de Fundação dos Companheiros das Américas Comitê Pará-Missouri

5º FESTIVAL (1992)

DATA	24/05
HORA	21:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	Janacek; Tchaikovsky; Paganini.
INTÉRPRETES	Orquestra de Câmara do Pará. Solista: Alexander Serafimov (violino), Regente: Eugeni Ratchev
PROGRAMA	Janacek: Suite; Tchaikovsky: Serenade para cordas Op. 68. Intervalo. Paganini: I Palpite variações para violino e orquestra Op. 13

DATA	25/05
HORA	Teatro da Paz
LOCAL	21:00
COMPOSITORES	Haydn; Antonio Rejcha; Beethoven; Debussy
INTÉRPRETES	Jaroslav Pelikan (flauta); Lucie Holubova (oboé); Jindrich Sidla (clarinete); Zdenek Haloun (fagote); Stanislav Schulz (trompa)
PROGRAMA	Haydn: Presto para Quinteto; Rejcha: Quinteto em lá maior. Intervalo. Beethoven: Quinteto em mi bemol maior; Debussy: The little Niger (arr. Eugene Bossa).

DATA	26/05
HORA	12:00
LOCAL	Sala Ettore Bosio
COMPOSITORES	Bizet; Debussy; Fauré
INTÉRPRETES	Luiza Camargo e Lúcia Azevedo (piano)
PROGRAMA	Bizet: Children's Games. Intervalo. Debussy: Petit Suite; Fauré: Dolly, Op. 56

DATA	26/05
HORA	21:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	David Maslanka ¹ ; Samuel Barber; Antonin Dvorak; Mozart
INTERPRETES	Missouri Arts Quinteto
PROGRAMA	Maslanka: Quintet nº 2; Barber: Summer Music, Op. 31; Dvorak: American Quintet (arr. Dan Willet); Mozart: Excerpts from Die Zauberflöte (arr. Dan Willet)

DATA	27/05
HORA	12:00
LOCAL	Sala Ettore Bosio
COMPOSITOR	Piazzolla
INTERPRETE	Quinteto Ravel (1ª formação): Yerko Pinto (1º violino), Nelson Rios (2º violino), Samuel Espinoza (viola), Nelson Campos (violoncelo), Adail Fernandes (contra-baixo)
PROGRAMA	Homenagem a Astor Piazzolla. Parte I: Quatro Estações Porteñas. Parte II: Adios Nonino; Libertango; La muerte Del Angel; Tango Del Angel; Fuga y Mistério. Arranjos: Carlos Anísio de O. Silva

DATA	27/05
HORA	21:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	Mozart; Debussy; Szymanovsky
INTERPRETES	Eva Szekely (violino), Daniel Schene (piano)
PROGRAMA	Mozart: Concerto K-306; Debussy: Sonata. Szymanovsky: Sonata

DATA	28/05
HORA	12:00
LOCAL	Sala Ettore Bosio
COMPOSITORES	Mozart; Haydn; Villa-Lobos
INTERPRETES	Quarteto Vivace. Participação especial do oboísta Fernando Thá Filho
PROGRAMA	Não encontrado

DATA	28/05
HORA	18:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	Piazzolla; Korf; Spears; Sheperd; Fernando Iazzetta; Chick Corea
INTERPRETES	Grupo de Percussão. Regente: Vanildo Monteiro
PROGRAMA	Não encontrado

¹ David Maslanka: compositor norte-americano nascido em 1943 na cidade de New Bedford, Massachusetts. Estudou composição com Joseph Wood no Oberlin College Conservatory e no Mozarteum em Salzburgo, Áustria. Demais informações biográficas e sobre o seu trabalho podem ser obtidas em sua página na internet: <http://www.davidmaslanka.com>. Acesso em 4/4/2009.

DATA	28/05
HORA	21:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	Mozart; Carlos Gomes; Puccini; Mascagni; Wagner; Ponchielli
INTERPRETES	Leila Guimarães (soprano), Helena Maia (piano)
PROGRAMA	Árias de óperas

DATA	29/05
HORA	12:00
LOCAL	Sala Ettore Bosio
COMPOSITORES	Não encontrado
INTERPRETES	Jairo Chaves (viola), Daniel Schene (piano)
PROGRAMA	Não encontrado

DATA	29/05 e 31/05
HORA	Teatro da Paz
LOCAL	Lorenzo Fernandez; Villa-Lobos; Verdi; Carlos Gomes
COMPOSITORES	Lorenzo Fernandez; Villa-Lobos; Verdi; Carlos Gomes
INTERPRETES	Orquestra do V Festival. Regente: Ângela Pinto Coelho
PROGRAMA	Parte I – Ferandez: Batuque; Villa-Lobos: Bachianas Brasileiras nº 2. Intervalo. Parte II: Carlso Gomes: Protofonia (O Guarani), O Ciel di Parahyba (Lo Schiavo); Verdi – Tacea la notte placida (Il Trovatore), Abertura (La Forza del destino), Tu che le vanità (D. Carlo), Pace, pace mio Dio! (La Forza del destino)

6º FESTIVAL (1993)

DATA	24/05
HORA	21:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	Purcell; J. S. Bach; Tchaikovsky
INTERPRETES	Orquestra de Câmera do Pará. Eva Szekely, Eugeni Ratchev (violinos). Regência: Eugene Ratchev
PROGRAMA	Purcell: Chacona em sol maior; Bach: Concerto para dois violinos em ré maior. Intervalo. Tchaikovsky: Serenata para cordas Op. 68.

DATA	25/05
HORA	12:00
LOCAL	Sala Ettore Bosio
COMPOSITORES	Corelli; Vivaldi; Haendel; Giovanni Battista Riccio
INTERPRETES	Trio de Música Antiga: Luiz Carlos Tavares (flauta doce), Gelda Silva (cravo) e Zdeneck Haloun (fagote)
PROGRAMA	Não encontrado/Não divulgado nos jornais

DATA	25/05
HORA	21:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	Eugene Bozza; Tchaikovsky; Mestre Duda; A. M. Espírito Santo; J. Alberto Kaplan
INTERPRETES	Quinteto Metal Brass'íl
PROGRAMA	Bozza: Sonatine; Tchaikovsky (arr. L. Waldech) Dança Napolinata (de O Lago dos Cisnes); Duda: Concertino para trompete (Charles Schlueter). Intervalo. Espírito Santo (arr. Duda): Cisne Branco; Kaplan: Quinteto; Duda: Coletânea 93.

DATA	26/05
HORA	12:00
LOCAL	Sala Ettore Bosio
COMPOSITORES	Não encontrado
INTERPRETES	Nicola Minev (guitarra clássica)
PROGRAMA	Não encontrado

DATA	28/05
HORA	12:00
LOCAL	Sala Ettore Bosio
COMPOSITORES	Mendelssohn; Haydn; Beethoven
INTERPRETES	Trio Camerístico Paraense
PROGRAMA	Mendelssohn: Trio Op. 49; Haydn: Trio; Beethoven: Trio Op. 1 n° 1

DATA	25/05
HORA	18:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	Rupert Kettle; Garry Coleman; Michael Lang; Larry Spivack; George H. Green; Christopher Rouse; Fernando Marconi; Tradiconal
INTERPRETES	Grupo de Percussão da Fundação Carlos Gomes. Vanildo Monteiro: regente
PROGRAMA	I Parte: Kettle: Dinning Room Music; Coleman: Percussion Sextet n° 1; Lang: Quintet; Spivack: Quarteto for Paper Bags; Green: Triplets; Rouse: Ogoun Badagris. II Parte: Capoeira – Maculelê: Ponto de Jongo; Carimbó – Vigia: Samba de Roda; Marconi: Brazuca (Samba)

DATA	27/05
HORA	21:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	Schubert
INTERPRETES	Valerius Ensemble
PROGRAMA	Schubert: Quinteto “A Truta”, Op. 166 D667. Intervalo. Schubert: Octet, Op. 166 D. 803

DATA	28/05
HORA	21:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	Jarbas Maciel; Maciel; Clóvis Pereira; Antônio J. Madureira; Mestre Capiba; Piazzolla; Tradicional
INTERPRETES	Quinteto Ravel (2ª formação)
PROGRAMA	1ª Parte – A Música Armorial: Maciel – Suíte Armorial “A Pedra do Reino”; Pereira: Três Peças Nordestinas; Pereira: Variações sobre um tema de Guerra Peixe; Motivo Popular nordestino*: Muié Rendeira; Madureira*: Turê; Capiba*: Toada e Desafio (*arra.: Adail Fernandes). 2ª Parte: A Música de Astor Piazzolla: arr. Carlos Anísio O. Silva: La muerte del Angel; Otoño Porteño, Contrabajando, Fuga y Mistério; arr.: Arthur Barbosa: Tango del Angel, Melancólico Buenos Ayres; arr.: Adail Fernandes

DATA	29/05
HORA	18:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	Bettin Günes; Daniel Speer; John Harmon; Genival Macêdo; Ernesto Nazareth; Antonio Benedito; Raul de Barros/Ari dos Santos; Severino Araújo
INTERPRETES	Quarteto de Trombones da Paraíba
PROGRAMA	Bettin Günes: Türkischer Tanz; Speer: Sonata – Allegro moderato; Harmon: Autumnal Winds. Macêdo (arr.: Chiquito) Meu Sublime Torrão; Nazareth (arr.: Adail): Odeon; Benedito (arr.: Chiquito): Saiba Executar; de Barros/dos Santos (arr.: Chiquito): Na Glória; Araújo: Espinha de Bacalhau

DATA	29/05
HORA	21:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	Haydn; Prokofiev; Beethoven
INTERPRETES	Quarteto Esterhazy
PROGRAMA	Haydn: Quarteto em A maior, Op. 26 n° 6 (1772); Prokofiev: Quarteto n. 1 Op. 50 (1930). Intervalo. Beethoven: Quarteto em F menor, Op. 85.

DATA	30/05
HORA	21:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	César Franck; Schumann; Mendelssohn
INTERPRETES	Kátia Evrova (piano), Svetoslav Marinov (violino), Vassil Kazandjiev (violoncelo)
PROGRAMA	Franck: Sonata para violino e piano; Schumann: Phantasiestücke Op. 8. Intervalo. Mendelssohn: Piano Trio n° 49

DATA	31/05
HORA	Teatro da Paz
LOCAL	21:00
COMPOSITORES	Locatelli; Brahms; Szymanowski; Prokofiev
INTERPRETES	Daniel Schene (piano), Eva Szekely (violino)
PROGRAMA	Locatelli: Sonata em G menor; Brahms: Sonata em A, Op. 100. Intervalo. Szymanovsky: La Fontaine d'Arethuse, Op. 30 n° 1; Prokofiev: Sonata em D, Op. 94ª

DATA	01/06
HORA	21:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	Strauss; Tchaikovsky; Verdi; Saint-Saëns
INTÉRPRETES	Orquestra do Festival. Solista: Alpha de Oliveira (soprano), Regente: Roberto Tibiriçá
PROGRAMA	Strauss: O Morcego (abertura); Árias de óperas, entre elas, Mon coeur s'ouvre a ta voix (Sansão e Dalila) e Pace, pace (A Força do Destino). II Parte: Tchaikovsky: 4ª Sinfonia

7º FESTIVAL (1994)

DATA	22/05
HORA	21:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	Vivaldi; Haydn; Dvorak
INTÉRPRETES	Orquestra de Câmera do Pará. Solistas: Eugene Ratchev, Eva Szekely, Nicolai Khit (violinos), Petar Saraliev, Antônio del Claro (violoncelos). Regência: Eugeni Ratchev
PROGRAMA	Parte I – Vivaldi: Concerto em Fá maior para 3 violinos e Orquestra, Eugene Ratchev (1º violino), Eva Szekely (2º violino), Nicolai Khit (3º violino), Petar Saraliev (violoncelo contínuo); Vivaldi: Concerto em si bemol maior para violino e violoncelo, Eugene Ratchev (violino), Antônio del Claro (violoncelo); Haydn: Concerto em Dó Maior para violoncelo e Orquestra, Antônio del Claro (violoncelo). Parte II – Dvorak: Serenata para cordas. Orquestra de Câmera do Pará. Regência: Eugene Ratchev

DATA	23/05
HORA	21:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	Dvorak; Guerra-Peixe; Tradicional nordestino; Antônio J. Madureira; Mestre Capiba; Piazzolla
INTÉRPRETES	Quinteto de Cordas Ravel
PROGRAMA	Parte I: Dvorak: Quinteto em sol maior Op. 77. Parte II – Guerra-Peixe: Mourão; Motivo Popular do Nordeste: Mulher Rendeira; Madureira: Toré; Capiba: Toada e Desafio; Piazzolla: La Muerte del Angel, Fuga y Mistério, Prelúdio nº 9, Melancolico Buenos Ayres.

DATA	24/05
HORA	21:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	Vivaldi; Oscar Bohme; Mestre Duda; Osvaldo Lacerda; E. Nazareth; Luiz Gonzaga
INTÉRPRETES	Quinteto Brass'il e Convidados: Charles Schlueter (trompete) e Per Brevig
PROGRAMA	Parte I – Vivaldi: Primavera; Bohme: Sexteto em mi bemol menor OP. 30; Duda: Septeto Brass'il. Parte II – O. Lacerda: Fantasia e Rondó; E. Nazareth: Escorregando, Brejeiro (arranjos: J. A. Kaplan); L. Gonzaga: Gonzaguinha (arr. José Ursicino da Silva 'Duda'), E. Nazareth: Escorregando; Duda: Temas Nordestinos

DATA	25/05
HORA	18:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	L. Anunciação; Ginja; Carlinhos do Repique; M. Mascarenhas; C. Bortolone; Neguinho do Samba; Carlinhos Brown
INTERPRETES	Grupo de Percussão Brasil. Vanildo Monteiro: regente
PROGRAMA	Parte I - • Música indígena • Música Afro • Candomblé; Anunciação: Capoeira; Ginja: Carimbó, Boi Bumbá. Parte II – Repique: Samba (Produto Nacional); Mascarenhas: Choro (Papagaio Embriagado); Bortolone: Baião; Neguinho do Samba: Samba Reggae (Berimbau); C. Brown: Timbalada (Toque de Timbaleiro)

DATA	25/05
HORA	Teatro da Paz
LOCAL	21:00
COMPOSITORES	Beethoven; Villa-Lobos; Khatchaturian; William Kroll; César Franck
INTERPRETES	Duo Moysés Mandel (violino), Daniel Schene (piano)
PROGRAMA	Parte I – Beethoven: Sonata Op. 12 nº 1; Villa-Lobos: O Canto do Cisne Negro; Khatchaturian: Noturno; Kroll: Banjo and Fiddle. Parte II – C. Franck: Sonata

DATA	26/05
HORA	18:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	Jared Spears; Hermeto Pascoal; Paul Creston; William Schinstine; Tim Rescala; Folclore mexicano; Ray Barreto; Piazzolla; Michael Udow
INTERPRETES	Grupo de Percussão da FCG. Maria Cláudia Oliveira: regente
PROGRAMA	Parte I – Spears: Bayport Sketch; Pascoal: Música para caçarolas; Creston: Ceremonial; Schinstine: Scherzo without instruments. Parte II – Rescala: A Dois; Folclore Mexicano: La Bamba (arranjo: W. Cahn); Barreto: Cocinando (arranjo de M. Cláudia Oliveira e Vanildo Monteiro); Piazzolla: Violetango (arranjo de M. Cláudia Oliveira e Valéria Zeidan); Michael Udow: African Welcome Piece

DATA	26/05
HORA	21:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	Glück; Poulenc; Alberto Costa; Granados; R. Strauss; Mozart; Massenet; Verdi; Carlos Gomes; Gershwin
INTERPRETES	Duo Alpha de Oliveira (soprano); Joaquim do Espírito Santo (piano)
PROGRAMA	Parte I – Glück: O del mio dolce ardor; Poulenc: Les Chemins de l'amour; A. Costa: Serenata; Granados: Dança Espanhola nº 5; R. Strauss: Beim Schlafengeh. Parte II – Mozart: Ach! Chi mi dice mai (Don Giovanni); Massenet: Pleurez! Pleurez! Mès yeux (Le Cid); Verdi: Madre Pietosa Vergine (La Forza del Destino); Liberamente or Piangi (Attila), La luce langue (Macbeth), Ave Maria (Otelo), Carlos Gomes: O Ciel di Parahyba (Lo Schiavo); Gershwin: My man's gone now (Porgy and Bess)

DATA	27/05
HORA	21:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	Beethoven; Villa-Lobos; Liszt; Turina
INTERPRETES	Duo Reginaldo Pinheiro (tenor), Sergei Kovalenko (piano)
PROGRAMA	Parte I – Beethoven: Andenken, Neue Liebe Neues Leben, Adelaide, Resignation, An die Hoffnung; Villa-Lobos: Serenata nº 13, Lundú da Marquesa de Santos, Nhapopê. Parte II – Die Lorelei, Oh! Quand Je Dors, Turina: Poema en forma de canciones – Dedecatoria, Nunca Olvida, Cantares, Los Dos Miedos, Las Locas por Amor

DATA	28/05
HORA	21:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	Mozart; Beethoven; Brahms
INTERPRETES	Duo Eva Szekely (violino), Daniel Schene (piano)
PROGRAMA	Parte I – Mozart: Sonata em mi menor K. 304; Beethoven: Sonata em sol maior Op. 96. Parte II – Brahms: Sonata em ré menor Op. 108

DATA	29/05
HORA	17:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	Handel; Beethoven; Chopin; Liszt
INTERPRETES	Daniel Schene (piano)
PROGRAMA	Parte I – Händel: Chaconne; Beethoven: Sonata em fá menor nº 23 Op. 57. Parte II – Chopin: Barcarolle Op. 60; Liszt: Estudo em Fá menor (dos Doze Estudos de Execução Transcendental)

DATA	29/05
HORA	21:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	Mozart; Schubert
INTERPRETES	Orquestra do Festival. Adriane Queiroz (soprano), David Rayl (regente), Reginaldo Pinheiro (tenor), Eduardo Nascimento (barítono)
PROGRAMA	Parte I – Mozart: Abertura de “As Bodas de Fígaro”; Schubert: Missa em sol maior. Solistas: Adriane Queiroz, Reginaldo Pinheiro, Eduardo Nascimento. Parte II – Mozart: Sinfonia nº 38 K. 504 “Praga”

8º FESTIVAL (1995)

DATA	02/06
HORA	21:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	Beethoven; Mendelssohn
INTERPRETES	Trio Américas
PROGRAMA	Beethoven: Trio Op. 1 nº 1 em mi sustenido maior. Intervalo. Mendelssohn: Trio Op. 49 em ré menor

DATA	04/06
HORA	21:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	Dvorak
INTERPRETES	Orquestra do Festival. Antonio del Claro (solista). Roberto Tibiriçá (regente)
PROGRAMA	FESTIVAL DVORAK: Dança Eslava Op. 72 nº 4 em Fá Maior; Concerto para violoncelo e orquestra em si menor Op. 104. Antonio del Claro: violoncelo. Intervalo. Sinfonia nº 8 Op. 88 em sol maior

DATA	29/05
HORA	12:00
LOCAL	Sala Ettore Bosio
COMPOSITORES	Mozart; Villa-Lobos; Donizetti; Schubert etc.
INTERPRETES	João Augusto Ó de Almeida (tenor), Daniel Schene (piano)
PROGRAMA	Mozart: Ich baue ganz (O Rapto do Serralho), Dies Bildnis ist Bezaubern schön (A Flauta Mágica); Villa-Lobos: Seresta nº 13; Donizetti: Povero Ernesto...Cercherò lontana terra, Dedicatória; Schubert: Die Schöne Müllerin, Halt, Am Feierabend, Der Neugieringe, etc...

DATA	01/06
HORA	12:00
LOCAL	Sala Ettore Bosio
COMPOSITORES	Mozart; Ketelbey; Dvorak; T. Burry; Gershwin; L. Anderson; Mancini
INTERPRETES	Quinteto de Cordas Ravel
PROGRAMA	Mozart: Pequena Serenata Noturna; Ketelbey: Santuare of Heart (Meditation Religieuse); Dvorak: Quinteto em sol maior Op. 77; Burry: Adagio molto espressivo; Marchetti: Sierra Morena (Valsa espanhola); Pixinguinha/Adail Fernandes: Carinhoso; C. Pereira: Galope; Gershwin/Adail Fernandes: Nice work IF you can get it; Anderson: Plink, Plank, Plunk; Mancini/Adail Fernandes: P.C.R

DATA	01/06
HORA	21:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	Mozart; Fauré; G. Jokob; Rossini; J. Strauss Jr.; Lorenzo Fernandes; Piazzolla; E. Milicí; Waldir Azevedo; Zequinha de Abreu
INTERPRETES	Quinteto de Sopros Latinoamericano
PROGRAMA	Mozart: Cassazione; Rossini: Abertura de O Barbeiro de Sevilha; Fauré: Suíte Dolly; Jokob: Presto; Rossini: Ária de Fígaro; Strauss: Marcha Radetsky; Perpetum Mobile; L. Fernandez: Alegria da manhã; Piazzolla: Buenos Aires Hora Zero; Milicí: Aire de Báilecito; Azevedo: Pedacinho do Ceu; Abreu: Tico-tico no Fubá

DATA	03/06
HORA	21:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	Dvorka; Chopin
INTERPRETES	Orquestra do Festival. Saule Tatubaeva (solista). Roberto Tibiriçá (regente)
PROGRAMA	Dvorak: Dança Eslava Op. 72 n° 4 em Fá Maior; Chopin: Concerto para piano e orquestra, Op. 21 em Fá Maior. Intervalo. Dvorak: Sinfonia n° 8 em sol maior

9º FESTIVAL (1996)

DATA	04/06
HORA	21:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	Ernani Aguiar; Carlos Gomes; Clóvis Pereira; A. J. Madureira; Scoth Joplin
INTERPRETES	Quinteto da Paraíba (antigo Quinteto Ravel)
PROGRAMA	Aguiar: Quatro Momentos n° 3 para quinteto de cordas; Carlos Gomes: Sonata n° 7 em Ré. Intervalo. C. Pereira: Velane; Madureira (arr. Adail Fernandes): Suíte, Três Peças Armoriais; Joplin: Ragtime Suite.

DATA	05/06
HORA	21:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	Mercer Ellington; Sammy Nestico; Bennie Moten; Waldemar Henrique; Earl Zindars; Rodgers and Hart; Klemmer/Lewis; Green; Leonard Bernstein
INTERPRETES	Amazônia Jazz Band
PROGRAMA	I Parte – M. Ellington: Things ain't what they used to be; Nestico: Tall Corton; Bennie Moten: Moten Swing; Nestico: A Warm Breeze. Intervalo. W. Henrique: Minha Terra, Hei de Seguir Teus Passos, solo vocal: Andréa Pinheiro; Earl Zindars: How my heart sings; Rodgers and Hart: Have you met Miss Jones; Klemmer/Lewis: Just Friends; Green: Body and Soul, solista: Bill Molenhof – Vibrafone; L. Bernstein: Prelude, Fugue and Riffs, solista: Oleg Andreev – clarinet.

DATA	09/06
HORA	21:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	Carlos Gomes; Beethoven
INTERPRETES	Orquestra do Festival. Solistas: Daniel Schene (piano), Eva Szekely (violino) e Antônio del Claro (cello). Roberto Tibiriçá: regente
PROGRAMA	Carlos Gomes: Aberturas de Il Guarany, Lo Schiavo e Fosca. Intervalo. Beethoven: Concerto Op. 56 para piano, violino e violoncelo

DATA	06/06
HORA	12:00
LOCAL	Sala Ettore Bosio
COMPOSITORES	Guerra-Peixe; Smetana
INTERPRETES	Trio Camerístico Paraense
PROGRAMA	Guerra-Peixe: Trio, Smetana: Trio em sol menor Op. 15

DATA	06/06
HORA	18:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	Benny Wolkoff; Haydn; Norman; Vivaldi; Joachim Reider
INTERPRETES	Orquestra Jovem Carlos Gomes. Regente: Jonas Arraes
PROGRAMA	Wolkoff: Alegria; Haydn: Sinfonia nº 27; Joio: Ária para cordas; Vivaldi: Concerto em ré menor; Reider: Rock para cordas, 2º movimento: baixo com mordida

DATA	06/06
HORA	21:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	Schubert; Shostakovich; Beethoven
INTERPRETES	Trio Américas
PROGRAMA	Schubert: Noturno op. Post. 148; Shostakovich: Trio nº 2 em mi menor, Op. 67; Beethoven: Trio em B-bemol maior OP. 97

10º FESTIVAL

DATA	01/06
HORA	21:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	Mozart; Ney Rosauro; A. Carlos Gomes; Offenbach
INTERPRETES	Orquestra Sinfônica do Teatro da Paz. Jorge Zabala (flauta); Wanda Eichbauer (harpa); Cláudia Oliveira. Regente: Andi Pereira
PROGRAMA	Mozart: Concerto em Dó Maior KV 299 para flauta, harpa e orquestra, solistas: Jorge Zabala e Wanda Eichbauer. Ney Rosauro; Concerto para Marimba e Orquestra de Cordas, solista: Maria Cláudia Oliveira. Carlos Gomes: Se as Minga – Abertura; Offenbach: Orfeu no Inferno – Abertura

DATA	02/06
HORA	18:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	G. Ramanis; Frederico Ruiz; N. Alexandrova; Vladislav Valentinovich; Poulenc
INTERPRETES	Quinteto de Sopros da FCG (2ª formação)
PROGRAMA	Alexandrova: Suíte para Quarteto de Sopros; Valentinovich: Pequeno Quarteto em Estilo Clássico; Poulenc: Os Caminhos do Amor (arr. p/ Quinteto de Sopros: Serguei Firsanov). Intervalo. Frederico Ruiz: Três peças para Trio; Ramaniz: Suíte para Quinteto de Sopros

DATA	02/06
HORA	21:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	Samuel Scheidt/Philip Jones; Beethoven/J. Gale; E. Bozza; Adail Fernandes; Villa-Lobos/Duda; Dimas Sedícias; Luiz Gonzaga/Duda; E. Nazareth/J. A. Kaplan; Nando Carneiro
INTERPRETES	Quinteto Brassil. Participação especial: Glauco Nascimento – percussão
PROGRAMA	Scheidt/Jones: Battle Suite; Beethoven/Gale: Sinfonia nº 5, 1º mov.; Bozza: Sonatine. Intervalo. Adail Fernandes: Radegundizando; Villa-Lobos/Duda: Bachianas Brasileiras nº 5 – Ária (Cantilena); Sedícias: Trilogia Matuta; Luiz Gonzaga/Duda: Gonzagueando; E. Nazareth/J. A. Kaplan: Brejeito; Nando Carneiro: Nordestina

DATA	03/06
HORA	21:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	Beethoven; Brahms
INTERPRETES	Trio Américas
PROGRAMA	Beethoven: Trio em dó menor, Op. 1 nº 3. Intervalo. Brahms: Trio em si menor, Op. 8.

DATA	04/06
HORA	18:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	Schubert; Poulenc; Moszkowsky; Cesar Franck
INTERPRETES	Waterloo Festival Players
PROGRAMA	Schubert: Marcha Militar em Ré Maior Op. 51 nº 1, Orit e Dalia Ouziel: piano a 4 mãos; Poulenc: Sonata para clarinete e piano em si sustenido, Michel Lethiec – clarinete, Dalia Ouziel – piano; Moszkowsky: Suíte em sol menor para dois violinos e piano Op. 71, Jerrold Rubenstein, Daniel Rubenstein - violinos, Dalia Ouziel – piano. Intervalo. Cesar Franck: Piano Quinteto em Fá Menor – Dalia Ouziel, Jerrold Rubenstein, Daniel Rubenstein, Vladimir Mendelssohn – viola, Herre-Jan Stegenga – violoncelo

DATA	04/06
HORA	21:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	Shostakovich; Stravinsky; Almeida Prado; L. Bernstein; Chick Corea; Russel Ferrante; Chico Buarque; Sammy Nestico; M. Ellington; T. Persons
INTERPRETES	Amazônia Jazz Band. Regente: Andi Pereira. Solistas: Eugeni Ratchev (violino) – Oleg Andreev (clarinete) – Luiza Camargo (piano)
PROGRAMA	Shostakovich: Suíte nº 1 p/ Jazz-Orquestra, solista: Eugene Ratchev – violino; Stravinsky: Ebony Concerto, solista: Oleg Andreev – clarinete; Almeida Prado – Salmo 148 – Louvor Universal para piano e jazz band 1º Audição Mundial, solista: Luiza Camargo; L. Bernstein: Prelude, Fughe and Riffs, solista: Oleg Andreev. Intervalo. Chick Corea: Blue Miles; R. Ferrante: Out of Town; Chico Buarque: Mil Perdões; Nestico: A Warm Breeze; M. Ellington/T. Persons: Things Ain't what they use to be

DATA	06/06
HORA	18:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	Vic Firth; Steve Reich; John Beek; Tim Rescala; Eduardo Escalante; Fernando Iazzeta
INTERPRETES	Grupo de Percussão da FCG. Regente: Ricardo Aquino
PROGRAMA	V. Firth: Roll – off Rhumba; Steve Reich: Music for Pieces of Wood; John Beek: Concerto p: bateria e Grupo de Percussão, Solista: Gábor Tury. Intervalo. Tim Rescala: Bravo!; E. Escalante: Série Sudestina; F. Iazzeta: Urbanas II

DATA	06/06
HORA	21:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo, Quinteto da Paraíba
INTERPRETES	Dvorak, Mendelssohn
PROGRAMA	Dvorak: Quinteto com contrabaixo, Op. 77 – Maria Vischnia (violino), Betina Stegmann (violino), Marcelo Jaffé (viola), Raiff Dantas Barreto (violoncelo), Xisto Medeiros (contrabaixo). Intervalo. Mendelssohn: Octeto Op. 20 – Maria Vischnia (violino), Betina Stegmann (violino), Yerko Pinto (violino), Ronedilk Dantas (violino), Marcelo Jaffé (viola), Samuel Espinosa (viola), Raiff Dantas Barreto (violoncelo), Nelson Campos (violoncelo)

DATA	07/06
HORA	21:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	Brahms; Villa-Lobos
INTERPRETES	Orquestra do Festival. Jerrold Rubenstein (violino), Luc Dewez (regente)
PROGRAMA	Concerto para violino e orquestra, Op. 77, solista: Jerrold Rubenstein. Intervalo. Villa-Lobos: Bachianas Brasileiras nº 7.

DATA	08/06
HORA	21:00
LOCAL	Teatro da Paz
COMPOSITORES	Copland; Lorenzo Fernandez; Brahms
INTERPRETES	Orquestra do Festival. Helena Elias (piano), Luc Dewez (regente), Andi Pereira (regente)
PROGRAMA	Copland: Fanfarre for a common man; L. Fernandez: Batuque (Danza di negri) Da Suíte Brasileira “Reisado do Pastoreio”. Regente: Andi Pereira. Intervalo. Brahms: Concerto nº 1 para piano e orquestra. Solista: Helena Elias, regente: Luc Dewez.

ANEXO 2: TABELAS DE PROGRAMAÇÕES DOS FESTIVAIS

1º FESTIVAL (1988)

Data	Hora	Local	Ettore	Evento
23	21	Sala Bosio	Ettore	- MADRIGAL DA UFPA Regente: João Bosco da Silva Castro
24	21	Sala Bosio	Ettore	- ORQUESTRA DE CÂMERA DO PARÁ Regente: Eugene Ratchev (Bulgária)
25	21	Sala Bosio	Ettore	- QUARTETO ESTERHRAZY, da Universiade de Missouri (USA) Eva Szekely – 1º violino (Romênia) John McLeod – 2º violino (USA) Carolyn Kenneson – viola (USA) Carleton Spotts – cello (USA)
26	21	Sala Bosio	Ettore	-QUARTETO BELÉM, da Fundação Carlos Gomes (Brasil) Eugene Ratchev – 1º violino (Bulgária) Afonso Barros – 2º violino (Brasil) Haralampí Mitkov – viola (Bulgária) Petar Saraliev – cello (Bulgária)
27	21	Sala Bosio	Ettore	- QUINTETO DO FESTIVAL Maria Vischinia – 1º violino (Uruguai) John Splinder – 2º violino (USA) Marcelo Jaffé – viola (Brasil) Zigmund Kubala – cello (Polônia) Marília Caputo – piano (Brasil)
28	18	Sala Bosio	Ettore	- RECITAL DO PROJETO CORDAS Direção: Profª Linda Louise Kruger, da Universidade de Missouri (USA) Coordenação e Supervisão: Anamaria Peixoto, da Fundação Carlos Gomes (Brasil)
	21	Sala Bosio	Ettore	- QUARTETO BESSLER-REIS Bernardo Bessler – 1º violino (Brasil) Michel Bessler – 2º violino (Brasil) Marie-Christine Springel – viola (Bélgica) Alceu Reis – cello (Brasil) Participação especial: pianista Maria Helena Andrade (Brasil)
29	21:30	Catedral Metropolitana de belém		- CONCERTO DE ENCERRAMENTO ORQUESTRA DE CÂMERA DO PARÁ Regente: Edward Dolbashian, da Universidade do Missouri (USA)

2º FESTIVAL (1989)

DIAS	CONCERTOS DIURNOS	CONCERTOS NOTURNOS
Dia 22/05 (2ª feira)	_____	-CONCERTO DE ABERTURA Orquestra de Câmara do Pará Regente: Eugeni Ratchev Madrigal da Universidade Federal do Pará Regente: João Bosco da Silva Castro Soprano: Marina Monarcha Local: Theatro da Paz – 21:00h
Dia 23/05 (3ª feira)	- Marília Caputo (pianista) Local: Sala Ettore Bosio – 12:00h	-CONJUNTOS DE CÂMERA DA UNIVERSIDADE DE MISSOURI – USA Eva Szekely – violino John McLeod – Violino Carleton Spotts – Cello Daniel Schene – piano Local: Theatro da Paz – 21:00h
Dia 24/05 (4ª feira)	- Nildo Baía – violino Jairo Chaves – Viola Guilhermina Nasser – Piano Local: Sala Ettore Bosio – 12:00h	-PREMIAT TRIO – USA Tristan Lehnert – Violino Bradley Sclar – Piano Oswald Lehnert – Cello Local: Theatro da Paz – 21:00h.
Dia 25/05 (5ª feira)	- João Augusto Ó de Almeida Tenor Eliana Kotschoubey – Piano Local: Sala Ettore Bosio – 12:00h	-Eugene Ratchev – Violino Irina Ratcheva – Piano Local: Theatro da Paz – 21:00h.
Dia 26/05 (6ª feira)	- Grupo de Percussão da FCG Coord. Prof. Luiz Roberto C. Sampaio Local: Sala Ettore Bósio – 12:00h	-QUINTETO DE GRAMADOS – BRASIL Eduardo Flores – Fagote Marcus Bonna – Trompa José Ananias Lopes – Flauta Edmilson Nery – Clarinete Joel Gisiger – Oboé Local: Teatro Margarida Schivazzappa – 17:00h.
Dia 27/05 (sábado)	_____	-Recital do Projeto Cordas Coord.: Profa. Anamaria Peixoto Local: Teatro Margarida Schivazzappa – 17:00h. -Eva Szekely – Violino Daniel Schene – Piano Local: Teatro Margarida Schivazzappa – 21:00h.
Dia 28/05 (domingo)	_____	CONCERTO DE ENCERRAMENTO Orquestra do Festival Regente: Maestro Duchesne Cuzán (Cuba) Local: Theatro da Paz – 21:00h.

3º FESTIVAL (1990)

DIAS	CONCERTOS DIURNOS	CONCERTOS NOTURNOS
Dia 27/05 (DOMINGO)	METAL BRASIL Concerto de Abertura Praça da República – 10h	METAL BRASIL Theatro da Paz – 21h
Dia 28/05 (2ª feira)	TRIO DE PIANO, VIOLINO E CELLO NELSON GOES NEVES – piano STEPHEN SHIPMAN – violino NELZIMAR GOES NEVES – cello Sala Ettore Bosio – 12h	ORQUESTRA DE CÂMERA DO PARÁ Reg.: Eugeni Ratchev Theatro da Paz – 21h.
Dia 29/05 (3ª feira)	CONJ. DE MÚSICA ANTIGA DA FUNDAÇÃO CARLOS GOMES Reg.: LUIS CARLOS TAVARES Sala Ettore Bosio – 12h.	GRUPO DE PERCUSSÃO DA FCG Reg.: LUIZ ROBERTO C. SAMPAIO Teatro Margarida Schiwazzappa – 21h.
Dia 30/05 (4ª feira)	DUO DE CANTO E PIANO ALFA OLIVEIRA – soprano LENORA BRITO – piano Sala Ettore Bosio – 12h.	TRIO VIOLINO, PIANO E CELLO da Universidade do Missouri – USA EVA SZEKELY – piano CARLETON SPOTTS – cello Theatro da Paz – 21h.
Dia 31/05 (5ª feira)	DUO PIANÍSTICO LENORA BRITO ELIANA KOTSCHOUBEY Sala Ettore Bosio – 12h.	QUARTETO DA CIDADE DE SÃO PAULO MARIA VISCHNIA – 1º violino CLÁUDIO CRUZ – 2º violino MARCELO JAFFÉ – viola ZYGMUNT KUBALA – cello Theatro da Paz – 21h.
Dia 01/06 (6ª feira)	TRIO DE FLAUTA, OBOÉ E CRAVO LUIZ CARLOS TAVARES – piano FERNANDO THÁ – oboé GELDA SILVA – cravo Sala Ettore Bosio – 12h.	DUO DE VIOLINO E PIANO DA UNIVERSIDADE DO MISSOURI, USA EVA SZEKELY – violino DANIEL SCHENE – piano Theatro da Paz – 21h.
Dia -02/06 (domingo)	—————	CONCERTO DE ENCERRAMENTO Orquestra do Festival Regente: Aylton Escobar Local: Theatro da Paz – 21:00h.

4º FESTIVAL (1991)

CONCERTOS DIURNOS – SALA ETTORE BOSIO – 12 HORAS

28/05	Conjunto de Música Antiga da FCG Regente: Luiz Carlos Tavares
29/05	Grupo Pentagrama NELSON NEVES – Piano PAULO LEVY – Saxofone ADELBERT CARNEIRO – Baixo JOSÉ SAGICA – Bateria
30/05	Recital de Violão ORQUESTRA DE VIOLÕES DO PARÁ – Dir.: Salomão Habib Duo: SALOMÃO HABIB – Violão JACQUELINE MALCHER – Piano
31/05	Recital de Canto JOÃO AUGUSTO Ó DE ALMEIDA – Tenor ELIANA KOTSCHOUBEY – Piano

CONCERTOS NOTURNOS – TEATRO DA PAZ – 21 HORAS

26/05	Orquestra de Câmara do Pará Solista: MARINA MONARCHA – Soprano Regente: EUGENI RATCHEV
27/05	Recital SCHUBERT Quinteto: PAULO KEUFFER – Violino JAIR CHAVES – Viola VASSIL KAZANDJIEV – Violoncelo JONAS ARRAES – Contrabaixo Duo: LENORA BRITO – Piano ELIANA KOTSCHOUBEY – Piano Duo: MARINA MONARCHA – Soprano LENORA BRITO - Piano
28/05	Missouri Arts Quintet STEVE GEIBEL – Flauta DAN WILLET – Oboé PAUL GARRTISON – Clarinete LAURENCE LOWE – Trompa BARBARA WOOD - Fagote
29/05	Stiching Forum Valerius Ensemble ALEXANDER KRAMAROV – Violino PETER-HANS KEUNING – Viola RENÉ GEESING – Violoncelo ANDRÉ KERVER – Clarinete CHRISTO ILIEV – Piano
30/05	Grupo de Percussão da Fundação Carlos Gomes Regente: LUIZ ROBERTO CIOCI SAMPAIO
31/05	Esterhazy Quartet EVA SZEKELY – Violino JOHN MAcLEOD – Violino KATE HAMILTON – Viola CARLETON SPOTTS - Violoncelo
01/06	Leila Guimarães em Concerto LEILA GUIMARÃES – Soprano HELENA MAIA - Piano
02/06	Concerto de Encerramento Orquestra do Festival Solistas: LEILA GUIMARÃES – Soprano CHRISTO ILIEV – Piano Regente: ÂNGELA PINTO COELHO

5º FESTIVAL (1992)

PROGRAMA DO FESTIVAL

Dia	Sala Ettore Bosio 12:00h	Theatro da Paz	
		18:00h	21:00h
24 domingo			Orquestra de Câmera do Pará
25 segunda	Alfa Oliveira – soprano Eliana Kotschoubey – piano	Orquestra Jovem da FCG Regente: Jonas Arraes	Quinteto de Sopros da FCG Jaroslav Pelikan (flauta), Lucie Holubova (oboé), Jindrich Sidla (clarinete), Zdenek Haloun (fagote), Stanislav Schulz (trompa)
26 terça	Recital de Música Francesa Lúcia Azevedo Luiza Carmargo		Missouri Arts Quintet
27 quarta	Quinteto Ravel		Eva Szekely – violino Daniel Schene – piano
28 quinta	Quarteto Vivace	Grupo de Percussão Regente: Vanildo Monteiro	Leila Guimarães: soprano Helena Maia: piano
29 sexta	Jairo Chaves – viola Daniel Schene – piano		Orquestra do Festival Solista: Eugeni Ratchev Regente: Ângela Pinto Coelho
30 sexta			Quarteto Shostakovich
31 sábado			Orquestra do Festival Solista: Leila Guimarães Regente: Ângela Pinto Coelho
Observação: o Grupo de Trombone apresentou-se na Praça da República às 10 horas no dia 31 a pedido da FCG.			

6º FESTIVAL (1993)**PROGRAMAÇÃO DO FESTIVAL:**

DATA	SALA ETTORE BOSIO 12:00h	TEATRO DA PAZ	
		18:00h	21:00h
24/05			Orquestra de Câmera do Pará. Regente: Eugeni Ratchev
25/05	Trio de Música Antiga	Grupo de Percussão da FCG. Regente: Vanildo Monteiro	Quinteto Brass'il
26/05	Nicola Minev: Guitarra clássica Recital dos alunos de canto de Malina Mineva (18:00h)		
27/05	Duo Malina Mineva (canto) e Nicola Minev (guitarra)		Valerius Ensemble
28/05	Trio Camerístico Paraense		Quinteto Ravel
29/05	Duo Jaroslav Pelikan (flauta) e Sergei Kovalenko (piano)	Quarteto de Trombones da Paraíba	Quarteto Esterhazy
30/05	Duo Pianístico da UFPA		Trio Svetoslav Marinov (violino), Katia Evrova (piano) e Vassil Kazandjiev (violoncelo)
31/05	Duo Márcia Aliverti (canto) e Sergei Kovalenko (piano)		Duo Eva Szekely (violino) e Daniel Schene (piano)
1/06	Duo Luiza Camargo e Lúcia Azevedo (piano)		Orquestra do Festival. Regente: Roberto Tibiriçá

7º FESTIVAL (1994)

DATA	SALA ETTORE BOSIO 12:00h	TEATRO DA PAZ	
		18:00h	21:00h
22/05			Orquestra de Câmera do Pará. Regente: Eugene Ratchev. Eva Szekely, Eugene Ratchev, Nicolai Khit, Petar Saraliev: solistas
23/05	Trio Camerístico Paraense		Quinteto de Cordas Ravel
24/05	Quarteto de Saxofones da FCG		Quinteto de Metais da Paraíba e Convidados
25/05	Duo Pianístico da UFPA	Grupo de Percussão Brasil. Regência: Vanildo Monteiro	Duo de Violino e Piano: Moisés Mandel e Daniel Schene
26/05	Duo de viola e piano: Jairo Chaves e Daniel Schene	Grupo de Percussão da FCG. Regência: Maria Cláudia Oliveira	Recital de canto e piano: Alpha de Oliveira (soprano) e Joaquim do Espírito Santo (piano)
27/05	Quinteto de Sopros da FCG		Recital de canto e piano: Reginaldo Pinheiro (tenor) e Sergei Kovalenko (piano)
28/05	Conjunto de Música Antiga. Direção: Luiz Carlos Tavares		Duo de violino e piano: Eva Szekely e Daniel Schene
29/05		Às 17:00 Recital de piano: Daniel Schene	Concerto de Encerramento: Orquestra do Festival. Regente: David Rayl

8º FESTIVAL (1995)

DIAS	SALA ETTORE BOSIO	THEATRO DA PAZ – 21 HORAS
28/05		GRUPO DE PERCUSSÃO DA FCG Regente: Maria Cláudia Oliveira
29/05	JOÃO AUGUSTO Ó DE ALMEIDA DANIEL SCHENE Canto & Piano	QUINTETO DE METAIS BRASSIL Nailson Simões • Ayrton Benck – Trompetes • Cisneiro de Andrade – Trompa • Radegundes Feitosa – Trombone • Valmir Vieira - Tuba
30/05	DUO PIANÍSTICO DA UFPA Lenora Brito & Eliana Cutrim	DUO SZEKELY – SCHENE Violino & Piano
31:05	SAULE TATUBAEVA Recital de Piano	QUINTETO DE SOPROS DA FCG Igor Kopatchevsky – Flauta • Costantin Gorochenko – oboé • Oleg Andreev – Clarinete • Vadim Klovov – Fagote • Serguei Dorokhov – Trompa
01/06	QUINTETO DE CORDAS RAVEL Roneditk Dantas – violino • Yerko Pinto – violino • Samuel Espinosa – viola • Nelson Campos – Cello • Xisto Mdeiros - Contrabaixo	QUINTETO DE SOPROS LATINOAMERICANO Gustavo de Paco – Flauta • João Johnsson – Oboé • Carlos Ribeiro – Clarinete • Cisneiro de Andrade – Trompa • Egon Figueirosa – Fagote
02/06		TRIO AMÉRICAS Eva Szekeky – violino • Antônio del Claro – violoncelo • Daniel Schene – Piano
03/06	THEATRO DA PAZ -17 horas BIG BAND DA FCG Regente: Andi Pereira	ORQUESTRA DO FESTIVAL Regente: Roberto Tibiriçá Solista: Saule Tatubaeva – piano
04/06		ORQUESTRA DO FESTIVAL Regente: Roberto Tibiriçá Solista: Antônio del Claro - violoncelo

9º FESTIVAL (1996)

Dia	Hora	Evento	Local
02	10:00	Amazônia Jazz Band – Reg. Andi Pereira (Pará)	Pça da República
	21:00	Quarteto de Sopros da FCG (Pará)	Catedral
03	12:00	Duo Pianístico da UFPa. (Pará)	Sala Ettore Bosio
	21:00	The Zorn Trio (Suécia)	Theatro da Paz
04	12:00	Bill Molenhof e Trio (EUA)	Sala Ettore Bosio
	21:00	Quinteto da Paraíba	Theatro da Paz
05	12:00	Orquestra de Violões do Pará	Sala Ettore Bosio
	18:00	Lançamento do Livro “Canções” de Waldemar Henrique	Museu Est. Pará
	21:00	Amazônia Jazz Band – Reg. Andi Pereira (Pará). Solistas: Bill Molenhof (EUA) – Oleg Andreev (Rússia)	Theatro da Paz
06	12:00	Trio Camerístico Paraense	Sala Ettore Bosio
	18:00	Orquestra Jovem Carlos Gomes (Pará)	Theatro da Paz
	21:00	Trio Américas (EUA/Brasil)	Theatro da Paz
07	12:00	Quinteto de Violoncelos da EMUFPa. (Pará)	Sala Ettore Bosio
	20:30	× Concerto Duplo - Isoca, Carlos Gomes, Carimbó e Waldemar - Metal Brassil (Paraíba)	Theatro da Paz
08	18:00	Grupo de Percussão da FCG (Pará)	Theatro da Paz
	21:00	Orquestra do Festival – Reg. Roberto Tibiriçá (Brasil)	Theatro da Paz
09	10:00	Metal Brassil (Paraíba)	Pça da República
	21:00	Orquestra do Festival – Reg. Roberto Tibiriçá (Brasil) Solistas: Eva Szekeley (EUA) Daniel Schene (EUA) Antônio del Claro (Brasil)	Theatro da Paz

10º FESTIVAL (1997)

	PRAÇA DA REPÚBLICA - 10:00h
01/06	Quinteto Brassil (Paraíba)
01/06	Quarteto de Trombones (Paraíba)

	NÚCLEO DE ARTE DA UFPA	
	12:00h	MEIA-NOITE DE MÚSICA
03/06		Salomão Habib e Convidados
04/06	Duo Pianístico da UFPA (Pará)	Walter Bandeira e Paulo José Campos de Melo
05/06	Daniel Schene (Estados Unidos)	Andréa Pinheiro e Convidados
06/06	Waterloo Festival Players (Bélgica)	Angelika Campos de Melo e Paulo José Campos de Melo
07/06		Grupo Pentagrama - Trio Jazzístico

	THEATRO DA PAZ - 18:00 h
02/06	Quinteto de Sopros da FCG (Pará)
03/04	Duo Pianístico Luiza Camargo / Lúcia Azevedo Lisboa (Pará)
04/04	Waterloo Festival Players (Bélgica)
05/04	Orquestra Jovem Carlos Gomes (Pará) - Reg.: Jonas Arraes
06/04	Grupo de Percussão da FCG (Pará) - Reg.: Ricardo Aquino

	THEATRO DA PAZ - 21:00 h
01/06	Orquestra Sinfônica do Theatro da Paz - Reg. Andi Pereira (Pará) Solista: Joyce Zabala (Colômbia) - Wanda Eichenbauer (RJ) Cláudia Oliveira (México)
02/06	Quinteto Brassil (Paraíba)
03/06	Trio Américas (Estados Unidos e Brasil)
04/06	Amazônia Jazz Band - Reg. Andi Pereira (Pará) Solista: Luiza Camargo (Pará) - Eugene Ratchev (Brasil) - Oleg Andreev (Pará)
05/06	Waterloo Festival Players (Bélgica)
06/06	Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo e Quinteto da Paraíba
07/06	Orquestra do Festival - Reg: Luc Dewez (Bélgica). Solista: Jerrold Rubinstein (Bélgica)
08/06	Orquestra do Festival - Reg: Andi Pereira (Pará). Solista: Helena Elias (Paris)

ANEXO 3: ARTIGOS DE JORNAIS

O Liberal, Belém, 15 junho 1996. Caderno Cartaz, p. 7.

O momento das palmas

GAFES E LIÇÕES SOBRE O MOMENTO DE APLAUDIR NUM CONCERTO DE MÚSICA ERUDITA

Você sai de seu trabalho, num dia estafante, e resolve ir ao teatro para ver aquele velho concerto erudito que você nunca tinha se permitido conhecer. Senta na poltrona, escuta uma sineta – tirando a atenção da novidade que vai da palhinha da cadeira até o lustre do teto do teatro – e vê entrar aquele grupo sóbrio de engravatados e seus instrumentos.

Tudo corre bem. Com os olhos num tal “Verdi” sob o papel, você até se sente chique e chega a apreciar aquela música com o folheto do “programa” nas mãos. “Mas que beleza...Mas que maravilha. Vai terminar, terminou...Ah, mas eu vou bater...”, pensa você, quando de repente se vê batendo palmas sozinho sob severos “- chhiiiss” de um pessoal nada amistoso sentado nas cadeiras da fileira inteira de trás: “Ainda não era hora. Só faça isto depois do último movimento garoto”, cutuca com o guarda chuva uma anciã, por cima dos óculos.

Antes que o vermelho das faces dê lugar a um suicídio – e também a algumas manchas vermelhas no chão e no preciso veludo do teatro -, vale saber que você não é a única pessoa do mundo – quem acompanhou a programação da última versão do concorridíssimo Festival Internacional de Música de Câmara comprovou – e que existem várias opiniões sobre a gafe.

“Eu acho tudo isto muito legal, apesar dos constrangimentos e discussões a respeito. É um sinal de que um público novo, que não está acostumado com os rituais e regras do meio, está freqüentando os eventos”, diz o compositor Pablo K., que, como certa parcela do público do festival, esteve presente em quase todas as noites do evento.

“Eu já fiz muito isto. Freqüento o festival desde a sua terceira ou quarta edição”, comenta o músico Rogério Silva, 23, que já chegou a compor a Orquestra Jovem e se iniciou no universo erudito ainda em 1991, quando entrou para a Escola de Música da UFPA. “Foi antes de começar a estudar música. Depois parei de bater palmas e saquei como aquele silêncio, a pausa, é importantíssimo”, diz ele, que, claro, passou a defender aposição dos músicos com respeito ao assunto, mas sem maiores traumas. “Fico constrangido e incomodado pelos próprios músicos que estão no palco, mas é uma espécie de ignorância que não há como condenar. A reação da platéia é verdadeira, espontânea”.

“Não se pode cobrar de um público que não tem formação européia atitudes de primeiro mundo. Até porque não existe informação nem formação para isto. É claro que há o fato de que às vezes se termina apenas um terço da música e a platéia a interrompe com as palmas, até porque o silêncio também é música. Mas também cabe ao músico explicar a essa platéia como as coisas são. O principal objetivo do músico são as palmas, não há dúvida. O que se quer é que aconteçam no momento certo, e acho que explicações são fundamentais”, opina o violonista Salomão Habib.

PÚBLICO – E quando as palmas rompem, antes da hora, no meio daquela sonata? “Se as palmas vierem à tona, o músico tem que agradecer e se portar normalmente. O público merece respeito”, diz o violonista Salomão Habib, que garante não se incomodar ao extremo com o fato. “Graças a Deus tenho uma concentração grande. Acho que as palmas atrapalham apenas o próprio público: se o silêncio é cortado, as ondas sonoras que ainda ficariam por um bom tempo ressoando no teatro, por exemplo, até entrar em harmonia com os átomos, têm este processo interrompido pelo estalar das palmas. No meio de uma obra, é como se te acordassem, mas é perfeitamente contornável”, diz o violonista.

“certamente é um corte, mas eu não sei o que é pior: as palmas ou os psius pedindo silêncio, que fazem até um barulho maior e acabam atrapalhando o músico de qualquer maneira”, diz o tenor paraense João Augusto Ó de Almeida, que fez sua última apresentação no Teatro da Paz por conta do lançamento do CD do compositor Wilson Fonseca.

“É fato que, apesar de haver os que batem palmas na hora errada, tem-se notado que aumentou consideravelmente o número de pessoas que fazem psiu”, comenta Rogério Silva sobre o fato que pode apontar para uma formação de platéia nos últimos anos, mas há quem não afine com o coro.

“O Festival Internacional de Música de Câmara já fez a sua nona versão e sempre teve uma participação que lota o teatro. Mas há a impressão de que não se trata do mesmo público ao longo dos anos. Se se fizesse uma pesquisa, certamente se veria que o público não é o mesmo que freqüentou os últimos festivais, nos anos passados. Se fosse, certamente já saberia o momento certo de aplaudir. Existe sim uma platéia cativa, mas acho que na verdade o grande público é flutuante”, diz o tenor Ó de Almeida, que acredita também que tão importante quanto formar uma platéia freqüente é dar oportunidade e informação para que esta possa aproveitar mais os programas. “Seria bom se os concertistas explicassem o que é um concerto, ou uma sonata... Falta mesmo uma informação maior e também dinheiro. Os próprios folhetos com os programas são muito sumários”.

“É preciso ter humildade e passar dados para as pessoas. Muita gente só aplaude na hora certa porque fica esperando pelas cobras criadas dos concertos”, comenta o pianista e professor Eduardo Franco, que é vencedor de vários prêmios e há três anos dirige uma escola própria. Concorde com ele o músico Rogério Silva, que ainda acrescenta: “Deveria haver mais concertos didáticos ainda, para se explicar ao público como funciona uma orquestra, o que é um movimento etc”.

FESTIVAL – Com programações que mereceram casas cheias durante todos os sete dias de realização, o último Festival Internacional de Música de Câmara do Pará realizado pela Fundação Carlos Gomes – assim com os últimos – deixou pelo menos um indício para os atentos ao circuito erudito da cidade: o público de Belém tem particularidades fortes com relação às outras praças.

“Este público não existe no país inteiro. É uma platéia que tem uma vocação musical impressionante. Além disso, a faixa etária é baixíssima”, disse empolgado o músico Samuel Espinoza, que integra com sua viola o Quinteto da Paraíba, uma das participações mais tradicionais do festival de Belém.

“Há uma empatia enorme. Se considerarmos mesmo diferentes gêneros e grupos, a acolhida no final das contas é excepcional, fora do comum. Por mais que a falta de informação ou as palmas fora de hora incomodem um pouco, as pessoas que por aqui passam ficam completamente encantadas. Certa vez um quarteto de cordas tcheco teve que fazer seis extras em um concerto. Os que vêm até aqui tocam com gosto e até entendem. No final o saldo é positivo”, comenta o tenor João Augusto Ó de Almeida.

ENTENDA MAIS O UNIVERSO ERUDITO

À cappella – Qualquer execução vocal sem acompanhamento de instrumentos musicais.

Concerto – Composição musical para orquestra e solista. Também se usa o termo para eventos com a participação apenas do solista. O público deve aplaudir apenas após o último movimento.

Movimento – Integra um concerto. Exemplo: a Sonata nº 7 em ré de Carlos Gomes é composta pelos movimentos “Allegro Animato”, “Allegro Scherzoso” (sic), “Largo – adagio lento e calmo” e “Vivace”. A platéia deve esperar o fim do último para expor suas palmas, pois as quatro partes citadas fazem parte de uma só obra.

Orquestra – Reunião de vários instrumentos estabelecidos, lógica e esteticamente, em um mesmo grupo homogêneo (exemplo: Orquestra de Violões do Pará).

Duo: Composição para duas vozes ou dois instrumentos.

Sinfonia – composição musical escrita para toda a orquestra, sem participação de solista.

O LIBERAL, Belém, 4 junho 1997. Caderno Cartaz, p. 8.

Paixão em todos os tons

Romena naturalizada americana há 25 anos, a violinista Eva Szekely, 46 anos, conhece Belém há mais de 15 anos. Acompanha o Festival de Música de Câmara do Pará desde sua primeira edição, em 1988, encantada com o entusiasmo do público jovem de Belém pela música erudita e pela beleza do Teatro da Paz. Szekely está em Belém para participar do X Festival de Música de Câmara.

A música erudita em sua vida é herança de família, já que o pai era músico amador que tocava viola e chegou a compor uma orquestra por um curto período de tempo. Todos os membros da família sempre tiveram mergulhados em óperas, sinfonias e sons. O violino, instrumento que Szekely adotou como seu, foi presente de Natal quando tinha seis anos, momento que ela considera como marco de sua carreira. Szekely diz que não tem lembrança de uma época em que tenha pensado em fazer outra coisa a não ser música. Começou aí seus estudos musicais. Aliás, tradição pouca é bobagem: o violino que utiliza em suas apresentações e carrega para cima e para baixo em todas as viagens que faz foi feito há 309 anos, em 1689.

Na década de 70, a família Szekely imigra para a América, fugindo da opressão comunista romena. Escolhe a cidade de Nova York para garantir os estudos musicais da filha única. Aos 22 anos, Eva Szekely já é profissional, e hoje, depois de 24 anos de carreira, é professora da Universidade de Missouri e já viajou pelo Canadá, Europa, França, Grã-Bretanha, Itália, Áustria, Argentina, Paraguai, Chile e Venezuela. No Brasil, a cidade que mais conhece é Belém, mas já tocou em Brasília e Londrina, onde deverá dar um curso no mês de julho, durante o festival de música da cidade (uma turma de estudantes do Conservatório Carlos Gomes já prepara as malas para acompanhar e aprender com a mestra).

Seu “caso de amor” com Belém e o Festival de Música de Câmara do Pará começou graças a um convênio existente entre os Estados “irmãos” do Pará e Missouri, que fazem parte da Organização Companheiros da América, grupo voluntário criado com o objetivo de estreitar laços e promover o intercâmbio cultural no continente americano. Hoje, porém, o casamento já é completamente independente e dá sinais de ter vida longa. Foi num dos festivais paraenses, há 3 anos, que Eva Szekely conheceu o violoncelista

paulista Antonio del Claro e com ele e o pianista Daniel Schene formou o Trio Américas (que se apresentou ontem no Teatro da Paz). Eva Szekely, instrumentista e professora, é a nossa perfilada da semana.

Música – É a única linguagem universal, capaz de comunicar sem palavras. É beleza, emoção e amor.

Ritmo – É dança, energia e disciplina. Eu gosto muito de dançar. O início da música é o ritmo; acredito que lá na pré-história o ritmo já existia antes da palavra como expressão do homem. É a coisa mais fundamental da música.

Preferências – Sou grande amadora de jazz, principalmente da década de 40. Gosto dos outros ritmos e das outras épocas também, mas em especial este porque os músicos que surgiram, Armstrong, Ella Fitzgerald, tinham altíssimo nível. Gosto de música – seja erudita, seja popular -, basta que tenha qualidade.

MPB – Acho que é a maior exportação brasileira, tem altíssimo nível e é muito forte no mundo. Do Brasil tem duas coisas conhecidas lá fora: a Música Popular Brasileira e o café (ri). Para mim, o talento do Brasil é o entusiasmo pela música. O brasileiro canta e dança sempre, não é uma pessoa presa. Gosto do Gilberto Gil, do Tom Jobim e ouvi falar da Maria Bethânia.

Primeiro contato com Belém – Não era a idéia de vir tocar no Brasil, mas na Amazônia. Isso me parecia excêntrico. Eu realmente não esperava uma cidade tão grande, pensava nela menor, dentro da Amazônia. Foi uma surpresa.

Teatro da Paz – Este foi a grande, a maior surpresa. É um dos teatros mais lindos do mundo e, sem dúvida, é o mais bonito a América do Sul. É sempre um grande prazer tocar nele durante os festivais.

O Festival – Tem um nível bastante alto e está cada vez melhor. Os profissionais daqui são muito bons e os convidados são sempre grandes nomes da música. O Festival de Música de Câmara do Pará já tem um nome e uma tradição no continente. Quando fomos à Argentina, por exemplo, perguntamos e todos os músicos sabiam e respeitavam o festival. O melhor, porém, está na característica de ser um festival de música de câmara. A música que se escuta aqui é de grupos de câmara: trios, quartetos, quintetos, quintetos, sinfônicas. Não só duos e solos, como é mais comum.

Público – O Brasil, especialmente Belém, tem a peculiaridade de um público jovem com entusiasmo e interesse pela música. Na Europa e Estados Unidos, a média de idade do público amante de música clássica é de mais de 50 anos. O festival teve essa missão de abrir a porta da música para gente jovem, de formar um público. Para nós, músicos, a coisa mais importante é fazer a música interessar a nova geração.

Reações e aplausos fora de hora – O público de Belém é muito simpático e entusiasta. As reações são sempre de instinto, muito honestas. Quando toco aqui, é como se o público estivesse envolvido, unido em cada uma das notas junto comigo. Esse tipo de interesse é natural dos estudantes de música, mas no Festival não são apenas os estudantes de música que estão na platéia; é geral.

Tocar ou ensinar – Sem dúvida, gosto mais de tocar, é expressão pessoal. Mas o trabalho de ensinar é uma obrigação ética, artística, porque estou interessada em passar a música para a nova geração, como meus professores passaram para mim. Às vezes eu acho que a importância do meu trabalho está mais em ensinar e que tocar também é como ensinar para o público. É como abrir uma porta para uma pessoa que nunca teve contato antes com a música. É preciso cativar, apresentar para ela a música de maneira que queira voltar para assistir outro concerto, e outro e outro.

Festival abre espaço para a MPP

PROJETO “MEIA-NOITE DE MÚSICA” PROSEGUE HOJE NO NÚCLEO DE ARTE COM WALTER BANDEIRA E PAULO JOSÉ CAMPOS DE MELO

Popular num festival erudito, por que não? Pela primeira vez, em 10 anos, a Fundação Carlos Gomes incluiu na programação do Festival Internacional de Música de Câmara um projeto dedicado à música popular. O “Meio-Noite de Música” começou ontem, no Núcleo de Arte da UFPA, com a apresentação de Salomão Habib, seu violão e seus convidados.

Os shows acontecerão sempre à meia-noite e têm estrutura pequena, de dois músicos, perfeita para ser adaptada em bares. O superintendente da Fundação Carlos Gomes, Paulo José Campos de Melo, justifica dizendo que o “Meia-noite...” é uma experiência piloto para descobrir se há público para o projeto e se vale a pena investir em sua ampliação.

Campos Melo conta que o projeto de música popular surgiu de uma idéia do jornalista Nélcio Palheta (Imprensa Oficial do Estado) para aproveitar o potencial turístico do Festival. A princípio, o “Meia-noite...” envolveria todos os bares de Belém, com programações especiais de shows dos músicos paraenses que tocam na noite. “Há um grande potencial turístico, em que eu acredito. Durante o Festival, os acompanhantes dos músicos, ou os músicos que não estão ensaiando nem tocando e não queiram assistir à programação oficial, no teatro, fazem o quê? Saem, vão se divertir nos bares, vão dançar”, diz Campos Melo.

A idéia também serviria para valorizar os músicos paraenses, cultivando uma nova forma do público de barzinho encarar a música. “Eu não fico num bar onde o volume da música seja tão alto que não dá para conversar. O que acontece é que as pessoas vão para os bares e não se interessam pela música e pelos músicos. Daí que o barulho é cada vez maior e o volume do som também aumenta, prejudicando a qualidade musical do artista”, analisa.

Outra consequência natural do circuito de shows populares nos bares como programação do festival, segundo Campos Melo, é o envolvimento da cidade, tornando o Festival Internacional de Música de Câmara um evento menos restrito. “Temos um público cativo, mas ele ainda é limitado às pessoas que gostam de música clássica. As apresentações em bares fariam com que a cidade entendesse a importância desse festival, que já tem uma tradição e está quase grande demais para as possibilidades de realização da Fundação Carlos Gomes”, diz o superintendente.

Com limites de recursos financeiros e humanos, já que a Fundação não tem uma equipe de produção de eventos, ficou impossível realizar o “Meia-noite...” nos bares. “Mesmo assim, insisti na idéia e programei as apresentações no Núcleo de Arte para testar”, conta Campos Melo. “Nos bares, teria que haver uma mudança de costumes também. As pessoas teriam que se predispor a sair de casa para assistir a uma apresentação musical durante, pelo menos, uma hora. Os donos dos bares, por exemplo, não deveriam colocar música mecânica no mínimo durante meia hora antes da apresentação, ou as pessoas não percebem quando o músico entra”, opina.

O próprio superintendente vestiu a camisa do projeto e foi à luta. Participa de duas apresentações no Núcleo de Artes: hoje à noite, acompanha no piano o cantor Walter Bandeira e diz que está “provocando os limites do cantor, com músicas que exigem mais a

voz e menos o showman”. Na sexta-feira, acompanha a cantora e esposa Angelika Campos Melo, especialista em canções de língua românicas (português, espanhol, Frances, italiano, canções cubanas e do folclore calabrês). “É um projeto que eu acredito que tem futuro”, diz.

O Liberal, Belém, 5 de julho de 1997.

GAFES EM NOITES DE ERUDIÇÃO

POUCO FAMILIARIZADA COM A ROTINA DOS CONCERTOS PLATÉIA AINDA NÃO SABE COMO SE COMPORTAR DURANTE UMA AUDIÇÃO

ANA CARINA SANTOS

A primeira vez que Zé foi a um concerto significou mais que um frio na barriga ou um encantamento pela beleza musical e plástica dos quase 100 instrumentos reunidos no palco. Houve gafes, aplausos nas horas erradas, dúvidas e um programa com nomes complicados de compositores nas mãos e informações que seriam tocadas. Quando a orquestra tocou a última nota e finalmente vieram os aplausos “da hora certa”, Zé saiu pensando em contratar um professor de música para lhe explicar tudo o que queria e não queria saber sobre o concerto, ou nunca mais pôr os pés no teatro para ver uma sinfônica.

Pode ser que o Zé seja apenas um personagem fictício, mas a situação é bem real e sentida todos os anos no Festival Internacional de Música de Câmara do Pará. Depois de uma década do evento, claro que muitos já estão familiarizados com as rotinas das sessões eruditas e estes precisam conviver, na mesma platéia, com os que estão chegando agora à praia dos sons clássicos.

Por isso, nunca é demais destrinchar essas noites “de gala” cada vez mais populares entre os paraenses, que já têm até uma Orquestra Sinfônica que se apresenta todos os meses no Teatro da Paz de graça (oportunidade de ouro para praticar). Foi para ir em socorro dessas pessoas que o “Cartaz” ouviu o superintendente da Fundação Carlos Gomes e pianista Paulo José Campos de Melo para explicar, Tim-tim por Tim-tim, tudo o que pode significar alguma dúvida dentro do universo da música erudita.

Para começo de conversa, Paulo Campos Melo lembra que ninguém tem obrigação de ser profundo conhecedor de música para assistir a uma audição e, portanto, não tem motivos de sentir vergonha quando não conhece a obra a ser executada. Os programas distribuídos antes do início da apresentação foram criados para informar as pessoas sobre o que vai acontecer naquela noite. “Por isso é importante que as pessoas não cheguem atrasadas para ter tempo de ler o programa e também para observar o comportamento de outras pessoas na platéia que aparentemente estar mais seguras”, ensina. “Com o programa em mãos qualquer pessoa pode acompanhar o concerto sem cometer gafes”. E como entender o programa?

Não há mistérios. Um programa padrão traz na sua primeira parte, em textos sucintos, informações sobre os autores das peças que serão tocadas e sobre os músicos que irão tocar – se é duo, quinteto, orquestra, os instrumentos etc.

Numa segunda parte, há o roteiro da noite, que deve ser observado com atenção. Em destaque, ao lado esquerdo da página, está o nome do autor da peça. Na coluna da direita está o nome da obra, por exemplo, “suíte para Quarteto de Sopros”. Logo abaixo do título da obra, estão especificados os movimentos da peça, no caso da “Suíte...”, são três: “Valsa”, “Marcha” e “Galop”.

CONCENTRAÇÃO – É aí que mora o perigo. Quando a obra possui um movimento único, tão logo os músicos parem, todos aplaudem e ponto final. Quando há mais de um movimento, porém, a convenção é que o aplauso só deve vir quando todos tiverem sido executados e que nos momentos de pausa prolongadas entre cada movimento, o silêncio deve imperar. Por quê? Campos Melo explica que um movimento é como se fosse um capítulo de um livro, ou um ato de um espetáculo teatral. Faz parte de um contexto, de uma obra inteira, que precisa ser ouvida para ser compreendida (ainda que os movimentos possam ser executados isoladamente). O aplauso não deve acontecer, porque quebra a ligação entre os movimentos, tira a concentração dos músicos e atrapalha a execução. “A música é menos flexível que uma peça de teatro, onde um aplauso em cena aberta é considerado glorioso. Se o músico perde a concentração, é como se tivesse que recomeçar do zero a execução da obra, perdendo tudo o que tinha conquistado antes”.

A explicação convence, mas Campos Melo também lembra que esse aplauso fora de hora nem sempre é negativo. Pode ser o efeito de quebrar o gelo entre os músicos e uma platéia desconhecida, acabando com a tensão e, conseqüentemente, melhorando o desempenho do artista. “Não é o pior crime. Pode acontecer, desde que não se torne insistente, atrapalhando a música”, diz. “Também temos que lembrar que o público brasileiro e ainda mais o de Belém, porque muito jovem, é impulsivo. Existe uma cultura do barulho. Quanto mais barulho a platéia faz, mais gostou”.

Resumindo, quando tiver dúvidas, dê uma olhadinha no programa, que está ali para salvar os desavisados das gafes. E se o que você ouviu foi fantástico demais para que se contenha, pode aplaudir e até gritar um “bravo”, desde que com moderação. E para os radicais, é bom lembrar que os “ssshiiiss” para pedir silêncio são piores do que os aplausos.

Campos Melo também dá outra dica para saber a hora exata de ovacionar os artistas: os sinais dos músicos no palco. Segundo ele, em toda apresentação, os artistas sempre dão sinais de quando a execução da peça chegou ao fim ou de quando é somente uma pausa entre movimentos. “O músico só olha para a platéia quando termina a peça. Antes, por mais que existe o instrumento ou relaxe a postura, esta sempre “dentro” da obra, olhando para a partitura, concentrado”, descreve.

Outros sinais bem claros podem ser “lidos” durante o concerto: o regente de uma orquestra só abaixa os braços quando termina tudo. Os músicos, sempre que terminam uma obra, se erguem para receber os aplausos do público. O pianista só tira as mãos do teclado quando acaba a peça e o violinista só tira o instrumento do ombro quando termina, por

exemplo. Observar esses detalhes não significa que o espectador vá ficar tenso na cadeira, sem sequer piscar, só para descobrir qual a hora de aplaudir, pelo contrário, contrário, poderá dar outra dimensão à audição, mais plástica e visual.

NÃO ERRE MAIS

Verbetes ajudam a compreender

Descubra agora o que significam os verbetes mais comuns dos programas de audições clássicas:

- **Concerto:** É uma obra composta por três movimentos, que alternam tempos e ritmos (graves, rápidos e lentos). O concerto é sempre produzido para um solista e uma orquestra, podendo acontecer, ainda que raramente, um concerto em que a própria orquestra é solista. Um concerto pode durar de 20 minutos a uma hora.
- **Movimento:** São peças que podem ser tocadas isoladamente, mas fazem parte do contexto de uma obra inteira mais ampla. Apesar da independência entre si, foram compostas pelo artista com o pensamento de unidade da obra.
- **Tempo:** É a pulsação da música, a velocidade com que é tocada, sempre designado a partir das classificações dadas pelo compositor na partitura para cada um dos movimentos lentos, vivos, rápidos ou graves.
- **Allegro, Allegretto, Allegro vivace:** São ritmos vivos e rápidos da música.
- **Andante, Adagio, Adantino, Largo, Adagio:** São os ritmos mais trágicos, calmos e lentos dos movimentos.
- **Graves:** São movimentos curtos, que anunciam ou um grand finale ou um grand início. Difícilmente se encontra um movimento inteiro com tom grave.
- **Presto, Prestissimo:** São os muitos alegres, rapidíssimos e os mais livres movimentos.
- **Suítas:** Foram criadas para a diversão das cortes. É uma obra composta por vários movimentos dispostos por vários movimentos de ritmos dançantes (rondó, minuets, valsas, prelúdios, courante, gavotes, gigas, etc.). O número de movimentos é limitado, mas segue sempre a mesma estrutura de alternância de tempo entre os movimentos do concerto.
- **Sonata:** Este gênero musical atingiu seu apogeu na era romântica. Uma sonata clássica tem três movimentos, mas existem composições com dois, quatro e até um único movimento. A sonata é uma obra composta para poucos instrumentos, apenas dois ou três.
- **Prelúdios:** Peças musicais pequenas que são independentes mas que podem fazer uma introdução a uma obra. Geralmente anunciam as fugas.
- **Fuga:** É um tema (sequência) musical que se repete durante toda a peça, trabalhando em diversas tonalidades encadeadas.
- **Baladas:** É a mesma coisa que as baladas populares conhecidas hoje, em versão clássica. Atingiram seu apogeu no romantismo.
- **Tocatas:** Peças pequenas, mais agressivas e rítmicas.
- **Sinfonia:** É uma sonata feita para uma grande orquestra. O que difere uma sinfonia de um concerto é que, na sinfonia, não existe a figura do solista e os momentos de solo são divididos entre os naipes musicais.

- Naipes: São as classes de instrumentos que compõem a orquestra. Cordas, sopro de madeira, metais e percussão.
- Ópera: É o drama ou comédia musicados. Os personagens, em vez de falarem, cantam e são acompanhados por uma orquestra.
- Orquestra: É a reunião de um grande número de músicos no palco. Existem orquestras de naipes específicos, tipo orquestra de cordas, orquestra de metais etc. as orquestras sinfônicas reúnem todos os naipes existentes. Pode-se classificar de orquestra a partir de oito instrumentos, em alguns casos, mas uma sinfônica precisa ter, no mínimo, 50 instrumentos em sua composição.
-

O LIBERAL, Belém, 6 de junho de 1997. Caderno Cartaz, p. 3.

A HORA E A VEZ DO JAZZ

Dentro da programação do festival de música de câmara do Pará, o trio Pentagrama se apresenta amanhã no Núcleo de Arte da UFPA

O Pentagrama se apresenta amanhã à meia-noite no Núcleo de Arte da Universidade Federal do Pará, na Praça da República. O espetáculo é parte do X Festival Internacional de Música de Câmara do Pará, que acontece desde o dia 1º e encerrará neste domingo. O show é imperdível para os amantes do jazz. O trio jazzístico formado pelo pianista Nelson Neves, pelo baixista Adelbert Carneiro e pelo baterista José Sagica, todos músicos de primeira linha, foi formado em 1989 e tem a proposta de desenvolver uma linguagem própria. No programa: “Some Day My Prince Will Come” *”Um Dia Meu Príncipe Chegará”), de Churchill, um tema de Branca de Neve; “Tamba Tajá”, do maestro Waldemar Henrique, que ganhou o devido tratamento para ser encaixada como jazz; “Emily”, de Johny Mandel; “Super Blue”, de Bernard Ighner; e duas composições de Nelson Neves: “Ballad for Lucila” e “Find Out”.

Na “Meia-noite de Música” o público paraense terá a oportunidade ímpar de conhecer o suingue negro do jazz, um tipo de música que não admite meio termo: ou se gosta ou não se gosta. Nelson, 38 anos, que leciona piano no Conservatório Carlos Gomes, tem uma formação clássica. Ele começou a tocar aos quatro anos e nunca mais parou. Foi bolsista do governo nos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo, onde aprimorou seus conhecimentos e viveu nos Estados Unidos, estudando música na Universidade de Columbia, em Missouri. Para ele, não há formação melhor para o músico de jazz que a erudita. “É imprescindível. É nesta formação que se adquire a técnica”.

Nelson sempre gostou de música popular, mas seu contato mais detido com o jazz foi no final da década de 70, no Rio de Janeiro. Ouviu Bill Evans, “um branco que conseguiu entrar no mundo negro do jazz e que foi considerado um gênio pela crítica americana”, e nunca mais largou o ritmo. Desde então, se apaixonou pelo jazz. E se depender do músico esse romance é para a vida toda.

O pianista fala com empolgação do ritmo que eleger para marcar sua carreira: “O suingue é o elemento vivo do jazz. Vinte músicos de uma big band podem tocar uma nota curta em frações de segundos e às vezes ela nem pode ser escrita. Ou seja, ou você sente o

momento ou você está por fora do jazz. O jazz não é algo que se toca, ele é “como se toca”. É ritmo, fraseado... Improviso! E com improviso vem a liberdade”. Para Nelson, o músico clássico consegue a técnica e interpreta. “Agora, o jazz é ao mesmo tempo três coisas: composição, interpretação e improvisação. Um barato e tanto”.

SERVIÇO – O show do Pentagrama acontece a partir de meia-noite de sábado no Núcleo de Arte da UFPA, na Praça da República, como parte do X Festival Internacional de Música de Câmara do Pará. Deve durar de uma hora a uma hora e meia.
